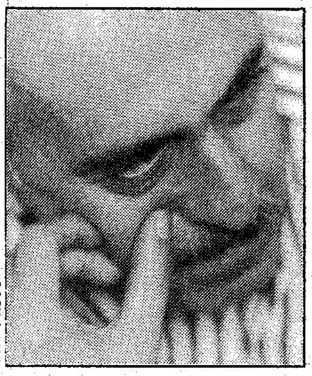
Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23297 DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA SEGUNDA-FEIRA 6 AGOSTO 90 70$00

Cascais contra «mastodontes»

Vários projectos (um de Champallimaud, outro de uma empresa japonesa) ameaçam 800 hectares da área de Paisagem Protegida Cascais-Sintra

Pág.8



Rui Vasco

Iosseliani entrevistado pelo «DL»

«E Fez-se Luz», o mais recente filme de Otar Iosseliani, estreia-se em Lisboa dentro de dias.

O «DL» entrevistou o realizador, que se pronunciou sobre a situação do cinema na União Soviética.

Pág.22

Iraque faz chantagem

Reféns estrangeiros utilizados contra as sanções económicas

Os principais países ocidentais já adoptaram sanções económicas contra o Iraque, proibindo a importação de petróleo e a exportação de armamento. Perante esta atitude, que tem graves consequências para a sua depauperada economia, Bagdad ameaça agora fazer valer como reféns os cidadãos dos países que promovem as sanções, residentes no Kuwait. Com a hipótese de uma resposta militar cada vez mais afastada, os EUA examinam, através dos seus serviços secretos, a possibilidade de promover acções desestabilizadoras contra o regime de Saddam Hussein, segundo revela hoje o «Washington Post». O embargo ao Iraque provocou esta manhã uma nova queda nas Bolsas de Valores.

Pág.11

France Press

Manifestação de pesar em Hiroxima no 45.º aniversário do lançamento da Bomba

Hiroxima

A Imprensa portuguesa não se apercebeu, há 45 anos, da importância da Bomba

A Imprensa portuguesa secundarizou a importância do lançamento da bomba atómica em Hiroxima. Coincidindo com o 45º aniversário do bombardeamento da cidade nipónica, o nosso jornal publica hoje um «dossier», onde – além de analisar o tratamento jornalístico de Hiroxima no nosso País e a actuação da censura de guerra norte-americana – se reflecte sobre o início de uma nova era na história da Humanidade. Artigos de Adriano Duarte Rodrigues, Carlos Gaspar e Mário Mesquita. Estudo de Anabela Ramalhão de Almeida e Salomé Branco Joanaz. Entrevista com Mário Neves. Recensão de Isabel Joyce.

Págs. 2 a 6

Rui Vasco

Peniche, a procissão e o nevoeiro

Não está em causa o culto centenário a Nossa Senhora da Boa Viagem, mas os pescadores de Peniche, que continuam a dirigir-lhe as suas preces, duvidam de que valham a pena os esforços e os custos para levá-la em procissão de barcos, uma vez por ano. Agora, foi o nevoeiro que fez cancelar o cortejo.

Feirense não larga amarela da Volta

Quando a camisola amarela do «Tour» lusitano foi envergada por Paulo Silva, ninguém ousaria debitar o prognóstico de que a equipa do Feirense completasse 1100 quilómetros no topo da escala, superando os diversos ataques movidos pelos golias da Sicasal, da Recer, da Royal e dos demais fortes esquadrões em prova. Depois de Paulo Silva, coube ao polaco Dulas Andrezej envergar o «jersey» dourado, para, na arrancada de hoje para Tondela, ser o companheiro de ambos, Fernando Carvalho, a partir da cor do Sol. Reportagem nas págs. 16 a 19 com o patrocínio de

urbicidade MEDIADORES ALMADA

DL

Carta (quase) aberta a Mário Soares Pág. 9

Melão: calor e espanhóis estragam o ano Pág. 20

Vietname proibe a Lambada Pág. 13

Incêndios Domingo escaldante Pág. 15

PORTE PAGO

Hiroxima - a nossa memória de sobreviventes

Depois de Hiroxima, «passamos a existir todos sob o modo da sobrevivência», escreve, nesta edição do «DL», Adriano Duarte Rodrigues. 6 de Agosto de 1945 é uma data-fronteira da história contemporânea. Dela nos fala, em ópticas e registos diversificados, esta «Grande Angular»: analisa-se o comportamento dos jornais portugueses, nos dias seguintes à explosão nuclear, que ficou à margem do acontecimento («A bomba atómica secundarizada na Imprensa portuguesa»), bem como a estratégia da censura de guerra norte-americana (pág.4); reflecte-se sobre o início de uma nova era na história da humanidade, em termos filosóficos e comunicacionais («A Bomba e os Media», pág.5) ou de estratégia e política internacional («Elogio da Loucura», pág.5)

GRANDE ANGULAR

Um acontecimento secundarizado na Imprensa portuguesa

Com a explosão da primeira bomba atómica sobre 100 mil habitantes da cidade nipónica de Hiroxima, não só se precipitava o fim da Segunda Guerra Mundial, como se inaugurava uma nova fase para a condição humana. No entanto, os jornais portugueses (pelo menos, os seis diários de Lisboa analisados) não se aperceberam de tudo o que estava em jogo e deram pouco relevo ao tema

Hitler havia perdido... Os nipónicos, esses, teimavam em prosseguir a guerra no Pacífico, onde sofriam agora derrotas sucessivas. Os americanos avançavam nos territórios inimigos, alcançando vitórias umas sobre as outras. A situação começava a ficar insustentável. Em todo o lado se via miséria e destruição...

É neste contexto que os EUA vão experimentar *a nova arma.*. No dia 6 de Agosto -- narra o historiador Eddy Bauer --, um B29 americano lançava a arma mais terrível que a História já conheceu: «6 de Agosto, 8.15, Hiroxima: e assim, após ter carregado a bomba de urânio 235 Little Boy, a super fortaleza voadora Enola Gay, pilotada pelo coronel Paul Tibbets, descolou às 2.45 do dia 6 de Agosto. Às 8.15, estava sobre o seu objectivo de Hiroxima, e largou o engenho. 43 segundos depois, dava-se a explosão...»

Segundo o navegador Von Kirk -- relata a mesma fonte -- «foi como se a lâmpada de um fotógrafo tivesse explodido no interior do avião» e, testemunha o co-piloto Robert Lewis, «creio bem que ninguém esperava um tal espectáculo. Ali onde dois minutos antes distinguiamos uma cidade banhada pela luz do sol, não víamos agora mais do que o fumo e os incêncios. Em três minutos, a nuvem atómica subiu à nossa altitude (12 km² de Hiroxima tinham sido totalmente arrasados...)».

A explosão da primeira bomba atómica constituiu um acontecimento de inegável repercussão universal. Pôs termo à Segunda Guerra Mundial. Inaugurou uma nova era nas relações internacionais. A fim de analisar o respectivo tratamento na Imprensa portuguesa, utilizando uma metodologia comparativa, escolhemos seis diários de Lisboa: os matutinos «Diário de Notícias», «O Século» e «Jornal do Comércio»; os vespertinos «Diário de Lisboa», «Diário Popular» e «República».

Maior destaque em «O Século» e nos vespertinos

O acontecimento foi noticiado, pela primeira vez, a 7 de Agosto, na primeira página. Este é um dado comum a todos os jornais, matutinos ou vespertinos. O destaque não foi muito grande. A ressonância da notícia -- ou seja, o seu desenvolvimento nos dias seguintes -- é muito limitada. A notícia foi perdendo progressivamente importância. Só é motivo de destaque da Imprensa nacional durante cerca de dois ou três dias (entre o dia 7 e o dia 9, sensivelmente). A partir daí, passou para as páginas interiores dos jornais, salvo raras excepções (ex: «O Século» e o «Diário Popular», que, curiosamente, depois do dia 16, voltaram a publicar a notícia em primeira página).

No entanto, o tema volta à primeira página, em quase todos os jornais, alguns dias após o acontecimento (dia 12 e 13), mas, agora, com as declarações de Einstein ou com o lançamento da segunda bomba atómica. A notícia de Hiroxima nunca alcançou o destaque das notícias sobre o fim da Guerra ou a rendição do Japão. Por diversas vezes é dado um maior destaque a assuntos internos.

No que respeita à comparação entre matutinos e vespertinos, podem tirar-se várias ilações: embora, em geral, os vespertinos tratem o assunto com maior destaque (o «Diário de Lisboa» é um exemplo marcante), «O Século» (matutino) é o jornal que mais relevo dá ao assunto, destacando-o a vermelho na primeira página (dia 7 e 8).

Enquanto determinados jornais fornecem uma panorâmica do acontecimento de uma forma um pouco «indiferente» ou neutral, outros dão-no de uma forma mais persuasiva, mais «chocante», até (por exemplo: «República», «Jornal do Comércio», «O Século»).

Quanto aos géneros jornalísticos, a maioria dos textos é de carácter informativo, existindo, no entanto, jornais que apresentam um número relativamente elevado de artigos de opinião (ex: «O Século»). As unidades de redacção são em número reduzido em função da repercussão do acontecimento. Apesar de serem mais frequentes em determinados jornais («O Sécu-

continua na pág. 6

The New York Times.

FIRST ATOMIC BOMB DROPPED ON JAPAN; MISSILE IS EQUAL TO 20,000 TONS OF TNT; TRUMAN WARNS FOE OF A 'RAIN OF RUIN'

Jet Plane Explosion Kills Major Bong, Top U. S. Ace

Steel Tower 'Vaporized' In Trial of Mighty Bomb

War News Summarized

Diário de Notícias

AS CONCLUSÕES DA CONFERÊNCIA DE POTSDAM

"TENHO ABSOLUTA CONFIANÇA

PAUL VALERY

ADMITE-SE

O EMBAIXADOR DA INGLATERRA

CHEGOU A VIGO

A HORA LEGAL

UMA BOMBA ATÓMICA DE 10 TONELADAS

NA AUDIÊNCIA de ontem

DEPOIS DE TER TRANSPORTADO

UMA FESTA

UM SERÃO

AS COLÓNIAS DA F. N. A. T.

O SÉCULO

O jornal de maior circulação em Portugal

AGOSTO 7 Terça-feira 1945

Uma carta de Pétain A HITLER

sobre a reorganização do Exército francês

foi lida pelo acusador público no julgamento do marechal

Não esqueço a situação do trabalhador intelectual português

UMA BOMBA ASSOMBROSA

uma bomba atómica

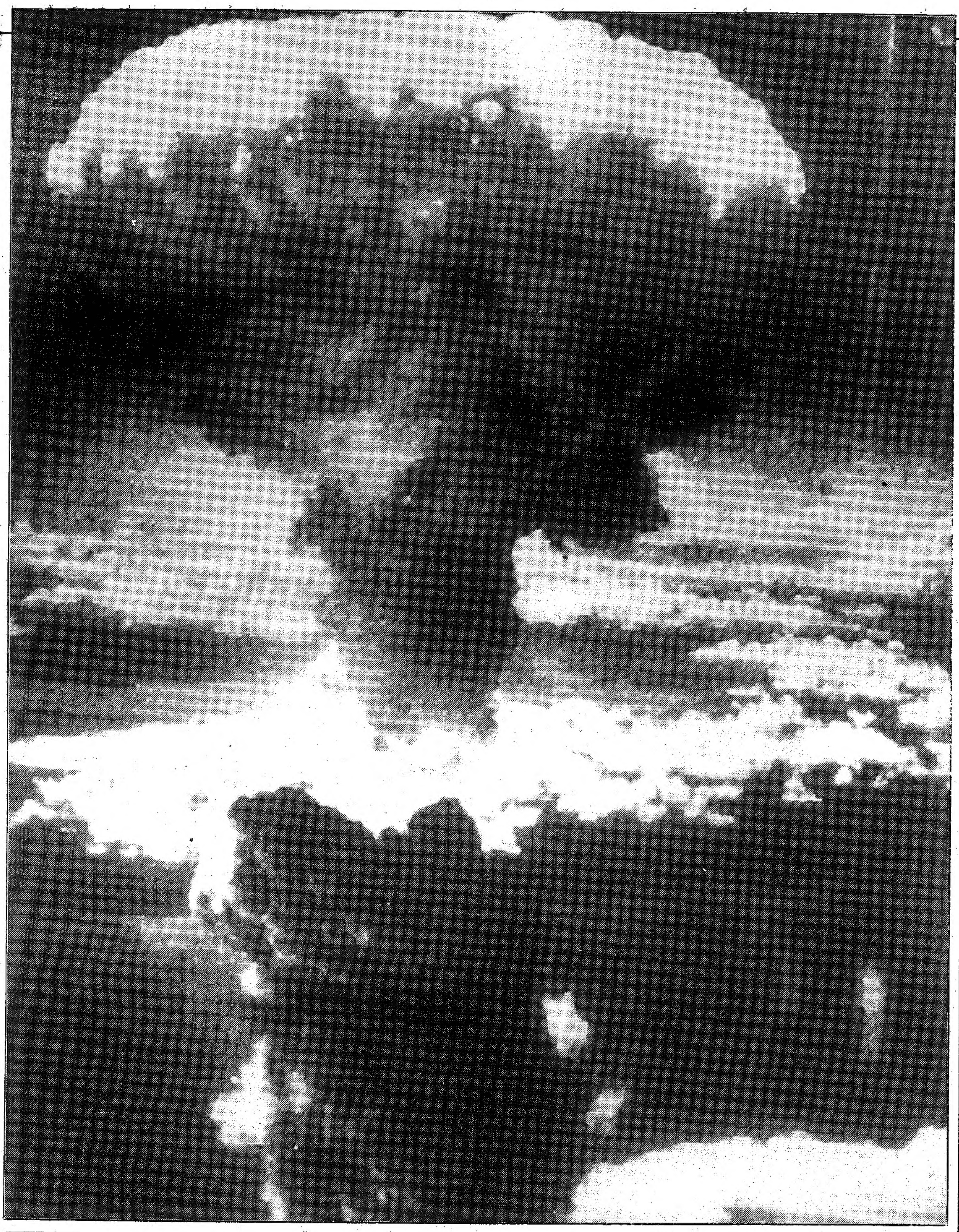
MORRERAM 57 pessoas

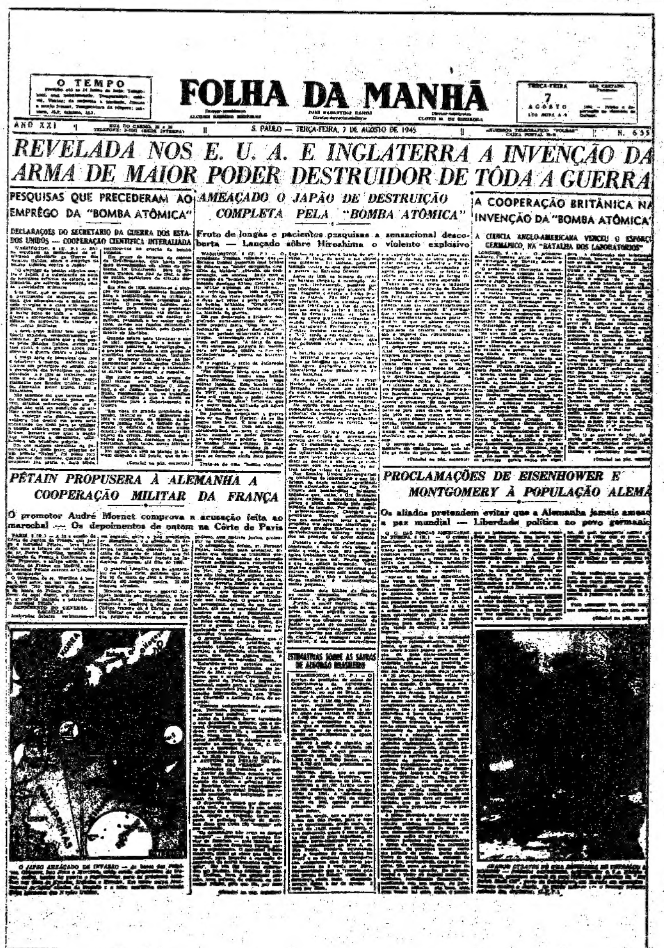
O MINISTRO DAS COLÓNIAS foi entusiàsticamente recebido em Vila Perry

A GRANDE FESTA de confraternização luso-americana na Feira Popular

Os japoneses reforçam as guarnições da Manchúria

Uma diferente percepção do lançamento da bomba em Hiroxima está bem patente nas primeiras páginas do «New York Times» e do «Diário de Notícias» do dia 7 de Agosto de 1945. «O Século» salvou a honra do convento!





O TEMPO

FOLHA DA MANHÃ

TERÇA-FEIRA 7 AGOSTO

ANO XXI | S. PAULO — TERÇA-FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 1945 | N. 6.35

REVELADA NOS E. U. A. E INGLATERRA A INVENÇÃO DA ARMA DE MAIOR PODER DESTRUIDOR DE TÔDA A GUERRA

PESQUISAS QUE PRECEDERAM AO EMPRÊGO DA "BOMBA ATÔMICA"

DECLARAÇÕES DO SECRETARIO DA GUERRA DOS ESTADOS UNIDOS — COOPERAÇÃO CIENTIFICA INTERALIADA

AMEAÇADO O JAPÃO DE DESTRUIÇÃO COMPLETA PELA "BOMBA ATÔMICA"

Fruto de longas e pacientes pesquisas a sensacional descoberta — Lançado sôbre Hiroshima o violento explosivo

A COOPERAÇÃO BRITÂNICA NA INVENÇÃO DA "BOMBA ATÔMICA"

A CIENCIA ANGLO-AMERICANA VENCEU O ESFORÇO GERMANICO, NA "BATALHA DOS LABORATORIOS"

PÉTAIN PROPUSERA À ALEMANHA A COOPERAÇÃO MILITAR DA FRANÇA

O promotor André Mornet comprova a acusação feita ao marechal — Os depoimentos de ontem na Côrte de Paris

PROCLAMAÇÕES DE EISENHOWER E MONTGOMERY À POPULAÇÃO ALEMÃ

Os aliados pretendem evitar que a Alemanha jamais ameace a paz mundial — Liberdade política ao povo germanico

ESTIMATIVAS SOBRE AS SAFRAS DE ALGODÃO BRASILEIRO

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

A bomba atómica vai revolucionar o mundo

quando a sua espantosa fonte de fôrça fôr posta ao serviço da indústria

LONDRES, 7—O lançamento da bomba atómica em Hiroshima, base do exército nipónico, alterou o mundo.

Os japoneses dizem que a nova bomba causou elevado número de vítimas

SAN FRANCISCO, 7—Rádio Tóquio anunciou esta manhã que ontem, cêrca das 8 e 20, uma pequena fôrça de Super-Fortalezas Voadoras atacou Hiroshima, na ilha metropolitana japonesa de Honshu, com um tipo de bombas formidàvelmente destruidoras. Acrescentou que o número de mortos e feridos é elevado e que foi nomeada uma comissão de técnicos para investigar a extensão dos estragos causados pelas novas e terríveis bombas norte-americanas.—(United Press).

Registou-se o abalo provocado pela nova bomba?

WASHINGTON, 7.—O sismógrafo da Universidade de Georgetown registou um ligeiro tremor de terra, aproximadamente ao mesmo tempo que foi lançada a bomba atómica sôbre a cidade japonesa de Hiroshima. Os cientistas, porém, pensam que é improvável que o efeito de qualquer bomba pudesse ser registada a uma distancia tão grande como esta e atribuem o registo no sismógrafo a qualquer abalo sísmico mais próximo.—(U. P.).

O projecto é animador, desde que a capacidade de destruição fôr posta pelos sábios ao serviço das possibilidades criadoras na indústria, o que mudará completamente a vida de milhões de pessoas, embora Henry Stimson, secretário da Guerra americano, diga que são necessárias muitas mais pesquisas antes de o poder atómico poder ser empregado na indústria. Inteligências britanicas, americanas e canadianas, que se encontram por detrás da descoberta, estão a conjugar ideias e esforços na guerra. Os interesses egoístas de lucros e os direitos de patente foram todos postos em segundo plano, ofuscando-se perante a causa comum.

A sir John Anderson, que era o Lord Presidente do Conselho no Govêrno de Churchill, pertence o mérito de ter encorajado e centralizado as pesquisas. Expressou as esperanças da humanidade, ao declarar à Reuter que se a energia representada na bomba fôr aplicada para a maquinaria e fonte de energia, pode vir a produzir alguma coisa que revolucione tôda a vida industrial; mas levará ainda muitos anos de pesquisas antes de se conse-

(Continua na pag. seguinte)

SIR JOHN ANDERSON

dos países aliados

As relações do Perú com a Espanha e a Rússia

As dificuldades de transportes agravam pesadamente o nosso problema dos abastecimentos

Dois cientistas portugueses trabalharam em laboratórios estrangeiros nas pesquisas iniciais para a desintegração do átomo

Cólera na Índia

No dia da destruição da cidade nipónica quer a «Folha da Manhã (antepassado da «Folha de S. Paulo») quer o «Diário de Lisboa» titulam sobre as potencialidades (destrutivas e criativas, respectivamente) da energia nuclear. Coincidência ou permeabilidade da Imprensa às estratégias informativas norte-americanas, veiculadas através das grandes agências noticiosas?

COMENTÁRIO

O ciclista, o treinador e a bomba

A minha curiosidade pelo tratamento jornalístico da bomba de Hiroxima nasceu com a leitura, no «Monde», de uma velha crónica de Pierre Viansson-Ponté, onde se aludia à dificuldade que os jornais têm de «distinguir o essencial do acessório», citando, a título de exemplo, o número de 7 de Agosto de 1945 do diário «La Suisse»: na primeira página dessa edição, a *manchete*, em letras gordas, chamava a atenção para os ferimentos de um ciclista em competição; por baixo, em caracteres quase ilegíveis, titulava-se: «Bomba atómica em Hiroxima».

Em Portugal, a notícia de Hiroxima não concorreu com nenhum ciclista da Volta a Portugal, mas o estudo elaborado por duas estudantes da Universidade Nova de Lisboa, cuja síntese transcrevemos na página ao lado («Um acontecimento secundarizado na Imprensa portuguesa»), refere que «ainda o lançamento da bomba estava quente, a nossa Imprensa remeteu-a para segundo plano quando Joaquim Ferreira, treinador do Sporting, foi assassinado»...

Os jornais portugueses mostraram-se solidários com o seu colega suíço, ou seja, revelaram uma fraca percepção da importância histórica da bomba. A existência de censura prévia, no nosso País, terá influenciado o seu comportamento? Talvez, mas a possível acção dos censores portugueses não se nos afigura explicação suficiente. Registe-se, aliás, que a notícia teve diferente valorização consoante os jornais, embora estes estivessem submetidos a uma mesma vigilância censória...

O «Diário de Notícias», por exemplo, deu a notícia, em baixo de página, com título a duas colunas. Ao alto, declarações do ministro das Colónias, Marcelo Caetano, proferidas em Moçambique («Tenho absoluta confiança na continuidade da obra de colonização que nós, portugueses, vimos realizando»); uma notícia acerca das conclusões da conferência de Potsdam; e um artigo-necrológico sobre Paul Valéry.

«O Século» e os vespertinos -- estes com maior recuo em relação ao acontecimento -- concederam maior relevo ao acontecimento, mas todos se limitaram a reproduzir as estratégias pouco subtis que as agências da época retransmitiam. Na primeira página do «Diário de Lisboa», no mesmo dia, nota-se uma curiosa contradição entre o título e o «lead». Título: «A bomba atómica vai revolucionar o mundo quando a sua espantosa força fôr posta ao serviço da indústria». Lead:« Londres, 7 - O lançamento da bomba atómica em Hiroxima, base do exército nipónico, alterou o mundo.»

Nos dias seguintes à hecatombe nuclear, sobrelevaram as declarações apaziguadoras sobre os efeitos da energia atómica, transmitidas pelas agências noticiosas. Einstein: «Ninguém deve recear a energia nuclear»(«D.N.»). A declaração refere-se ao uso do nuclear para fins pacíficos -- e não à bomba --, mas tudo indica que a sua difusão através das agências noticiosas, no contexto pós-Hiroxima, se insere numa estratégia de guerra psicológica.

Só mais tarde começam a aflorar as preocupações acerca dos efeitos da arma atómica no equilíbrio mundial, quase sempre veiculadas através de declarações ou análises de personalidades ou jornais estrangeiros.

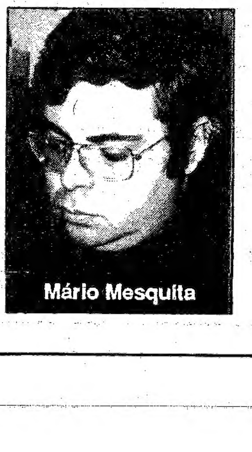
A notícia da bomba de Hiroxima na Imprensa portuguesa revela, simultaneamente, total dependência das fontes informativas externas (agências noticiosas), fraca percepção da relevância mundial do acontecimento e permeabilidade às estratégias de guerra psicológica estrangeiras.

A dependência das fontes externas resultava das condições em que se exercia o jornalismo em Portugal, descritas no depoimento do antigo director-adjunto do «DL» (pág.4). A insensibilidade à importância do acontecimento não será alheia a acção das censuras de guerra norte-americana e britânica, que lograram manter em (relativo) segredo as experiências científicas anteriores ao lançamento da bomba (ver, nesta edição, o texto de Isabel Joyce, pág.4). A permeabilidade à acção de condicionamento psicológico norte-americana poderá ter contado com a conivência do Estado e da censura portugueses: em 1945, Salazar já executara o seu *volte-face* em direcção aos *aliados*...

A estas hipóteses interpretativas, podem juntar-se outras reflexões acerca da natureza da notícia e do jornalismo.

A precedência do ciclista ferido ou do treinador de futebol assassinado sobre a hecatombe nuclear prende-se com a dependência da «grelha» cultural dos jornalistas e de um mercado de leitura que valoriza a proximidade e o *fait-divers*...

O jornalismo não é a «história imediata» que, nos melhores casos, aspira a ser, mas um produto frágil e contingente, sujeito às manipulações das censuras, dos poderes e dos mercados que condicionam, se é que não determinam, a sua existência.

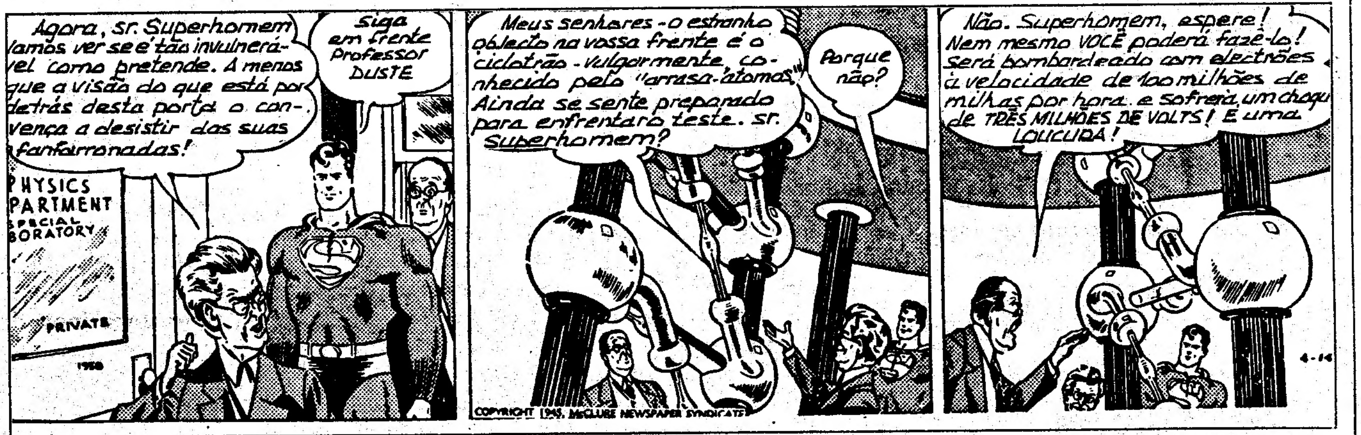


Mário Mesquita

O lançamento da bomba atómica inaugurou uma nova era, um novo equilíbrio, um tempo de horror e de chantagem, mas se - como diz o historiador Paul Veyne - «o facto é o que o fazemos ser», então a Imprensa portuguesa de 1945 fez de Hiroxima pouca coisa...

Hiroxima: a nossa memória de sobreviventes

A história das «fugas de informação» ocorridas na Imprensa americana sobre as experiências atómicas anteriores ao lançamento da bomba em Hiroxima foi revelada, este ano, num estudo editado, nos Estados Unidos, pela Associação para a Educação no Jornalismo e Comunicação de Massas. Os arquivos da Comissão de Censura foram «desclassificados» para a elaboração dessa investigação, da autoria de Patrick S. Washburn



Este trecho da banda desenhada «Superhomem», publicado em 14 de Abril de 1945, foi alvo de objecções por parte do Departamento de Censura nos EUA, por incluir uma referência ao «arrasta-átomos» (bomba atómica)

EUA: a «censura voluntária» das experiências atómicas

6 de Agosto de 1945: Hiroxima mergulhava nas trevas, sob o cruel esplendor do cogumelo atómico. Órgãos de Informação de todo o Mundo lançavam-se numa corrida desenfreada para cobrir o acontecimento, que marcaria a fogo a memória deste século. Talvez, apenas, num local - algures, em Washington -, a serenidade, ou algo parecido com um sentimento de alívio, voltava a reinar, momentaneamente, nos espíritos: na sede da Comissão de Censura, o organismo criado pelo Governo dos EUA para evitar que fossem publicadas ou difundidas informações que «pudessem prejudicar o esforço de guerra». Durante cerca de dois anos e meio, a Comissão de Censura, trabalhando em estreita colaboração com os «media», travara uma luta renhida - e, muitas vezes, inglória - para impedir que os jornalistas revelassem elementos sobre o desenvolvimento da bomba atómica, os locais em que as experiências decorriam, ou mesmo o facto de que o engenho poderia vir a ser utilizado, concretamente, como arma de guerra.

Apenas nove dias após os EUA terem entrado na II Guerra Mundial (16 de Dezembro de 1941), na sequência do ataque a Pearl Harbour, o presidente Roosevelt sublinhara a necessidade - embora reconhecendo a aversão do povo norte-americano por esta medida - de exercer «um certo grau de censura» sobre os «media», de forma a salvaguardar a segurança nacional, «sonegando, na fonte, quaisquer informações militares que possam auxiliar o inimigo». Os dados em jogo eram, entre outros, a corrida, altamente secreta, contra a Alemanha nazi, para desenvolver uma arma suficientemente poderosa para garantir a vitória; uma Imprensa americana que não queria prejudicar o esforço de guerra, mas que apenas estava sujeita a restrições «voluntárias» sobre o que podia publicar; a criação de uma Comissão de Censura, formada por um pequeno grupo de antigos editores de jornais e repórteres, num esforço desesperado para que os «media» não conseguissem «furar» a barreira de silêncio erguida em torno das experiências com a bomba atómica. A este órgão foi atribuída a gigantesca tarefa de inspeccionar e censurar todo o Correio que entrava ou saía dos EUA, e de controlar a cobertura noticiosa, a fim de tentar impedir a divulgação de quaisquer elementos que pudessem ser úteis aos países inimigos (Alemanha e Japão).

Um homem desempenhou um papel fundamental em todo este processo: Byron Price, chefe de Redacção da Associated Press, que foi nomeado director da Comissão, e depressa formou um Departamento para a Imprensa, constituído por civis recrutados entre jornalistas e representantes das editoras e dos serviços telegráficos.

Curiosamente, os meios de Informação acolheram a Comissão de Censura sem grandes reticências. Em parte, devido à experiência verificada durante a I Guerra Mundial - em que um organismo semelhante fora criado para fins de propaganda e para estabelecer regras «voluntárias» para o material publicável. Igualmente importante era o respeito dos jornalistas por Price («the right man in the right place»): nenhum outro «homem dos jornais seria capaz de insistir na supressão de algo susceptível de auxiliar o inimigo e, simultaneamente, de proteger o direito do público à liberdade de Informação». Por fim, a cooperação dos jornalistas também se deveu, em grande medida, à convicção com que apoiavam a guerra contra o Japão - após Pearl Harbour, estavam preparados para todos os sacrifícios, mesmo que estes incluíssem a «odiosa censura».

Falso segredo

Em Setembro do 1945, Price recebeu um elogio do chefe do Estado-Maior da Força Aérea, na qual este vaticinava que a supressão, por mérito da Comissão de Censura, de qualquer «menção» à bomba atómica, nos meios de Comunicação Social, até ao seu lançamento em Hiroxima, «ficaria assinalada na História como o segredo melhor guardado de todas as guerras».

Na realidade, o «secretismo» não passou de um mito: basta referir que, entre Novembro de 1939 e Setembro de 1944, se registaram pelo menos 104 referências à bomba atómica em publicações norte-americanas, quase todas resultantes de fugas de informação. Porém, como apenas um punhado de elementos da Comissão de Censura e das Forças Armadas sabia quantas vezes a Imprensa tinha mencionado a bomba, ao longo da guerra, a dispersão noticiosa fez com que nenhuma publicação escrevesse com regularidade sobre o assunto - e, por conseguinte, com que o público visse muito poucos, se é que alguns, destes artigos -, o que conduziu à conclusão óbvia de que os «media» tinham ignorado a questão.

Mas não foi isso que aconteceu. Desde artigos publicados em órgãos da Imprensa local sobre instalações militares onde se verificavam experiências «insólitas»; a declarações precipitadas por parte das autoridades «competentes» que os jornalistas estavam autorizados a citar, mas que, por diversas vezes, deixavam fugir informações «proibidas»; a «pistas» fornecidas por jornais estrangeiros (sobretudo britânicos, devido a uma descoordenação entre os respectivos serviços de Censura): todas estas peças do «puzzle», se tivessem sido reunidas, teriam dado muitas dores de cabeça aos responsáveis norte-americanos.

Casos, também, houve em que os elementos da Comissão de Censura se viram confrontados com exigências militares para que fosse exercida uma política de «silêncio total», o que sempre combateram em nome da liberdade de Informação (Price, por exemplo, considerava a censura «voluntária» como um «mal necessário» e, logo que a guerra na Europa terminou, opôs-se convictamente a qualquer forma de restrições). E verificaram-se histórias tão bizarras como a da «fuga de informação» do popular «Superhomem», que se atreveu a mencionar experiências relacionadas com a «decomposição de átomos», o que mereceu ao jornal em que surgia uma severa advertência... Até a banda desenhada assustava a hierarquia militar!

No conjunto, pode-se dizer que tanto Price - e a sua Comissão de Censura - como o Governo decidiram apostar na responsabilização dos órgãos de Informação, e na sua obediência às regras da «censura voluntária», como o meio mais seguro para salvaguardar o principal segredo militar do país. Houve inúmeras «fugas», mas sem consequências desastrosas.

Apesar das pressões das Forças Armadas, a Imprensa não chegou a ser amordaçada e, no essencial, o segredo da bomba atómica manteve-se.

Recensão de Isabel Joyce

(Patrick S. Washburn, «The Office of Censorship's Attempt to Control Press Coverage of the Atomic Bomb During World War II», in «Journalism Monographs», April 1990, nº 120)

O jornalista Mário Neves, antigo director adjunto do «DL», ajuda-nos a reconstituir o quadro político em que a Imprensa portuguesa trabalhava durante a Segunda Guerra Mundial

Os nossos jornais não tinham correspondentes de guerra

«Ao contrário do que sucedeu na Primeira Guerra Mundial, não havia, nesse período de 1939-1945, um só jornalista português que se pudesse chamar, propriamente, correspondente», disse-nos o dr. Mário Neves, antigo director adjunto do «Diário de Lisboa». A ditadura impedia que se fizesse reportagem directa. As notícias chegavam até nós através das agências noticiosas estrangeiras, nomeadamente a Reuter, a United Press, a British Press e a Havas.

«Não posso reconstituir o acontecimento, mas posso tentar ajudar com aquilo que sei.», preveniu Mário Neves, quando lhe indicámos que o tema da nossa entrevista seria a repercussão do lançamento da bomba de Hiroxima na Imprensa portuguesa. Sublinhou, desde logo, que os nossos jornais eram feitos através das agências estrangeiras, enquanto os outros países tinham vários correspondentes.«O Diário de Lisboa tinha uma espécie, uma espécie de correspondente (feminino) em Paris, mas foi uma excepção.», adiantou.

«Salazar impedia que tivéssemos uma acção jornalística directa -- prosseguiu Mário Neves --, só quando acabou a guerra, é que nos autorizaram a visitar as frentes e os campos de concentração. O Governo evitava uma presença directa de jornalistas portugueses nos teatros de combate, pois achava que era necessário ter cautela nos comentários e crónicas, visto ser preciso, segundo Salazar, defender a neutralidade do país».

Acerca do relevo concedido pela Imprensa portuguesa ao lançamento da bomba atómica em Hiroxima, Mário Neves declarou-nos:

«Como sabem, o lançamento da Bomba Atómica foi para levar o Japão a pedir a paz (já que não aceitava a rendição incondicional). As condições em que vivia a Imprensa portuguesa, condições essas resultantes da situação política e da própria censura, forçavam os jornais a ter muito cuidado com essas notícias, que foram muito filtradas pelos censores - os quais, regra geral, eram oficiais incompetentes e limitados. A censura pedia um cuidado muito especial para as notícias não terem uma grande repercussão, além de limitar o espaço reservado às notícias (até os comunicados oficiais tinham o espaço limitado). A acção da censura foi fundamental no pouco destaque dado à Bomba.»

Solicitado a comparar os jornais portugueses com os congéneres europeus da época, o antigo jornalista do «DL» respondeu-nos de forma concisa e objectiva: «A situação económica não era nada favorável. Os jornais debatiam-se com a falta de dinheiro. Não nos era possível arcar com as despesas de correspondentes. A censura atravessava-se constantemente no nosso caminho. Era difícil a um jornal sobreviver numa situação destas.»

entrevista de A.R.A / S.B.J.

GRANDE ANGULAR

Hiroxima: a nossa memória de sobreviventes

A bomba e os *media*

«Como o mundo verdadeiro acabou convertendo-se numa fábula» (Friedrich Nietzsche, *O Crepúsculo dos Deuses*)

«Seguir sonhando sabendo que se sonha» (F. Nietzsche, *A Gaia Ciência*).

Nunca mais nada foi como dantes desde o dia 6 de Agosto de 1945. Até então, a linguagem tanto prefigurava como diferia o cumprimento total da razão. A partir do momento em que o apocalipse saltou da esfera da linguagem para a realidade, jamais discurso humano poderá prefigurar ou diferir qualquer realização e qualquer realidade que não tenham já sido consumadas.

Hiroshima, ao consumar todas as realizações que, ao longo da história, a razão humana fora concebendo, assinala a conversão de todo e qualquer acto de fala em pura representação irónica, em simulacro generalizado e irrisório da realidade.

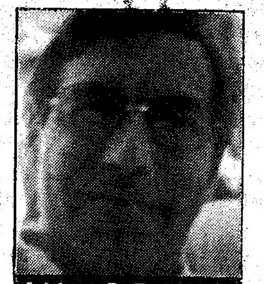
Tudo aquilo que possamos doravante projectar encontra-se já realizado, nas nossas costas. Tudo aquilo que possamos conceber e anunciar estará infinitamente aquém daquilo que o cogumelo nuclear já consumou em Hiroshima. Passámos, por conseguinte, a existir todos sob o modo da sobrevivência. Descobrimos assim, atónitos, que o estado de não retorno não é o de destruição do planeta, o do Juízo Final anunciado desde tempos imemoriais pelos mitos apocalípticos; é o de sobrevivência ao terror que passou a pairar, em permanência, por cima das nossas cabeças, já consumado na história como imaginário incontornável da destruição nuclear. Deste modo, ao estado da razão triunfante sucedeu, a partir de 6 de Agosto de 1945, o estado do sonabulismo ou da sobrevivência geral, que é o equivalente pós-nuclear daquilo que, ao longo da história, constituía o estado de mobilização geral. A mobilização geral consistia num estado ocasional de guerra com vista à instauração da paz; a sobrevivência geral é o estado permanente que está para além da paz e da guerra, o da neutralização de todas as oposições e de todas as hostilidades, o da queda de todos os muros. Quarenta e cinco anos depois, o derrube do muro de Berlim vem apenas manifestar que, antes mesmo de ter sido erguido, já não passava de simulacro de uma realidade para sempre perdida.

É neste horizonte que se inscrevem os acontecimentos, tal como passaram desde então a dar-se, enquanto informação, no campo dos *media*.

Até ao dia 6 de Agosto de 1945, os acontecimentos eram normalmente considerados como irrupção perturbadora do curso da história. Estavam, por conseguinte, destinados a uma apropriação domesticadora, por parte do poder. Eram a manifestação da existência de um resto indomável que vinha perturbar a ordem regular da vida. Os acontecimentos eram, por conseguinte, encarados e vividos de maneira ambivalente, visto representarem ao mesmo tempo uma ameaça inquietante e uma promessa de abertura de sempre novas possibilidades inesgotáveis de vida.

Em Hisroshima, foi ao esgotamento deste resto que assistimos atónitos. Ao mesmo tempo que ali foram consumadas todas as inquietações que atormentaram as noites da história, ali deixámos enterradas toda a promessas que fizeram brilhar as manhãs radiosas da esperança de dias melhores. A partir da hecatombe nuclear, desta consumação de todos os restos da memória e da esperança, os acontecimentos converteram-se em objectos informativos, na medida em que, estando desde logo pré-inscritos de antemão na máquina mediática, são doravante regidos por uma espécie de regularidade retórica que os esvazia não só de qualquer carga perturbadora mas também de qualquer força inovadora. É como se Hiroshima fosse a realização completa de todos os acontecimentos, de todos os destinos virtuais, não nos restando doravante senão a exploração da memória de uma tradição e dos projectos de vida para sempre desaparecidos.

Deste modo, Hiroshima foi a realização total da Grande Narrativa heróica do progresso, o revelador, no sentido fotográfico deste termo, da sua face positiva real. Uma vez revelado o negativo humanista dos Iluminismos dos últimos três séculos, a verdadeira face sanguinária e letal das ideologias do progresso passou a brilhar por cima das nossa cabeças. Esgotada, no clarão que se abriu sobre nós, a fonte legitimadora da linguagem e da acção, não nos resta doravante senão esta interminável disseminação dos fragmentos narrativos enterrados nas cinzas da história ancestral e esta afanosa recomposição dos seus estilhaços, sob a forma de uma multiplicidade inesgotável de fábulas, de simulações do real. O campo dos *media* constituiu-se sobre este devir fragmentário e disseminado da memória e encarregou-se desta interminável efabulação, ao ritmo estereotipado da sua lógica pendular. Era aliás este processo de efabulação irónica em que a realidade se converteu que já, no século XIX, Nietzsche anunciava profeticamente.


Adriano D. Rodrgues

Esta viragem não veio, no entanto, alterar a verdade dos acontecimentos, desde sempre destinados a este devir puramente espectacular e retórico. Veio revelar a sua lógica, mostrar a sua verdadeira face apocalíptica, no sentido etimológico do termo, no sentido de *des-vendamento* daquilo que permanecia escondido desde a fundação do mundo, sentido aliás idêntico ao do próprio termo com que os Gregos costumavam designar a verdade, ao de *a-letheia*.

É esta sua relação com a natureza apocalíptica que permite considerar o holocausto nuclear como a outra face do concentracionário. Tanto num caso como no outro, estamos perante o desmascaramento da natureza violenta e letal dos projectos desmistificadores da modernidade progressista.

Passados agora 45 anos, habituámo-nos a conviver com esta nossa condição de sobreviventes e a integrar no mundo pós-nuclear a experiência do desmascaramento da carga letal da realidade.

A nossa familiaridade com a condição de sobreviventes vivêmo-la hoje, ao mesmo tempo enquanto destino e como uma oportunidade, numa sociedade técnica. Em contraste com uma sociedade totalmente técnica tal como a que em Hiroshima e nos campos de concentração se revelou, a oportunidade que nos resta é a da experiência de uma tecnicidade doce, difusa e disseminada, que nos liberte das coacções que nos tolhem a palavra e a acção e evite a consumação da racionalidade letal. Em vez de nos acorrentar à sua instrumentalidade performativa, substituto moderno das velhas dominações totalitárias, as possibilidades que a sociedade pós-nuclear nos reserva dependem da preservação de uma suficiente margem de indeterminação que, parafraseando Nietzsche, não nos deixe apenas entregues a um cego destino de sonâmbulos mas ainda nos permita a clarividência de saber que sonhamos.

Elogio da Loucura

O risco de Adolf Hitler vir a ter nas suas mãos a arma atómica, e a urgência de destruir o regime totalitário alemão, levaram Albert Einstein a persuadir Franklin Roosevelt da necessidade de lançar o projecto Mannhatan, para que fossem os Estados Unidos os primeiros a ter acesso a essa nova arma.

Berlim caiu antes da explosão experimental da bomba atómica, que acabou por ser usada contra o Japão. Duas bombas destruiram duas cidades - Hiroshima e Nagasaki - levaram à rendição do império e evitaram a invasão do Japão. A guerra terminava com o anúncio de uma mdança radical do quadro estratégico que determina o equilíbrio das potências.

Aparentemente, ninguém tinha, em 1945, a percepção clara da radicalidade da mudança. A bomba atómica era uma arma impressionante, e uma vantagem militar decisiva, não era vista como um instrumento revolucionário cujo desenvolvimento poderia pôr em causa a sobrevivência da humanidade. Os seus efeitos concretos correspondiam aos dos bombardeamentos massivos, ensaiados contra as cidades alemãs, embora com a importante diferença de que uma única bomba atómica produzia um resultado idêntico ao de milhares de bombas convencionais. Enfim, na escala do horror, era difícil escolher entre o incêndio de Dresden e as cidades japonesas arrasadas.

Bernard Brodie foi o primeiro estratego (civil) a teorizar sobre as condições do exercício da guerra na era atómica, ou nuclear. Em *The Absolute Weapon*, publicado em 1946, escrevia que «até à data, o objectivo principal das nossas forças armadas era ganhar as guerras - a partir de agora será o de as evitar». É a partir desta concepção que, gradualmente, se irão formar as estratégias de dissuasão nuclear, cuja regra é garantir a credibilidade de uma ameaça de destruição insuportável, perante a qual o adversário só pode correr o risco de iniciar uma guerra se se quiser suicidar.

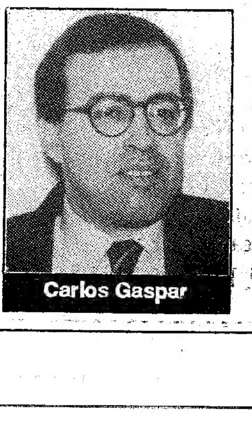
A mais crua destas estratégias entrou nos anais sob um acrónimo apropriado - MAD (*Mutual Assured Destruction* ou o pacto do suicídio) - que resume melhor do que outras descrições a natureza essencial do equilíbrio do terror, ao qual há que prestar o elogio devido, na medida em que a sua «estabilidade» é indissociável da ausência de guerra entre as principais potências durante os últimos quarenta e cinco anos.

Porém, para o mesmo período, a ameaça à sobrevivência da humanidade implícita nos arsenais nucleares não é senão metade do problema. A outra metade diz respeito à ameaça da dominação totalitária contra a sobrevivência dos valores sem os quais a humanidade não é digna desse nome. Nas palavras de Karl Jaspers, pela primeira ameaça «é a vida que se perde, pela outra, uma vida que valha a pena viver». Em *Le Grand Schisme* (1947), Raymond Aron reuniu numa fórmula vaga as consequências da dupla ameaça para a evolução das relações internacionais: *«guerre improbable, paix impossible»*. O primeiro termo remete para os efeitos da revolução nuclear, o segundo para a natureza do regime soviético, para sublinhar que enquanto esta não mudar fundamentalmente não é possível conceber uma verdadeira paz ou, sequer, uma paz durável, reservada em princípio às repúblicas kantianas.

Até ao advento de Mikhail Gorbachev, e antes deste começar a passar das palavras aos actos - com a retirada soviética do Afeganistão, o assentimento à continuidade do estatuto da Alemanha como membro da OTAN depois da sua reunificação - não havia nenhuma razão para rever a fórmula de Aron. Desde então, e ainda a benefício de inventários próximos quanto às conversações sobre o controlo das armas estratégicas nucleares, é necessário rever esta matéria. Não sendo clara no presente a natureza do regime soviético, parece certo que já não é o que era, sem que se possa excluir uma eventual, e efémera, ressurgência totalitária. Por outras palavras, a paz não é mais impossível, embora não tenha prazo previsível, e a guerra continua a ser improvável entre as principais potências, se for possível preservar a regra da dissuasão nuclear.

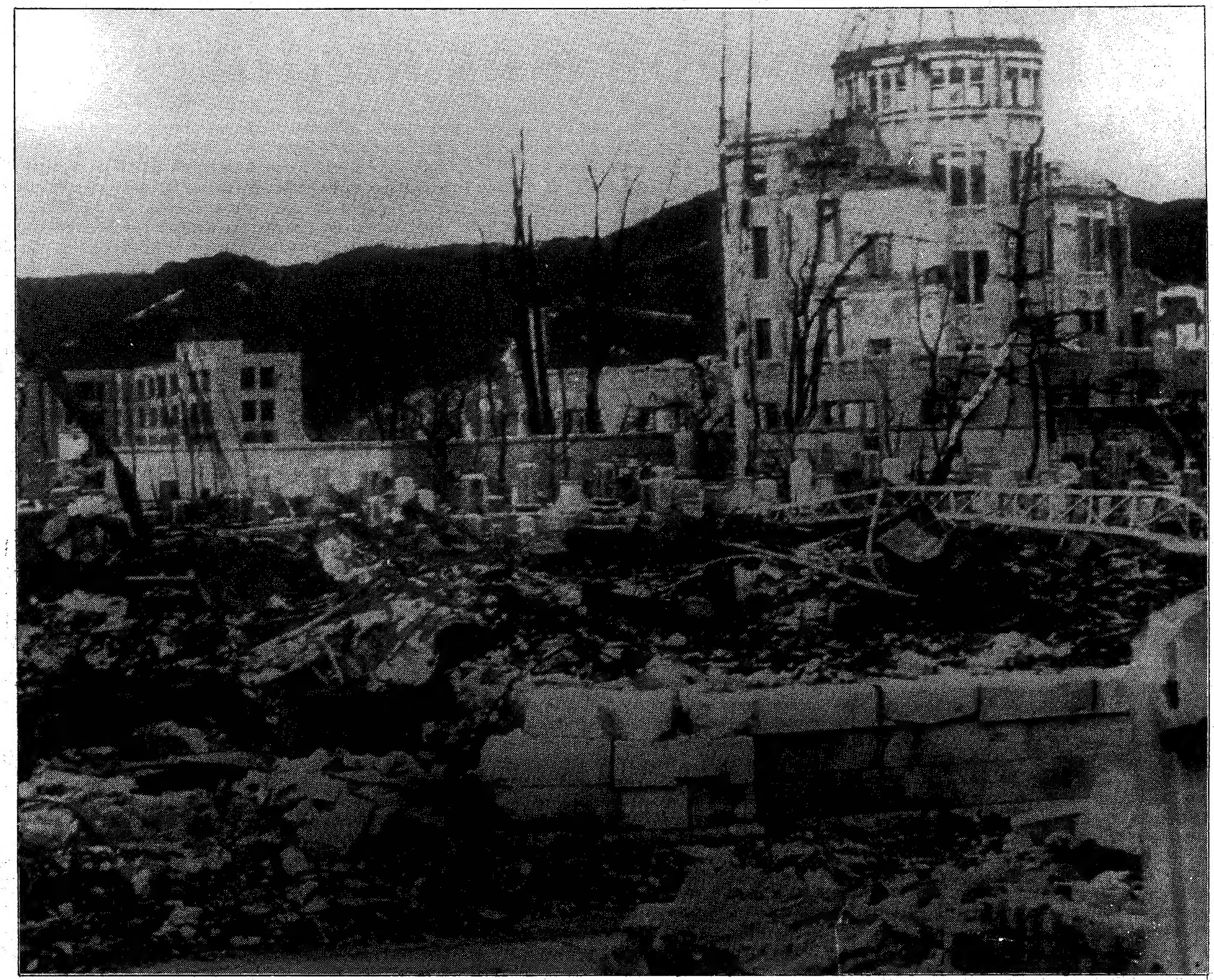
Esta regra é tanto mais importante, conjunturalmente, perante o vazio de poder na Europa central e oriental, marcado pelo aumento das tensões étnicas e nacionais. A estabilidade da dissuasão nuclear é a garantia de que conflitos nesta região não poderão levar à repetição do cenário de 1914, e se outras razões não existissem, esta bastaria para refrear tendências para uma crescente desnuclearização da defesa.

Outra razão, mais prospectiva, refere-se aos riscos da proliferação nuclear. Hermann Kahn, no seu último livro - *Thinking about the unthinkable* - previa para o princípio do próximo século o advento de uma verdadeira multipolaridade com oito potências nucleares, incluindo o Japão e a Alemanha, os alvos real e designado da primeira arma atómica. Contra os que defendem as virtudes do regime de bipolaridade, o mais original dos estrategos nucleares entendia que esta evolução, apesar dos problemas alemão e japonês, não só não tornaria a guerra menos improvável como podia reconstituir o bom velho Concerto das Nações. Na condição, é claro, de que a regra da dissuasão fosse preservada. Se assim for, quem se negará a fazer o elogio da loucura?


Carlos Gaspar

GRANDE ANGULAR

Hiroxima - a nossa memória de sobreviventes



Hiroshima depois da bomba

continuação da pág.2

lo», «República»), não correspondem de maneira nenhuma à importância histórica do caso. É de salientar que nunca, em jornal algum, aparece uma fotografia de Hiroshima destruída, surge apenas uma de Nagasaki.

Os textos só muito raramente são assinados, pois provêm de agências noticiosas estrangeiras, principalmente da «Reuter», «United Press», «News Chronicle». A principal excepção é o comentário assinado por José de Freitas no «Diário Popular», intitulado «A URSS em guerra com o Japão», cujo âmbito é, como se deduz do próprio título, mais vasto do que o próprio acontecimento de Hiroxima.

Em «O Século», Redondo Júnior publica uma entrevista com uma cientista portuguesa, Marieta Silveira, que, «trabalhando com aparelhos mais do que insuficientes, encontrou novos processos para obter o milagre de hoje: a energia atómica...».

Porque é que durante toda a ressonância do acontecimento apenas surgem um artigo e uma entrevista da autoria de jornalistas portugueses? A resposta tem de ser avançada prudentemente, a título de hipótese. Primeiro: não havia uma interferência directa de Portugal na guerra, assim como não havia correspondentes portugueses no campo de batalha, logo não tinhamos um conhecimento directo dos factos. As notícias chegavam já filtradas pelas agências estrangeiras.

As previsões de cada jornal dividiam-se essencialmente em duas tendências. Há diários que se referem à bomba como um grande invento que trará inovações decisivas -- caso do «Jornal do Comércio»:

«A descoberta virá revolucionar a aviação» (no mesmo sentido se pronuncia o «República»). No entanto, outros referem-na sob o ponto de vista mais negativo: como uma arma terrível que «... aperfeiçoa-da, levaria à destruição do mundo» («Diário de Lisboa»).

Uma imprensa censurada e sem recursos

Existem factores especificamente portugueses que ajudem a compreender o motivo pelo qual os jornais portugueses não deram grande relevo ao lançamento da Bomba Atómica?

A Imprensa Portuguesa atravessava, em 1945, uma fase dura da sua existência, os redactores eram escassos (nada de comparável com os nossos dias) e a situação financeira dos jornais deixava muito a desejar, não permitindo despesas de manutenção de correspondentes no estrangeiro.

A situação política da época era muito delicada. Portugal não participava na Guerra, definira uma política de neutralidade, era um espectador do conflito que se vivia, mas a existência de censura prévia não permitia que fossem publicadas determinadas matérias, nomeadamente os textos relacionados com a destruição material e humana. Esta é uma das hipóteses possíveis para explicar o facto de nunca aparecerem em qualquer jornal imagens sobre Hiroxima destruída.

Temos de admitir, por outro lado, que os jornalistas portugueses não estivessem suficientemente alertados para as consequências que poderiam advir da utilização para fins militares da energia atómica. Convém lembrar, aliás, que os norte-americanos e os ingleses censuravam toda a informação relativa às experiências preparatórias da bomba atómica, o que produzia efeitos a nível da circulação internacional da informação.

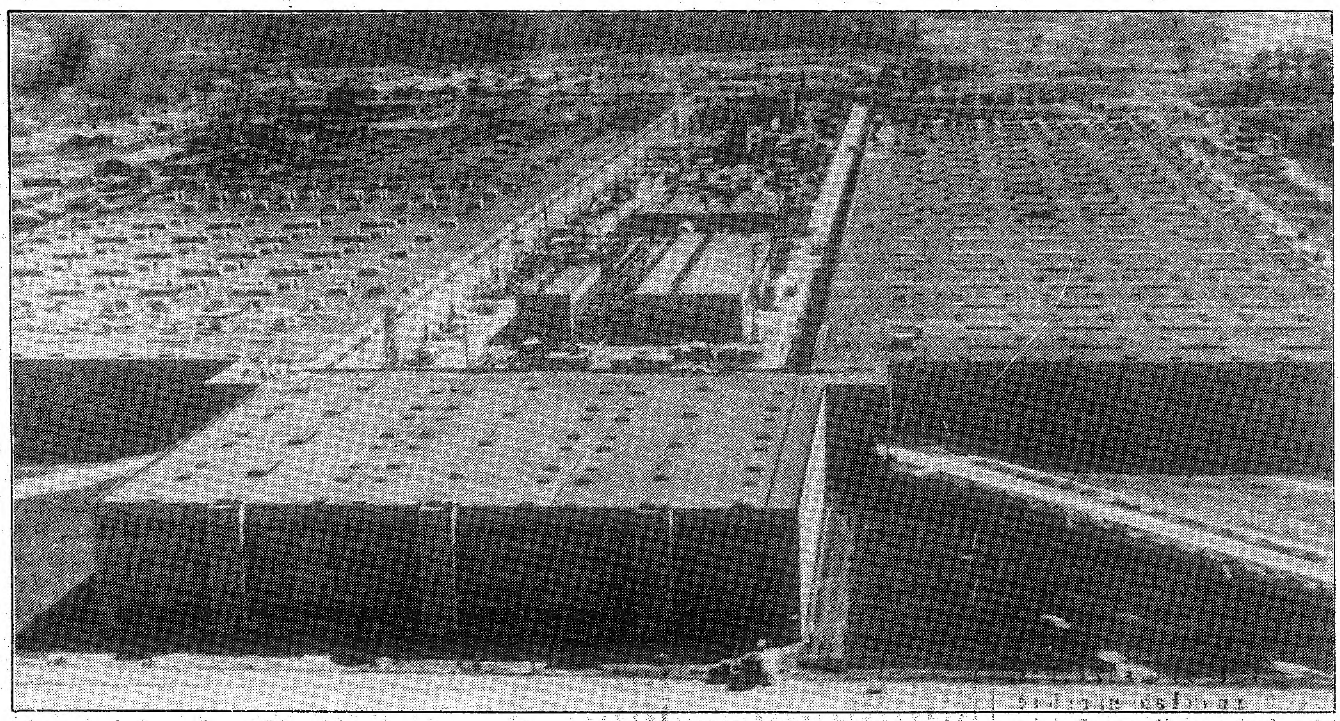
São estas, em nosso entender, algumas das hipóteses explicativas da fraca repercussão na Imprensa portuguesa desse acontecimento histórico que foi o lançamento da primeira bomba atómica. Embora insuficientes, podem ajudar à compreensão dos factos da época.

Redacção «DL» / com base em investigação de Anabela Ramalhão de Almeida e Salomé Branco Joanaz

José de Freitas - a excepção portuguesa

A única voz portuguesa a interromper o discurso das agências noticiosas foi a do comentarista internacional José de Freitas, no «Diário Popular». Não se trata sequer de um texto especificamente dedicado à bomba de Hiroxima, mas de uma análise global acerca da guerra no Pacífico, que tomava em conta os efeitos estratégicos do lançamento do engenho nuclear.

José de Freitas analisa as hipóteses de prosseguimento da resistência nipónica, após a «bomba atómica e a participação russa» no conflito, admitindo, no seu comentário, que «o Governo de Tóquio, apegado a um fanatismo religioso-patriótico, pode assistir, quasi indiferente, aos espectáculos horríveis como Hiroxima, a cidade morta -- e há razões para aceitar que assim aconteça durante algum tempo...»



O laboratório de Oak Ridge, no Tnessee, onde era produzido o urânio e que, apesar do seu tamanho, foi mantido em segredo

POLÍTICA

POSTO DE ESCUTA

Sucessor
«O sucessor do engenheiro Abecasis passou alguns meses a desatar nós. E alguns eram nós cegos. Não se pede à esquerda apenas que desate nós: pede-se uma atitude e uma postura com resultados inteiramente diferentes»
José Magalhães

Quotidiano
«Sampaio tem planos, mas não anuncia uma decisão, não anuncia uma política para Lisboa, nem uma realização efectiva. Tem faltado uma apreciação realística da situação e capacidade de acção. A vida quotidiana da capital não mudou»
Vasco Pulido Valente

Lisboa
«Lisboa vai ganhar com a disputa entre o ministro Ferreira do Amaral e o presidente da Câmara»
José Magalhães

Lebre
«...Uma lebre que corre como o ministro Ferreira do Amaral»
José Magalhães

Moto
«...Não, ele corre de moto!»
Vasco Pulido Valente

Campanha
«A campanha eleitoral vai começar em Outubro, com Mário Soares, e vai continuar ininterruptamente»
Vasco Pulido Valente

Eleições
«Sampaio não poderá fazer férias agora; só depois de todas as eleições»
José Magalhães

Corrida
«A acumulação do cargo de presidente da Câmara com o de líder do PS é extremamente prejudicial: o que ele fizer ou não fizer no Município vai reflectir-se na corrida a primeiro-ministro»
Vasco Pulido Valente

Invasão
«Não vai haver resposta bélica à invasão do Iraque ao Koweit. A sua capacidade ofensiva é muito grande»
José Magalhães

Ingerência
«O Iraque está a precisar de uma ingerência e de uma intervenção como de pão para a boca»
Vasco Pulido Valente

FLASH-BACK, TSF-Rádio Jornal, 05.08.90, das 12 e 10 às 13 e 20, um debate entre José Magalhães e Vasco Pulido Valente, moderado por Emídio Rangel

Em Montemor-o-Novo, o secretário-geral adjunto do PCP falou na necessidade de convergência com o PS. Em Lisboa, Cunhal admitiu que o Governo está a recuperar base de apoio

Carvalhas receia influência do «partido dos reformados»

Um ataque ao Partido de Solidariedade Nacional, acusado de ligações à extrema-direita, constituiu ontem em Montemor-o-Novo a principal novidade da intervenção do secretário-geral adjunto do PCP durante um almoço-convívio com um grupo de militantes.

Recentemente legalizado, o «partido dos reformados» conquista assim um «lugar» no discurso das formações políticas instaladas, motivado pelos receios quanto à influência eleitoral que possa vir a alcançar.

Carlos Carvalhas, aliás, salientou, perante uma audiência idosa, que o PSN tem como objectivo primordial instalar-se na Grande Lisboa e Alentejo, áreas onde o PCP obtém, como é sabido, os seus melhores scores.

Para lá desta referência ao PSN, a jornada alentejana de Carvalhas centrou-se nos actos eleitorais do próximo ano. No mesmo sentido se orientou a intervenção de Álvaro Cunhal num encontro com militantes, realizado no sábado no Centro Vitória, em Lisboa. Os comunistas continuam a acreditar na «possibilidade de afastar a direita do poder», através de um entendimento com o PS.

A este propósito, o líder voltou a aludir à coligação vitoriosa nas autárquicas de Lisboa, justificação primeira da necessidade de uma estratégia unitária, agora caracterizada como «de convergência». «É preciso examinar este processo», disse, «não apenas pelo que é, mas por aquilo que se dizia que não podia ser».

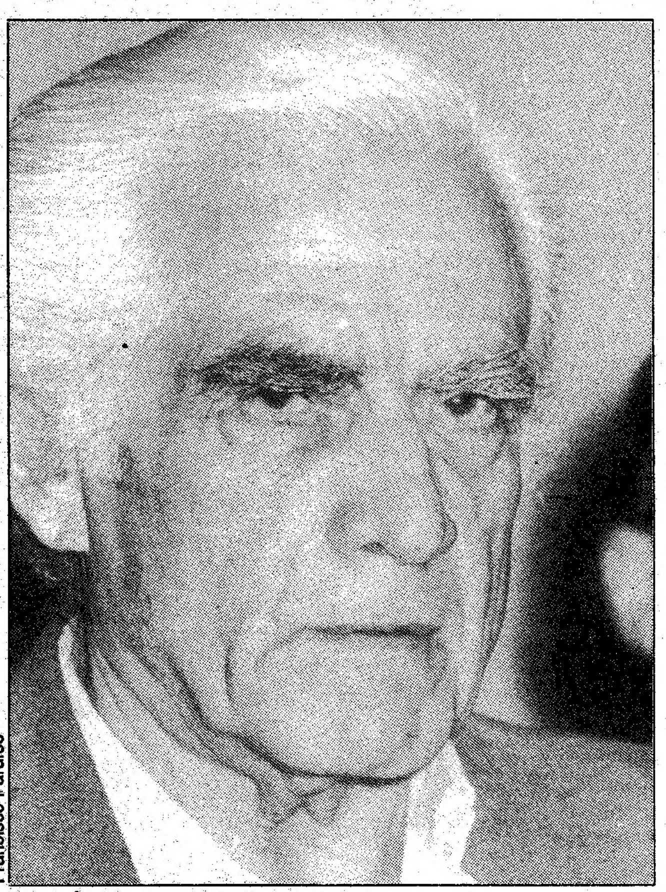
Presidenciais são tranpolim

Álvaro Cunhal considerou que as Presidenciais devem constituir trampolim para as Legislativas, na exacta medida em que propiciam o debate sobre «grandes questões». Tendo o PCP tomado já a decisão de avançar com candidato próprio, admitiu que, caso Mário Soares decida concorrer de novo, será difícil aparecer uma «candidatura democrática» em condições de vencer.

Prudente, o secretário-geral mostrou-se preocupado com a possibilidade de o Governo estar a recuperar a sua base de apoio, através da «utilização demagógica» dos fundos europeus e da intervenção na Comunicação Social. Aliás, no Alentejo, Carvalhas abordou igualmente esta questão. «A política do Governo traduz-se na alienação do património público e numa campanha eleitoralista em que confunde o PSD com o Governo e o Orçamento», afirmou.

A Comissão Política do PCP está hoje reunida para «análise da situação política». Afigura-se como pouco provável que seja já tornada pública a decisão quanto à personalidade que representará o partido na «corrida» a Belém. De acordo com a deliberação tomada na última reunião do órgão, a escolha incidirá sobre um membro do Comité Central.

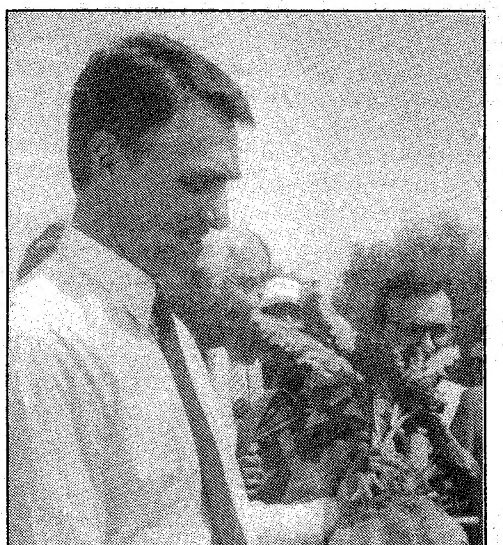
Redacção «DL»/Lusa


Francisco Paraíso

Álvaro Cunhal considera que se Mário Soares se apresentar às próximas presidenciais será difícil aparecer «uma candidatura democrática» vencedora

Cavaco Silva vai de férias para São Tomé e Príncipe

O primeiro-ministro, Cavaco Silva, parte amanhã, acompanhado pela mulher e filhos, para S.Tomé e Príncipe, onde vai passar nove dias de férias. O chefe do Governo segue sem comitiva amanhã depois do jantar, regressando a Lisboa no dia 16 de manhã. Hoje, Cavaco desloca-se ao Instituto Nacional de Emergência Médica onde pretende inteirar-se da sua actividade. No dia 9, Cavaco Silva encontra-se com o presidente de São Tomé, Pinto da Costa, que lhe oferece um jantar. No dia seguinte, Cavaco estrá presente na inauguração de um conjunto de apartamentos para cooperantes portugueses.


Cavaco em Coruche

A 15 de Agosto, véspera do regresso a Lisboa, o primeiro-ministro desloca-se ao local do futuro Centro de Produção da televisão de São Tomé e preside à cerimónia da entrega de diplomas de um curso ali realizado pela RTP.

Em São Tomé está desde o passado dia 27 de Julho uma «missão secreta» do PSD, chefiada por Vítor António, do gabinete eleitoral do partido, com o propósito de colaborar na campanha eleitoral de Pinto da Costa para o sufrágio presidencial do fim do ano.

Durante o fim-de-semana o primeiro-ministro deslocou-se até Coruche onde visitou instalações agrícolas e conversou com os habitantes daquela região.

A jornada do chefe do Governo por terras ribatejanas pautou-se pelo calor e por algumas afirmações de antologia que Cavaco Silva teceu perante audiências animadas. Foi o caso do discurso que fez na freguesia do Couço. Na sua intervenção, o primeiro-ministro recordou, como depois de chumbar no 3º ano da escola comercial, o seu pai o pôs a trabalhar na lavoura durante umas férias de Verão e como depois disso nunca mais chumbou e chegou a chefe de Governo.

Aplaudido pelos agricultores e jovens presentes, Cavaco Silva admitiu que entre estes estivessem alguns que no futuro venham também, como sucedeu consigo, a ser primeiros-ministros de Portugal.

BREVES

Ex-elemento da Interpol chefia gabinete em Macau

Paulo Bernardino, antigo responsável pela secção portuguesa da Interpol, foi nomeado coordenador do «Gabinete para a Criação de uma Estrutura de Informações», GCEI, por despacho publicado no boletim oficial de Macau. Os objectivos daquele organismo, que terá um prazo de existência não superior a três anos, apontam para o «levantamento das necessidades de informações, áreas essenciais ao desenvolvimento e estabilidade de Macau, não contempladas pelos serviços de informações operacionais das forças de segurança».

Diplomacia portuguesa elogiada pela ONU

Portugal «é um dos países mais favoráveis à resolução de conflitos internacionais pela via pacífica, incluindo o do Sahara Ocidental», afirmou o conselheiro especial do secretário-geral da ONU, Issa Diallo. Aquele elemento das Nações Unidas, que se encontra em missão técnica no Sahara Ocidental, adiantou que Portugal, com uma experiência africana de 500 anos, «apoia a realização de um referendo no território e os esforços de paz de Perez de Cuellar». O conselheiro admitiu a existência de «algumas dificuldades por parte de Marrocos, com vista à aplicação do Plano de Paz das Nações Unidas» para aquela região, notando ser, no entanto, «possível ultrapassá-las a curto prazo».

PS preocupado com a habitação

O Secretariado Nacional do Partido Socialista reune esta tarde para discutir a situação habitação em Portugal. Em foco vão estar as recentes medidas anunciadas pelo Governo quanto ao novo regime de crédito à compra de casa própria e a nova regulamentação dos arrendamentos urbanos.

Há projectos para ocupar 800 hectares na Área de Paisagem Protegida, mas a edilidade escuda-se na ausência de regulamentação. Qual o preço do turismo de qualidade?

Câmara de Cascais unida contra as negociatas imobiliárias

O sector da construção imobiliária ataca em força em Cascais. À porta da Câmara, bateram estrangeiros e nacionais. Querem em conjunto ocupar qualquer coisa como oito milhões de metros quadrados (800 hectares) da Área de Paisagem Protegida de Sintra-Cascais, metade da parcela integrada no concelho. «É aterrorizante!», clama a oposição comunista na edilidade. «Não permitiremos!», assegura o presidente. Que admite, porém, a existência de «pressões».

Anabela Loureiro

Georges Dargent (PSD): «Há pressões; temos der ser muito fortes»

Anabela Loureiro

Carlos Sota (CDU): o que «sobra» se o «pacote» de projectos for aprovado?

Parte dos projectos que a serem aprovados, mudariam o rosto do concelho - estão ainda em fase de consulta na Câmara, que é como quem diz percorrem os gabinetes técnicos a aguardar oportunidade de apreciação política.

Entre os que a vereação já conheceu, figuram alguns «mastodontes», em termos do espaço a ocupar. Raso e Euronova, os projectos que António Champalimaud quer implantar na zona da Quinta da Marinha, atingem os 300 hectares. Perto do Guincho, o empreendimento que toma o nome de Abano tem como objectivo ocupar 220 e o de Savelos, em Carcavelos, quase 50 hectares. Mas há mais: sabe-se, por exemplo que para a Penha Longa uma empresa japonesa tem um projecto de 250 hectares. Tudo em plena Área Protegida.

A construção de unidades turísticas constitui, naturalmente, o objectivo, numa zona de grande beleza natural, o «passeio público» de dois milhões de almas da Grande Lisboa e «pulmão» de Cascais. Se os projectos recebessem «luz verde» - e atenção à previsível «sedução» pela zona, mal abra a auto-estrada - o vereador Carlos Sota admite que a população quase duplique em poucos anos. Mais cem mil pessoas no concelho representariam uma carga sobre as infra-estruturas de consequências difíceis de prever.

Paisagem Protegida aguarda regulamentação

«É aterrorizante o que se prevê para esta zona sensível», afirma ao «DL» o representante da CDU na edilidade, que na semana passada apresentou na reunião do executivo um conjunto de propostas destinadas a estabelecer regras claras neste domínio. Diz-se preocupado com o facto de o património de Cascais estar a ser posto em causa e considera existirem, hoje, «melhores condições políticas» para avançar.

O PSD é poder no concelho há oito anos - primeiro com Helena Roseta, desde 1985 com Georges Silveira Dargent. Aliado ao CDS («e o PS esteve com eles quase dois anos...», atira Carlos Sota), nunca foi incomodado pela segunda força, o PCP. Nas eleições de Dezembro, as águas separaram-se e os comunistas, mesmo trocando de posição com o PS, estão agora mais seguros de poder sensibilizar os seus companheiros de vereação para as posições que defendem.

Na última reunião, exigiram o conhecimento dos grandes projectos em consulta e o cumprimento estrito do Plano de Urbanização da Costa do Sol (PUCS), lançado em 1956. Quanto à Área de Paisagem Protegida, preconizam que os projectos sejam liminarmente indeferidos, enquanto não for regulamentada *(ver caixa)* e sustentam o estabelecimento de medidas preventivas para as áreas sensíveis, não abrangidas por planos de urbanização.

As suas propostas foram aprovadas como recomendação. Na prática, constituem uma «declaração de princípios» a que vão obedecer futuras decisões. O presidente do município considerou, em declarações ao nosso jornal, que, globalmente, representam o «reiterar da posição da Câmara» nesta matéria. Assegurou que também ele não deseja «descaracterizar o concelho», antes apostando na reconquista da imagem de região cujo ex-líbris é o turismo de qualidade.

«Temos de ser fortes»

A questão de fundo acaba por ser, neste cenário, a vontade e força políticas para preservar aquele espaço das «garras» da construção desenfreada. Dargent, que reconhece a existência de «pressões políticas e económicas» - e, sintomaticamente acrescenta: «temos de ser muito fortes» -, já tomou uma decisão. Com ele na liderança, a Câmara de Cascais não aprovará qualquer projecto para Área Protegida, enquanto o Ministério do Ambiente não a regulamentar. Dá um exemplo: não autorizará a urbanização pela Grão Pará dos cerca de dez hectares que «sobram» do Autódromo do Estoril, a adquirir pelo Estado.

Durante o Verão, o problema continuará em aberto no município de Cascais. No próximo dia 22, os vereadores comunistas apresentam em conferência de Imprensa «novos dados». A 30 de Agosto, o executivo fará o ponto da situação, analisando o conjunto de projectos de construção.

Aparentemente, portanto, há coincidência de pontos de vista. Uma coincidência que Silveira Dargent sublinha: «defendo os interesses do município e a minha posição é partilhada por toda a vereação». O presidente estará, até certo ponto, a pôr água na fervura. Porém, a avaliar pelas notícias veiculadas pela Comunicação Social, poderá estar também a procurar ganhar força para resistir às tais «pressões», num momento em que a aprovação do Plano Director Municipal é encarada como prioridade.

PDM em fase de «diagnóstico»

O PDM de Cascais, instrumento fundamental de ordenamento do território, começou a ser elaborado há nove anos. No entanto, diversos acidentes de percurso, como as cheias de Novembro de 1983, que obrigaram a um plano de emergência para recuperar o litoral do concelho, atrasaram o processo. Resultado: está ainda na fase de relatório preliminar, o «diagnóstico» da situação.

Os vereadores da CDU defendem que a fase seguinte de elaboração do PDM, já destinada a lançar «pistas», seja submetida a concurso público e entregue «a gabinetes que não tenham interesses no concelho de Cascais», como afirma Carlos Sota. Paralelamente, são favoráveis à constituição de uma comissão de acompanhamento dos trabalhos envolvendo técnicos e um representante de cada força política.

Que o objectivo final é privilegiar o turismo de qualidade no concelho ninguém discorda. É nesse sentido, aliás, que aponta um «PDM de turismo», em fase final de execução.

O líder autárquico preconiza a concentração da oferta turística na faixa litoral, o sul do concelho, futuramente «separado» do norte pela auto-estrada. O aumento do número de camas de sete para 12-13 mil é uma das metas.

Consciente de que a existência de unidades hoteleiras de qualidade não constitui «chamariz» por si só, propõe-se dinamizar simultaneamente o turismo e a cultura, preservando o ambiente.

O que passa, por exemplo, pela eliminação da chaga dos bairros clandestinos, que já foram mais de cem na área concelhia.

Paulo Martins

Macário Correia assegura regulamentação em breve

O processo de regulamentação da Área de Paisagem Protegida está quase concluído. «Está tecnicamente feita; faltam acertos finais de carácter legislativo», afirmou ao «DL» o secretário de Estado do Ambiente.

Macário Correia revelou que a concretização do Plano de Ordenamento da Serra de Sintra, que abrange uma vasta área entre a Cidadela, em Cascais, e a Foz do Falcão, na fronteira com o concelho de Mafra, depende apenas de alguns pareceres finais, «inclusive de autarquias», que o Governo afirma não querer ignorar. Recorde-se que ainda na semana passada foi publicada a regulamentação relativa à serra da Estrela.

P.M.

Anabela Loureiro

De um lado prédios em construção, do outro uma Área de Paisagem (ainda) Protegida: sem cuidados ambientais não há turismo de qualidade

FORUM

CARTA, QUASE ABERTA, A MÁRIO SOARES

Todos nós somos, pelo menos, dois.

Às vezes até somos mais, mas, mesmo quando isso sucede, nunca deixamos de ser dois, no conjunto numérico do que somos.

Isto parece esquisito.

É mesmo esquisito, quiçá incompreensível, mas nem por isso deixa de mostrar que é às vezes no incompreensível que melhor se compreende o fermento, o ovo, a célula inicial da verdadeira conquista de nós. E esse fermento, esse ovo, essa célula, por mais voltas que tentemos ou que nos obriguem a dar, levamo-lo sempre connosco a ditar rumos, a medir alturas e até sobretudo, a afirmar o que continuamos a ser.

Poderemos ter sonhos, voar com eles, mas nunca tanto que possamos dispensar a fraga de um pico ou a relva de uma planície para pousar, mesmo que só cansados de tanto pensar no destino que nos foi reservado e, em dado momento, quisemos aceitar ou as circunstâncias humanas envolventes nos impuseram como sendo o caminho certo.

É sempre terra a fraga do rochedo altaneiro ou a relva macia da planura.

Ponhamos os pés na terra, finquemo-los bem nela, como diria o Casais Monteiro, que tanto gosto de chamar para ao pé de mim quando julgo dever ensaiar voos de vontade em céus quase opacos e densos a tapar os horizontes sonhados.

Oiça, Mário Soares.

Esta carta, que vai aberta, mas não tanto que não esconda o que você nela poderá adivinhar para lá das palavras, é uma reflexão necessária, não tanto para aqueles que a venham a ler, mas para mim que a escrevo.

E talvez, também, para Você.

Um dia, já lá vão uns anos - largos para a minha idade - e em plena Comissão Nacional do PS, de que eu então fazia parte, tive ocasião de dizer-lhe, em grito aberto de compreensão e camaradagem que você, como cidadão, tinha o direito de fazer o que havia feito e nos acabara de comunicar, mas que, como secretário-geral não tinha.

E acrescentei-lhe, na altura, que como cidadão faria o que você fizera mas que, como militante partidário, o não faria.

Isto poderá ser olhado como mero e despropositado jogo de palavras, agora que nem eu sou membro da referida Comissão Nacional nem você secretário-geral do partido ou primeiro-ministro.

Mas não é assim que eu o encaro e vou dizer-lhe porquê.

Faço-o sem receio de eu próprio corar ou o fazer corar a si pelo remexer num episódio que, praticamente, só teria tido importância, e mesmo assim pequena, nas nossas posições de militantes de uma mesma barricada.

As nossas posições eram, ambas e por igual, legítimas e coerentes.

Quando um homem, na sequência de um qualquer sonho, se integra no sonho plural de um povo ou de uma nação e, por aquele ou por esta, é aceite na qualidade em que se ofereceu para o servir, sem deixar de ser o que foi e é, deixa, em grande parte, de poder ser coisa diferente, Mormente se, no decurso do tempo em que essa qualidade se manifestou como função, as razões de escolha de alguns se foram multiplicando e se tornaram razão da escolha de muitos.

A disposição do tempo, por parte do escolhido, pode assumir, e por vezes assume, contornos de castigo de crime não cometido. Mas, por maior que seja o desejo de disposição desse tempo, por vezes em tarefas mais próximas do coração dele, há uma parte, às vezes grande, de todo do que somos, que deixa de ser, a partir de determinados momentos, susceptível de obedecer à nossa própria vontade, ao nosso desejo, à nossa ambição, mesmo que só intelectual.

E agora ouça, Mário Soares:

Quando você foi eleito, à segunda volta - e esse facto não é de somenos! - o Presidente da República a que logo, e muito justificadamente, acrescentou, de todos os portugueses, deu a tal parte de si a que só faltava, então, a confirmação por actos do que dissera em palavras.

Essa sua entrega, hoje indiscutível e indiscutida, não foi nem poderia ter sido limitada em outro tempo ou com outros limites que não fossem os que a Lei Constitucional fixa e você aceitou, ao jurar defendê-la.

Essa nação, mesmo só parte da nação, a quem você se deu para o desempenho de tarefa cívica, só por nova eleição poderá libertá-lo da obrigação de servi-la por mais um dos períodos legais de recondução.

E repare, Mário Soares, que a nossa Constituição se permite um quinquénio imediatamente subsequente, o que, em meu entender de povo, significa, por parte do anteriormente eleito, a obrigação cívica de continuar a praticar os actos necessários a que a massa eleitoral possa, por igual, menor ou maior volume, dizer-lhe que o exercício, a findar, correspondeu ou não à confiança da escolha.

O acto necessário, obrigatório perante a Lei, não se limita a ser seu mas de seu tem, por indispensável, a aceitação, e isto por maior que seja a base de concordância e apoio de que possa desfrutar.

E compreende-se.

O desempenho do cargo de Presidente da República, de todos ou mesmo só de alguns portugueses, não pode ser um castigo imposto contra a vontade de quem é chamado a exercê-lo!

Mas quando a nação, por tudo e em tudo, mostra que quer, dentro dos limites legais, uma continuação-confirmação de desempenho anterior, falta ao mais elementar dos deveres cívicos quem se escuse, por inércia ou falta de prática de formalidades, a dar essa mesma nação a possibilidade de dizer SIM e, aos que assim não entendam, a de dizer NÃO, escolhendo outro.

Mário Soares, por muito que você tenha lutado pela liberdade de todos nós, ela, depois de conquistada, não lhe é extensiva, em contrário à vontade por demais manifestada e evidenciada, da nação que saiu fortificada pela Primavera de Abril em que todos, uns mais e outros menos, colaborámos.

Vamos lá, Mário, vai sendo tempo de ser você a votar na nação.

Costa e Melo

A MÁ SÍNDROME DOS MILITARES

Nos últimos dias, nas últimas semanas, veio mais uma vez à tona de água o mau tratamento que o Ministério das Finanças reserva às Universidades: a Faculdade de Letras de Lisboa não só denunciou a situação de penúria que lhe era imposta, mas encarou - ou encara ainda? - a hipótese de recusar dar início às suas actividades a partir de Setembro.

Ora, é curioso que os militares, que pesam horrivelmente no Orçamento Geral do Estado, nunca são forçados a denunciar as mesmas dificuldades. Será que o Ministério e o ministro das Finanças têm medo que os militares enviem a sua casa, ou ao Ministério, uma companhia de caçadores especializados em capturar os funcionários responsáveis pelas Finanças? O leitor pode já tirar as primeiras conclusões.

Quer dizer que o Estado se pode permitir travar o funcionamento normal do ensino superior, todavia indispensável à própria sobrevivência nacional, mas não se permite dizer aos militares que tenham juízo.

Dispomos agora de uma prova nas lutas subterrâneas que se travam a respeito do Estatuto, ou dos Estatutos dos militares, que se caracterizam, denunciam os sargentos que por isso mesmo malham com os ossos na cadeia, por um reforço das desigualdades.

Neste caso, a minha surpresa é enorme: pensava eu que vivíamos, enfim, num regime democrático. Convenço-me de que tal não é o caso, já que os oficiais superiores são, no caso dos sargentos, juízes e causa. Sem poder pôr em dúvida a isenção dos oficiais que devem julgar as actividades reivindicativas dos sargentos, não haverá risco de ver aparecer em primeiríssimo lugar o «esprit de corps»?

Mas há tão incómodo, quando não mais grave. O chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas vai auferir, até 31 de Dezembro, a bagatela de cerca de 700 contos mensais, a que se somam mais 30 por cento de despesas de representação (ou seja, mais 245 contos).

Tudo é relativo, convenhamos: o general Soares Carneiro recebe menos dinheiro do que o guarda-redes do Porto. Não sei qual é, na especialidade respectiva, o mais competente, mas espero que a grelha dos salários não seja organizada apenas em função da competência...

Uma vez mais, o exemplo de injustiça flagrante que me ocorre é naturalmente o dos trabalhadores que encontramos todos os dias na rua: limitados a nove horas de trabalho por dia, os condutores dos autocarros de Lisboa conseguem chegar dificilmente aos 50 contos mensais.

Como nunca consegui nenhuma boleia em carros do Exército, prefiro que os condutores dos autocarros trabalhem menos e ganhem mais.

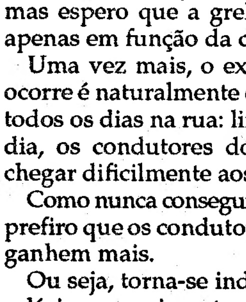
Ou seja, torna-se indispensável um melhor equilíbrio dos salários e vencimentos, tanto mais que, noutro plano, o leitor de uma universidade portuguesa ganha muito menos do que um general, sejam quais forem as suas «estrelas», quer dizer os seus títulos académicos.

Ora, podemos voltar a pegar em Saint Simon para propor uma experiência, ainda que só imaginária. Imaginemos que amanhã acordamos sem exército, com os quartéis enfim vazios, consagrados a actividades mais criadoras. Quem daria por isso? Que perigos podíamos nós, indivíduos e Nação, correr?

Nenhum, é evidente, e esta simples parábola serve para pôr em evidência o carácter gratuito e luxuoso de um exército ainda abarrotado com a gente que perdeu a guerra colonial. Homens cheios de medalhas, de louvores, de galões. Coisas já do passado arcaico e que merecem apenas ir para os museus de arqueologia..

Feitas as contas simples - que não simplistas - verifica-se que se paga cara de mais uma função arcaica e inútil, quando não perigosa. Os militares podem voltar a casa, tanto mais que a segurança está assegurada pelos soldados profissionais: PSP, GNR, GF, PJ... Não chegam?

Continuamos a pagar caro o facto de a sociedade ter chamado os militares para resolver os problemas da sociedade civil. O resultado perverso está à vista: os militares continuam a pensar ser indispensáveis, quando na Europa toda, do Atlântico aos Urales se encara a necessidade urgente de pôr termo às despesas delirantes provocadas pelos exércitos e o mais.



Alfredo Margarido

Fartos de guerra e de guerreiros de salão, parece podermos enfim libertar-nos do espectro de Esparta. E dos fantasmas de Lippe e de Beresford. E de Gomes da Costa e de Carmona. Graças à Europa. Graças lhe sejam rendidas!

FORUM

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos.**
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Monteiro e António Gomes da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Guiomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponez, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Isidro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraíso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), **Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro**

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Óscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutello

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), **António Lima e Maria Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pipos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70$00; na Madeira, 75$00; nos Açores, 85$00.

CARTAS NA MESA

Sobre a entrevista do ministro da Informação de Cabo Verde

«São vítimas minhas. Portanto, desconfiai de tudo o que tenham dito, digam ou venham a dizer da estrutura que me alberga», eis como argumentaria um homem sem a mínima noção de que um Estado precisa de ser, ou pelo menos de parecer, uma pessoa de bem, para que não tenha de agir na base da força ou da dissolução moral.

O ministro da Informação de Cabo Verde utiliza, na entrevista hoje publicada no vespertino que dirige, o argumento de ter perseguido e despedido os jornalistas cabo-verdianos que trabalham ou colaboram nos órgãos de informação portugueses para lançar a suspeita sobre a isenção, o rigor ou mesmo a veracidade com que tratam matérias referentes àquele país e ao seu Governo.

Porque «ameaçou» nessa entrevista citar nomes e, pelo que sei, somos três os jornalistas com essa nacionalidade que, de uma forma regular, colaboramos na imprensa portuguesa (eu no «Expresso» e no «DL», um no «Independente» e outro no «Correio da Manhã»); porque entre os três sou o único que não sofri a tutela ou a perseguição do sr. ministro ou dos seus acólitos; mesmo sem mandato dos dois outros meus colegas de profissão e independentemente do procedimento judicial por difamação que possamos conjuntamente intentar, mutio agradecia que desse guarida aos seguintes esclarecimentos:

O novo embaixador de Cabo Verde em Portugal já tinha dito, num programa radiofónico, qualquer coisa como isto (não garanto os termos precisos): *«Os problemas de Cabo Vede em Portugal resumem-se a dois jornalistas cabo-verdianos que cá estão.»* Tomei nota, mas não dei na altura demasiada importância a tal tese. Mas as declarações do embaixador perdem agora o carácter de opinião pouco esclarecida com as precisões do sr. ministro, que aduz que o impacte em Cabo Verde do que aqui escrevem esses jornalistas se explica por os factos que revelam serem geralmente silenciados na imprensa que tutela. E por as motivações para a publicação de tais factos ou análises serem de carácter pessoal, por esses jornalistas terem sido despedidos ou «terem tido problemas». Para dar credibilidade ao que dizia, inventou para Cabo Verde uma «cultura do planfleto».

Não sou vítima de David Hopffer Almada que, apesar de tudo, tem a noção dos seus limires, e é nessa condição que falo.

O sr. Almada sabe que sempre proclamei, alto e bom som, no interior do Partido de que ainda não me desliguei formalmente, como fora dele, que não lhe reconheço competência para os cargos governamentais que vem sucessivamente ocupando desde o período de transição para a independência.

Há cerca de dois anos, usei a influência que ao tempo tinha junto do primeiro-ministro de Cabo Verde para abertamente me opor, numa reunião que precedia o Conselho de Ministros em que tal diploma seria apresentado, à condição de funcionários públicos que um seu projecto de Estatuto do Jornalista iria impor aos profissionais da Imprensa. Agora, ao sabor dos ventos, orgulha-se de, benemeritamente, lhes ir retirar a condição de serviços. Nesse tempo também me dei conta de até que ponto o aparelho oficioso da Informação estava corrompido pela perseguição e pela promoção de elementos incompetentes. Quando, numa atitude pouco ortodoxa para a minha condição de membro do Gabinete do primeiro-ministro, tentei promover uma reunião de jornalistas para vincar o protesto contra a indignidade que estava sendo imposta à profissão, verifiquei quanto era vão o meu gesto, de tal modo o medo e o conformismo eram de rigor entre os que ainda lá estavam. E não havia razão para tal medo. A prova é que nada de especial me aconteceu, a não ser, talvez, não entrar nas boas graças do sr. Almada.

Será que, na tortuosa lógica da argumentação a que o «DL» deu guarida, tais factos também me retiram legitimidade para falar em meu nome e dos meus colegas de profissão?

Convirá, sr. director, que é do mais baixo calibre moral e de uma arrogância intolerável para os cidadãos que um membro de um Governo venha, sem avançar factos concretos, lançar a dúvida sobre a honorabilidade de qualquer profissional, na base de que tem motivos para lhe querer mal e, através dele, ao Poder de que é um dos expoentes...

Contudo, posso testemunhar que tais tentativas de «fuzilamento moral» do inconformismo são uma característica do PAIGC-(PAICV) a que pertenço desde os 18 anos (já lá vão 22!) e de que ele só se redimirá, talvez, com uma boa e longa cura de oposição. A entrevista do ministro da Informação não passou da exibição de uma das chagas de um regime por que também me sinto responsável e em cuja mudança, de há, muito boa gente está empenhada.

Com a mais elevada consideração

Manuel Delgado

Nota da Redacção:

Num dos últimos perágrafos desta sua carta, Manuel Delgado põe em dúvida que, na sequência da publicação de um texto em que se considera visado, se lhe reconheça o direito de exprimir as suas razões! Como colaborador do «DL» que também é, sabe que nem são necessárias circunstâncias especiais para que as nossas colunas se abram à sua opinião. E para que acolham outras opiniões, provavelmente divergentes, sem que delas o «DL» se constitua em guarida, em arauto ou em reduto.

Praias, críticas e desmentidos

Em primeiro lugar, permita-me que o cumprimente pela melhoria que se verificou no jornal que sempre li e comprei desde os tempos em que comecei a ler jornais. Os meus parabéns, pois.

Mas, agora, tenho um reparo a fazer. Na 1.ª página da edição de 18/7, pode ler-se, em título bem destacado, «Risco de hepatite nas praias da Linha», seguindo-se um alerta sobre a poluição das praias desta linha, «confirmadas esta manhã por Macário Correia».

No dia seguinte, na página 13, Macário Correia desmente tudo quanto anteriormente disse, desta vez com base nas informações obtidas junto das autoridades sanitárias.

Ora bem. Entendo que o «Diário de Lisboa» deveria ter publicado o desmentido na 1.ª página, porque assim mandaria o bom senso. Desmentir no mesmo local onde se afirmou.

Para o sr. Macário Correia, a crítica pela maneira volúvel como foram feitas afirmações sem primeiro terem sido consultadas as autoridades sanitárias. Daqui, poderiam e podem decorrer graves situações sem se perceber porquê. Isto, não contando com o número elevado de praias da Linha.

Interessaria, pois, o esclarecimento total da situação e pede-se ao sr. Macário Correia que nos poupe informações posteriormente desmentíveis.

Ainda quanto ao caso da hepatite, apetece perguntar: quantos copos de água salgada é preciso beber para se adoecer?

Ficaria muito grato, não só pelo esclarecimento da situação e devida rectificação, no local próprio e pela publicação desta carta.

F. Guerreiro, *leitor de Cascais*

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De «Cartas do Campo Alegre», de Agustina Bessa-Luís.

(...) A televisão cria porventura um espaço ao conquistador cínico que somos todos nós. Num instante a inquietação, quer seja freudiana ou cartesiana, desaparece. O homem carrega num botão e dá-se a famosa explosão nuclear de derrubar uma cidade inteira, de acabar com uma civilização por completo.

O álibi perfeito da consciência é o sono. Sem sobressaltos, com a janela aberta sobre o dia de amanhã que nos trará outro programa e do qual nós saberemos o que podemos fazer.

5.AGO.90

Semanário

De um artigo de António Almeida Santos:

(...) A democracia tem regras. Uma delas é a da lealdade para um eleitorado, a qual não dispensa a transparência das posições e a coerência das atitudes.

O actual primeiro-ministro é livre para candidatar-se ou não à continuação do exercício do lugar que ocupa. Ao contrário do que é propenso a admitir, nem é insubstituível nem deixará saudades. Embora não deva, pode ainda candidatar-se sob a condição de o seu partido obter a maioria absoluta, desde que esclareça quem, em caso de maioria relativa, o PSD faz avançar como primeiro-ministro. Mas não pode, legitimamente o PSD, neste último caso, recusar-se a formar Governo, se no Parlamento se acender a luz verde necessária para que o forme. Digamos que, neste caso, só as oposições, por maioria bastante, podem libertá-lo desse democratíssimo dever.

Em resumo: não pode criar e muito menos explorar equívocos. O eleitorado tem o direito de saber, antes de exercer o voto, qual a concreta disposição dos partidos em face dos resultados possíveis. (...)

4.AGO.90

Expresso

Do editorial de José António, Saraiva:

A designação «Alta Autoridade» suscita um certo respeito.

*Em primeiro lugar, porque é **alta** - isto é, está acima do cidadão comum; em segundo lugar, porque é **autoridade** - termo que designa alguém que dispõe de poder superior aos demais.*

Esta circunstância devia levar o Governo a rodear-se de especiais cuidados na escolha dos membros da Alta Autoridade para a Comunicação Social.

Tendo este órgão, entre outras atribuições, o encargo de se pronunciar sobre o licenciamento dos novos canais privados de Televisão - processo que deve ser inteiramente transparente, sob o risco de todo o conjunto das privatizações no campo da Comunicação Social ficar sob suspeita -, os seus membros, mesmo os de designação governamental, deviam ser cidadãos respeitados e reconhecidos pela sua independência.

E aqui é que se levanta o problema.

É que os membros da Alta Autoridade que tomaram posse nesta semana são, na sua maioria, pessoas desconhecidas ou mal conhecidas - o que permite que se instalem no espírito dos cidadãos todas as desconfianças. (...)

4.AGO.90

Residentes ocidentais no Kuwait servem como reféns

Iraque ameaça usar mais violência

A via das sanções económicas continua a ganhar pontos sobre uma resposta militar à invasão do Kuwait por tropas iraquianas. A CEE, os EUA e o Japão já proibiram a importação de petróleo do Iraque e do Kuwait e a exportação de armamentos para os dois países. Esta posição poderá ser hoje adoptada pelo Conselho de Segurança da ONU que se reúne para discutir a questão. Bagdad ameaça agora transformar em reféns os residentes ocidentais no Kuwait. O jornal norte-americano «Washington Post» revela na sua edição de hoje um terceiro tipo de resposta em preparação: acções dos serviços secretos dos EUA para desestabilizar o regime de Saddam Hussein.

O isolamento económico e diplomático do Iraque parece ser por enquanto o meio mais eficaz para conter o poder iraquiano no Golfo Pérsico. Qualquer acção militar correria o risco de falhar por falta de meios adequados para enfrentar um exército de mais de um milhão de homens fortemente armados. Já a debilidade da economia iraquiana, totalmente dependente do sector exportador petrolífero, é o melhor ponto fraco a explorar aos olhos dos líderes ocidentais.

Mas Bagdad não está completamente indefesa em relação às sanções económicas. Ontem, o Governo provisório do Kuwait lembrava aos «Estados que fizerem recurso a represálias contra o Governo do Kuwait Livre e contra o seu irmão Iraque que não se devem esquecer que possuem interesses e cidadãos no Kuwait». Onze norte-americanos que trabalhavam em campos petrolíferos e 35 conselheiros militares britânicos estão retidos num hotel no Kuwait e as tropas iraquianas não permitem a saída a nenhum nacional destes dois países.

O tipo de resposta que Bagdad pretende dar às sanções económicas ficou também demonstrado durante a visita que o vice-primeiro-ministro iraquiano, Taha Yassine Ramadan, fez ontem à Turquia. Sabendo que Bush e a NATO, à qual a Turquia pertence, tinham pedido a Ankara para fechar o oleoduto que conduz metade do petróleo iraquiano até ao Mediterrâneo, Ramadan disse ao primeiro-ministro turco, Turgut Ozal que tal atitude provocaria uma «atmosfera de desafio» entre os dois países vizinhos...

Bush irritado

Se Saddam Hussein conseguir enfrentar com êxito as sanções económicas (que noutros casos não se mostraram muito eficazes, pese embora que não eram contra países tão dependentes das exportações), restará a opção militar, provavelmente liderada pelos EUA, os quais através de declarações de Bush, continuam a mostrar-se inconformados com a situação no Golfo, que consideram vital para a sua segurança.

«Na sexta-feira, um dirigente árabe que eu respeito enormemente, disse-me que precisava de 48 horas para encontrar o que ele chamou uma 'solução árabe'. É evidente que ele falhou», disse ontem, num tom inusitadamente irritado, o Presidente dos EUA, ao retornar de um fim-de-semana em Camp David. Bush diria ainda que quer que os Estados árabes «se juntem ao resto do mundo na condenação a este escândalo e fazer o que puderem para que Saddam Hussein saia do Kuwait».

Quanto ao anúncio feito por Bagdad de que já tinha iniciado uma retirada militar (a televisão iraquiana mostrou imagens de colunas de camiões a sairem do Kuwait), Bush declarou que o Iraque tinha «mentido mais uma vez» e classificou o exército de Saddam Hussein de «foras da lei internacionais e renegados».

Hoje de manhã, fontes nos campos petrolíferos na zona entre o Kuwait e a Arábia Saudita continuavam a referir movimentações de tropas iraquianas e sauditas, embora os serviços secretos israelitas e responsáveis de Bagdad considerem improvável uma nova invasão. Se tal vier a acontecer, uma intervenção militar norte-americana foi tida como «quase inevitável» pelo presidente da Comissão das Forças Armadas da Câmara dos Representantes dos EUA, Les Alpin.

Uma outra opção de resposta à invasão do Kuwait, foi hoje revelada pelo «Washington Post». Segundo o diário norte-americano, citando fontes bem informadas, George Bush ordenou às agências governamentais para elaborarem secretamente planos de desestabilização do Governo de Bagdad, visando o derrube de Hussein. Bush tem-se encontrado com frequência nos últimos dias com o director da CIA, William Webster, o qual considera que o Presidente iraquiano quer transformar o seu país numa «superpotência árabe». Confrontado com estas informações, um porta-voz da Casa Branca disse que não comenta «assuntos secretos».

Redacção «DL»/ AFP/Lusa

O vice-primeiro-ministro iraquiano, Yassine Ramadan, com o primeiro-ministro turco, Turgut Ozal, para lhe dizer que Bagdad veria como um «desafio» qualquer corte no oleoduto que leva o petróleo iraquiano para o Mediterrâneo

Bolsas em queda livre

As consequências da invasão iraquiana do Kuwait, nomeadamente o embargo decidido pela comunidade ocidental sobre o petróleo iraquiano e kuwaitiano, continua a ter violentos reflexos nos principais mercados financeiros mundiais. Seguindo a tendência da queda nas bolsas de valores de Tokio e de Nova Yorque na sexta-feira, na manhã de hoje na bolsa de Londres o índice Footsie dos cem principais valores baixou 39,3 pontos, ficando em 2.245,3, depois de ter registado uma queda de 45 pontos na abertura.

Na bolsa de Paris, a queda da cotação dos valores toma as dimensões de um mini-crach financeiro fazendo registar uma queda de 3 por cento a meia hora de distância da abertura que se vem juntar a queda de 5 por cento verificada na semana passada. O embargo às importações de petróleo do Iraque e do Kuwait, decretado sábado pela Comunidade Económica Europeia, entrou imediatamente em vigor em Inglaterra, Japão, França e EUA.

Contactado pelo «DL» o Ministério dos Negócios Estrangeiros português informou a este jornal de que, apesar de Portugal ter assinado o comunicado da CEE para o embargo do petróleo iraquiano e kuwaitiano, o Governo português não vai seguir, por enquanto, o exemplo da Inglaterra e França que já proibiram a importação de petróleo desses dois países.

Solicitada a responder sobre a possível entrada em vigor do embargo a fonte ministerial respondeu que o governo português está livre de o fazer ou não, não se sabendo ainda qual a decisão final. O M.N.E. não soube ainda dizer qual o número preciso nem a identidade dos portugueses residentes nos territórios em conflito. «Estamos a tentar apurar por várias vias a identidade dos portugueses no Iraque e no Kuwait», acrescentou a mesma fonte.

Segundo dados do INE, Portugal importou em 1989 quase 10 milhões de toneladas de petróleo bruto, dos quais 11 por cento eram prevenientes do Iraque. Do Kuwait Portugal importou petróleo refinado calculado em cinco por cento das suas necessidades globais

Redacção «DL»/AFP

Issan Bisseisso em Lisboa

A OLP não acha mal mas também não acha bem

«Não é fácil e é até muito delicado comentar a situação criada no Golfo pelo conflito entre o Iraque e o Kuwait» - disse ao «DL», esta manhã, o representante da Organização de Libertação da Palestina em Lisboa, Issan Bisseisso, para quem, aliás «...é bom que do lado dos árabes apareça um poder militar forte e convincente, que mostre ser capaz de enfrentar o exclusivo da força das armas que Israel tem tido até agora».

A OLP, de acordo com o seu delegado em Lisboa, «compreende as razões que levaram o Iraque a tomar esta decisão» mas «não está de acordo com a invasão propriamente dita, rejeitando o recurso à força». Desenvolvendo esta afirmação, Issan Bisseisso reconheceu que com este acto de violência, de um país árabe contra outro país árabe, «todos os árabes perdem».

Conhecidas algumas das divergências que houve, e talvez haja ainda, entre o Iraque e a Síria, o «DL» perguntou a Issan Bisseisso se os sírios não começariam a ter ciumes da espectacular exibição de poderio militar do Iraque: «...não não, os sírios estarão certamente orgulhosos da capacidade militar iraquiana».

Delicadezas

«De qualquer modo - rematou o representante da OLP em Portugal - o problema não é directamente connosco, cabendo-nos apenas, como estamos aliás a fazer, participar no esforço conjunto de países árabes no sentido de encontrar a melhor solução para este conflito».

A delicadeza da posição da OLP nesta circunstância é objecto de uma referência do «Le Monde» de sábado passado.

Citamos: «A Organização de Libertação da Palestina foi apanhada entre a posição de um Egipto, que cada vez mais se mostra alinhado com a política dos Estados Unidos sobre o Médio Oriente, e um Iraque agressivo e militarmente poderoso, cujo comportamento não é de natureza a facilitar as diligências da organização palestiniana no momento em que esta se agarra à sua iniciativa de paz. Diminue a margem de manobra da Organização de Libertação da Palestina».

Redacção «DL»/«Le Monde»

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DA MOITA

ANÚNCIO

O Dr. José António Penetra Lúcio, Juiz de Direito do Tribunal Judicial da Comarca da Moita.

FAZ SABER QUE no dia 14 do próximo mês de Novembro de 1990 pelas 9 horas, neste Tribunal Judicial, nos autos de Carta Precatória n.º 36/90, 2.ª secção, vinda da 1.ª secção do 1.º Juízo do Tribunal Judicial de Leiria e extraída da Execução Sumária n.º 86/88 que TITOI — Representações, Ld.ª, move contra FREITAS GONÇALVES E BENILDO, Ld.ª, com sede na Rua 1.º de Maio, n.º 42 na Baixa da Banheira, hão-de ser postos em praça pela segunda vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima de matade dos valores indicados no processo, os seguintes bens:

UM lote de 150 pares de sapatos, em vários tamanhos e cores em estado novo;

UM lote de 36 pares de sapatos pretos para senhora, de vários tamanhos de salto raso, em estado novo;

UM lote de 150 pares de sapatos para homem, em várias cores e tamanhos, em estdo novo e uma máquina registadora de marca «DATA-MAC» electrónica de cor cinzenta, em bom estado de conservação e funcionamento.

O Juiz de Direito
José António Penetra Lúcio

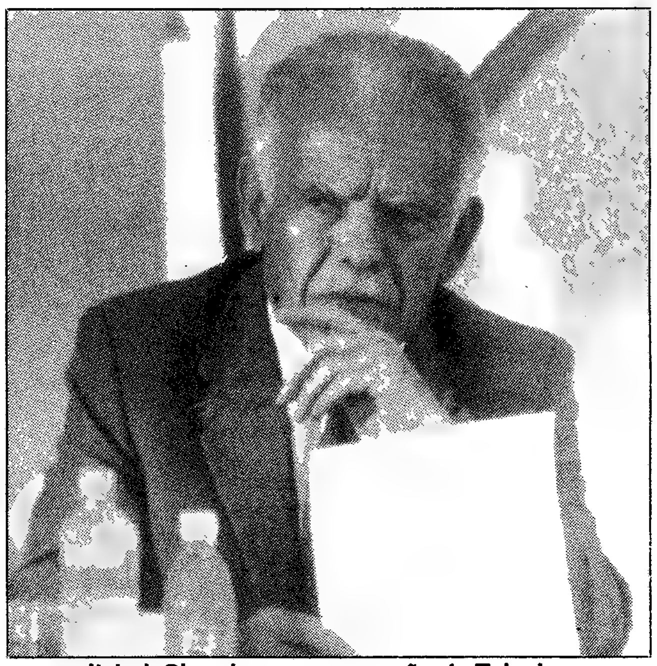
A Escrivã-Adjunta
Alierta G.R. de Jesus

«DL» — 1.ª PUB. — 6/8/90

INTERNACIONAL

Depois da exibição de poderio militar iraquiano, ao invadir o Kuwait, Israel já espera o pior. Não talvez um ataque armado mas, possivelmente, a recriação de uma frente comum árabe contra Telavive

O perigo é o Iraque



Itzhak Shamir: a preocupação de Telavive

De uma ponta à outra do tabuleiro político israelita domina o tom de uma crescente inquietação e todos têm na cabeça as hipóteses mais pessimistas, após esta nova demonstração do poderio militar do Iraque ao invadir o Kuwait.

Os principais dirigentes de Israel já há algum tempo estavam solidamente convencidos dos perigos que o presidente iraquiano Saddam Hussein representa para a segurança israelita. Horas antes da invasão, círculos governamentais de Telavive chamavam a atenção para a sua convicção de que Saddam não era homem para proferir ameaças e ficar-se só pelas palavras. Ora as ameaças ao Kuwait ouviam-se quase diariamente em Bagdad.

Também é rara a semana em que o presidente iraquiano não profere ameaças belicosas a Israel. Ora para os dirigentes israelitas, vindo essas ameaças de quem vêm, elas devem ser tomadas a sério. Foram ponderadas e decidiu-se evitar uma guerra de palavras, mantendo-se Telavive num silêncio cauteloso.

A moda Saddam-Hitler

O ministro da Defesa, Moshe Arons, disse e redisse que não pensava ser necessário, para Israel, qualquer operação militar especial, nestas circunstâncias. Isso não o impediu de se mostrar contrário à opinião da maioria dos comentadores israelitas. De facto, afirmou pensar que Saddam Hussein não se contentará com o Kuwait. Vai querer mais, vai procurar outros alvos. O ministro pareceu ainda convencido de que o presidente iraquiano pode contar com a passividade prática do Ocidente face à sua tendência expansionista.

A comparação entre Saddam e Hitler começa a ficar na moda. Na passada quinta-feira, dia da invasão, quase todos os jornais israelitas a faziam. Moshe Arons também a usou, embora acrescentando:«A diferença entre os tempos de Hitler e os de Saddam é que Israel dispõe agora de Forças Armadas com grande poder de ataque e defesa».

Para Itzhak Rabin, trabalhista e antigo ministro da Defesa, a situação aparece assim: é possível que Saddam Hussein arraste o Médio Oriente para uma fase de maior radicalização, a que não poderão resistir nem a Jordânia nem o Egipto nem a Síria. Estes países serão eventualmente obrigados a seguir na esteira do tom que Bagdad adoptar.

Aviso do Estado-Maior

Se este modo de pensar for aplicado com lógica - e muitos, em Israel, acreditam que essa aplicação já se encontra em curso - será de prever a recriação de uma frente comum árabe contra Israel, com todas as consequências que isto pode implicar.

Foram notadas as declarações feitas, na quarta-feira passada, perante a Comissão de Defesa do Parlamento de Israel (Knesset), pelo chefe do Estado-Maior israelita general Dan Shomron. Disse ele: «O aviso que dou agora sobre o perigo iraquiano é semelhante ao lançado pelo nosso Estado-Maior nas vésperas da Guerra do Kippour (1973)». Acontece que o general Shomron não é de modo algum um alarmista.

Nestas circunstâncias, os dirigentes israelitas têm estado a recordar activamente a existência daquilo a que chamam as «linhas vermelhas». Trata-se de limites territoriais definidos por Israel, em termos de estratégia militar, a partir dos quais a segurança do país deve ser considerada ameaçada. Moshe Arens foi muito claro, neste aspecto:«Qualquer avanço das Forças Armadas do Iraque no interior do território da Jordânia será um casus belli para Israel».

A principal ameaça

Seja como for, o que é por ora extremamente evidente é que Saddam Hussein parece totalmente despreocupado com o que o Ocidente possa pensar ou fazer. Preocupação em Telavive, portanto.

Como era de esperar, os dirigentes políticos da Direita israelita, agora no Poder, mandaram aos países ocidentais, a propósito do Iraque, uma mensagem neste estilo:«Nós já os tínhamos avisado...». E pode-se acrescentar a esta mensagem o entendimento de que já é tempo que alguns países ocidentais compreendam o perigo que representa o regime de Saddam Hussein. O aviso procura atingir aqueles Estados, como o francês, que forneceram material militar ao Iraque.

O primeiro ministro Shamir tem afirmado repetidamente que Israel não pode dedicar-se exclusivamente à questão palestiniana porque não deve distrair-se da presente corrida aos armamentos, em curso no Médio Oriente, nem esquecer que a principal ameaça à segurança de Israel provem de países árabes como o Iraque e a Síria.

Por seu lado, o porta voz do primeiro ministro, Avi Pazner, afirmou que a comunidade internacional tem que abrir os olhos e ficar consciente de que o problema prioritário no Médio Oriente não é o conflito israelo-palestiniano mas sim a actuação destabilizadora do regime de Saddam Hussein.

Alain Frachon
Exclusivo DL/Le Monde

Kuwait, história de um emirato

Do consenso tribal-democrático aos abusos dos príncipes

O desaparecimento do emirato do Kuwait enquanto Estado soberano independente marca o fim de um regime que, apesar dos seus defeitos e limites, representava, na região do Golfo, o caso exemplar de uma monarquia fundada sobre princípios democráticos.

Contrariamente às outras «monarquias petrolíferas», a dinastia de Al-Sabah tinha, desde a sua criação no século XVIII, fundado o poder não sobre a força, como era e é usual nos países vizinhos, mas sim sobre o consenso tribal. Estas tendências reforçaram-se no princípio dos anos 60, quando o XIº emir da dinastia dos Sabah Abdallah al-Salem al-Sabah fez com que o emirato, que acabava de proclamar a sua independência, se empenhasse na via democrática, embora com algumas limitações.

O emir Abdallah dotou o emirato de uma Constituição liberal em 1962. Os seus detractores no seio da família real acusá-lo-ão precisamente desse liberalismo, embora reconhecendo que a Constituição salvaguardava as prerrogativas da dinastia.

O Paralamento era «um mau exemplo»

Os sucessores do emir Abdallah, o cheik Salah, que morreu em 1965, e o actual emir Jaber, não se mostraram à altura do seu irmão mais velho.

É verdade terem sofrido fortes pressões de países vizinhos conservadores, que estavam inquietos com a possibilidade de serem atingidos pelo «virus» democrático. Também os pressionou a ala dura da família reinante, que desejava um Palamento dócil e deputados «razoáveis» ou seja que se contentassem de ser meros figurantes.

Assim, os sucessores do emir Abdallah suspenderam por duas vezes determinados artigos da Constituição, que se tornara um fantasma ameaçador para os príncipes do Palácio, e dissolveram o Parlamento, por ter sido considerado «um mau exemplo» que era preciso neutralizar a todo o custo.

Colete-de-forças

Neste domínio, a responsabilidade da família Al-Sabah é imensa. Depois do desaparecimento do emir Addallah, os seus herdeiros afastaram-se pouco a pouco do espírito e da letra da Constituição de 1962, em que muitos aristocratas e conservadores viam uma espécie de colete de forças que limitava a sua liberdade.

A maioria da casa real e os conservadores sentiram, então, a necessidade de desfazer rapidamente as ilusões de democracia e toda a família aplaudiu vivamente a recente decisão do emir Jaber de criar o Conselho Nacional Provisório.

O conselho representava, em última instância, o enterro definitivo da ideia de um Parlamento moderno que fôsse um verdadeiro instrumento de controlo do Executivo, tal como desejavam os dirigentes do movimento constitucional. Os membros da família de Al-Sabah - cerca de 2.000 príncipes - nunca aceitaram o desejo dos deputados de meterem o nariz no que eles consideravam ser o seus negócios privados.

É evidente que uma das razões que levou Saddam Hussein a invadir o emirato foi a sua firme convicção de que a crise interna provocada pela questão do Conselho Nacional Provisório enfraquecera consideravelmente a autoridade e o prestígio dos Al-Sabah e facilitaria, em consequência, o êxito da invasão.

O sistema parlamentar do Kuwait, apesar das suas imperfeições, merecia respeito, mesmo por parte dos seus adversários. Ao suprimi-lo, o emirato perdeu uma parte importante da sua credibilidade.

Jean Gueyras
Exclusivo DL/Le Monde

Marines intervêm na Libéria

Chefes de Estado africanos debatem conflito liberiano

A principal facção rebelde da Libéria, a Frente Nacional Patriótica (NPFL), liderada por Charles Taylor, enviou uma delegação a Banjul, onde o Presidente da Gâmbia e Presidente em exercício da Comunidade Económica para o Desenvolvimento da África Ocidental, Dawda Jawara, está reunido com seis chefes de Estado da região para debater o conflito liberiano.

A NPFL mostrou-se frontalmente contra a decisão manifestada por alguns países da região, nomeadamente a Nigéria, que preconizam a intervenção militar através de uma força internacional.

«Vou explicar a Banjul que quando há fogo em casa do vizinho leva-se água e não combustível», disse Thomas Woewiyu, que chefiará a delegação do NPFL à capital gambiana.

Soldado rebelde patrulha a rádio ELWA, tomada pela guerrilha na semana passada

A intervenção de forças estrangeiras na Libéria, segundo ainda a NPFL, só se justifica se integrado num plano de retirada de cidadãos não liberianos, como foi ontem o caso da operação levada a cabo pelos Estados Unidos. «Se algum dos países enviar as suas tropas para impor uma solução política, para defender o Presidente Samuel Doe ou o renegado Prince Johnson» - lider da outra facção rebelde liberiana - «mata-los-emos (...) como fizemos com os soldados» governamentais, afirmou Woewiyu.

Segundo ainda o chefe da delegação da NPFL enviada a Banjul, Charles Taylor não teve conhecimento da operação levada a cabo pelos «Marines» para evacuação de cidadãos norte-americanos da Libéria, e as suas tropas chegaram a tomar posições para ripostarem contra aquela intervenção. «Uma vez que ficou claro que se tratava de uma operação destinada à evacuação de cidadãos norte-americanos», o problema ficou resolvido acrescentou Woewiyu. Ainda no passado sábado um alto oficial próximo de Charles Taylor, afirmou aos jornalistas, que acompanham as acções dos rebeldes liberianos, que seria «normal» que os Estados Unidos evacuassem os seus cidadãos.

Esta é uma das questões que está ainda para responder nos círculos diplomáticos que acompanham o desenvolvimento do conflito liberiano: terá Washington dado a conhecer também aos rebeldes liberianos a sua intenção de evacuar os seus cidadãos a residir naquele país? Marlin Fitzwater, porta-voz da Casa Branca limitou-se a referir que os Estados Unidos deram conhecimento da operação ao Presidente Samuel Doe, não podendo no entanto precisar se as duas facções dos rebeldes foram igualmente informadas.

Intervenção dos EUA: «Um claro sucesso»

Um alto responsável do Departamento de Defesa, citado pela Agência France Presse, referiu que a operação de evacuação dos cidadãos norte-americanos e de parte dos funcionários diplomáticos dos Estados Unidos na Libéria foi um «um claro sucesso». Segundo o mesmo responsável, que preferiu manter o anonimato, 225 «Marines» transportados por três helicópteros estiveram envolvidos na operação. Um dos aparelhos dirigiu-se para as imediações da embaixada dos Estados unidos, em Monróvia, tendo os outros dois aterrado perto de duas estações de comunicações diplomáticas nos arredores da capital liberiana. No total cerca de 61 pessoas foram evacuadas entre as quais um cidadão francês e um diplomata italiano. Entretanto, as autoridades espanholas enviaram aos Estados Unidos um pedido para evacuar os seus cidadãos a residir naquele país e abastecer a sua embaixada em Monróvia, onde se encontram cerca de 100 pessoas, entre as quais o Núncio Apostólico.

Redacção «DL»/AFP

Governo de Pretória e ANC poderão chegar hoje a acordo

Iniciou-se esta manhã em Pretória a segunda ronda de conversações entre o Governo da África do Sul e o Congresso Nacional Africano (ANC), que deverá prolongar-se durante todo o dia de hoje. O encontro tem por objectivo o levantamento de alguns obstáculos que se põem entre as duas partes e que impedem a abertura de negociações mais vastas sobre a revisão da Constituição sul-africana e o fim do regime do *apartheid*. Meios políticos sul-africanos, citados pela Agência France Presse, consideram que estes obstáculos poderão ser hoje removidos através da assinatura de uma acordo.

Tal como aconteceu no primeiro encontro que se realizou nos dias 2 a 4 de Maio, na cidade do Cabo, as discussões serão dominadas pela questão da violência no país. O Governo de Frederik de Klerk deseja que o ANC ponha fim à «luta armada» contra o regime e se empenhe no fim da vaga de violência nos *townships*, entre comuni-dades negras rivais. O ANC, por seu lado, exige a libertação de todos os presos políticos nas cadeias sul-africa-na como condição *sine qua non* para o fim da luta armada.

As negociações que se realizam no edifício da presidência sul-africana, a Church Street, em Pretória, são aguardadas com bastante expectativa, depois de na semana passada a polícia ter acusado o Partido Comunista da África do Sul (SACP), que integra o ANC, de preparar uma acção conspirativa com vista a tomar o Poder no país através da violência. Estas acusações, prontamente desmentidas pelos comunistas e pelo próprio Nelson Mandela, foram classificadas pelo SACP como uma «ofensiva venenosa» contra o partido e acusou ainda a polícia de estar a alimentar de Klerk com «mentiras venenosas»

Clima de optimismo

Este clima de confrontação foi, no entanto, em parte ultrapassado depois de um en-contro entre o Presidente sul-africano e o vice-presidente do ANC em que Nelson Mandela reafirmou o seu compromisso na realização de negociações pacíficas.

Os observadores consideram mesmo que o clima vivido entre as duas delegações é de um certo optimismo, considerando-se como muito provável que as conversações terminem já num acordo sobre os principais pontos que separam o Governo e o ANC.Esta versão, considerada como praticamente certa pelos meios políticos nacionais, é também alimentada pelo facto de tanto de Klerk como Nelson Mandela terem considerado que um dia é o suficiente para a realização deste encontro. A primeira ronda de conversa-ções realizadas em Maio, re-corde-se, tiveram uma dura-ção de três dias. Recentemente, uma grupo de trabalho do ANC e do Governo de Pretória redigiu um relatório conjunto, na Cidade do Cabo, sobre as razões do diferendo que opunham as partes envolvidas nas negociações, podendo servir como uma boa base para um entendimento ao fim do dia de hoje.

Redacção «DL»/ AFP/Lusa

B R E V E S

O SPD recusa a antecipação das eleiçoes

O chanceler do Partido Social-Democrático da RFA Oskar Lafontaine reiterou numa entrevista a um jornal de Munique, a recusa do seu partido em votar a reforma constitucional que permitiria a realização das eleições gerais nas duas Alemanhas a 14 de Outubro. Inicialmente as primeiras eleições da Alemanha unida estavam previstas para dia 2 de Dezembro mas na semana passada o chanceler Helmut Kohl e o Primeiro-ministro da RDA Lothar de Maiziere proposeram a antecipação do acto eleitoral para dia 14 de Outubro.

Thatcher propõe nova Magna Carta

A primeira-ministro Margaret Thatcher, que se encontra nos EUA para conversações com o Presidente Bush, fez um apelo para a criação de uma nova Magna Carta que garanta os direitos elementares de todos os europeus, inclusive dos soviéticos. Margaret Thatcher que falava no 40º aniversário da fundação do Aspen Institute, um instituto de estudos políticos, económicos e estratégicos no Colorado, declarou que, tendo a Comunidade Europeia resolvido os antagonismos no seio da Europa ocidental, deve agora ajudar a ultrapassar as divisões entre a Europa de Leste e a de Oeste.

México divulga dados da luta ao narcotráfico

Segundo os dados divulgados pelo procurador geral da República do México, os corpos especiais da polícia anti-droga daquele país aprenderam, durante os últimos 20 meses, cerca de 6 mil toneladas de estupefacientes vários. Ainda segundo os dados divulgados pelas autoridades mexicanas, a polícia anti-droga impediu a entrada no mercado de 949 milhões de doses de cocaína, 1987 doses de heroína e 4950 de marijoana; destruiu 10.000 hectares de plantações e prendeu mais de 11.500 pessoas ligadas de algum modo à produção e tráfico de droga naquele país.

Vietname proíbe a Lambada

As autoridades da cidade de Ho Chi Minh, no Vietname, empenhadas numa campanha de moralização das actividades culturais e artísticas em curso naquele país proibiram a Lambada, a célebre dança sul-americana. A austera campanha do Governo comunista vietnamita, preocupado com «o complot do imperialismo e dos vietnamitas reaccionários» que visa desestabilizar o país, inclui também a censura prévia de filmes e promete duras sanções para quem não souber conter o seu gosto pela sensual dança sul-americana.

Hiroxima pede eliminação das armas nucleares

O Presidente da Câmara de Hiroxima, Takeshi Araki, ao falar no 45º aniversário da destruição da cidade, renovou o apelo para a eliminição de todas as armas nucleares. Ao longo da cerimónia, que reuniu cerca de 55 mil pessoas, 10.175 nomes de pessoas mortas pelas doenças provocadas pelas explosão que pôs termo à II Guerra Mundial, foram acrescentadas àquelas já inscritas no Memorial erguido naquela cidade. O número de vítimas registadas oficialmente aumentou agora para 167.243.

Norte-coreanos bloqueados na fronteira

Segundo a agência noticiosa Yonhap, a polícia de choque sul coreana impediu um grupo de dissidentes de atravessar a fronteira com a Coreia do Norte onde pretendiam encontrar-se com cidadãos daquele país. O grupo de 12 activistas do Movimento Pró-Democracia, que seguiam dentro de um autocarro, foram impedidos de atravessar a fronteira e obrigados a regressar imediatamente para Seul enquanto dois dos dissidentes foram presos por terem prestado declarações à Imprensa ao sairem do autocarro.

Aumenta a emigração na Bulgária

Cerca de 120 mil Búlgaros emigraram desde Setembro de 1989, segundo um estudo do Instituto de Sociologia, publicado hoje pelo semanário «Pogled». A vaga de emigração registou um aumento de quatro por cento depois da vitória do Partido Socialista (composto por ex-comunistas) nas eleições de Junho. Segundo o mesmo estudo, 50 por cento dos emigrantes têm uma formação superior, e 15 por cento são titulares de um doutoramento. Os mais numerosos são os engenheiros e os técnicos, seguidos pelos artistas.

ECONOMIA

FIAT e Ford criam empresa de máquinas agrícolas

Os grupos FIAT e Ford acabam de estabelecer um acordo para a formação de uma nova companhia, sem perda de identidade individual, que envolve as áreas de tractores, máquinas agrícolas e industriais.

O capital fica repartido em duas partes de 80 e 20 por cento, cabendo à FIAT a maior fatia. O acordo final terá ainda que ser aprovado pelos governos italiano e dos EUA.

A FIAT Geotech possui fábricas no Brasil, França, EUA e Itália, onde trabalham mais de 13 mil empregados, tendo registado em 1989 uma facturação de 2,3 biliões de dólares. Possui ainda uma rede com cerca de 2.300 concessionários espalhados pelo globo.

A Ford New Holland, emprega cerca de 18 mil pessoas em fábricas e escritórios situados nos EUA, Canada, Grã-bretanha, Bélgica e Brasil. Possui cerca de 3 700 concessionários em todo o mundo e a sua facturação em 1989 foi de 2,8 biliões de dólares.

No ano passado, as duas empresas em conjunto venderam 95 mil tractores agrícolas, número que chega aos 125 mil se se tiver em consideração a produção em «joint-venture» ou sob licença.

A FIAT enquanto accionista principal da nova empresa comprometeu-se a oferecer aos empregados da Ford as mesma condições salariais e regalias sociais que são dadas aos seus próprios trabalhadores.

Rede Infonet em Portugal

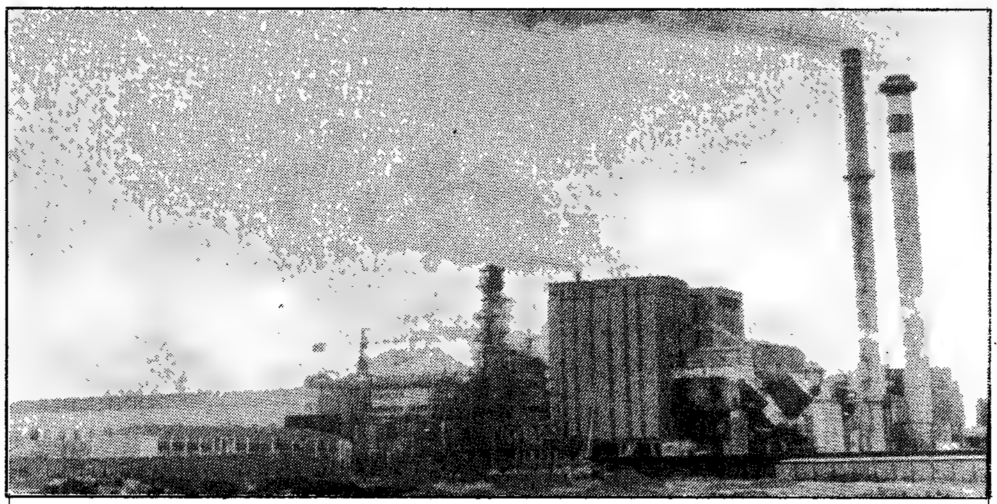
A Marconi e os TLP dominam, com 39 por cento cada, o capital da nova empresa Infonet Portugal, que tem por objectivo estender a este País os serviços prestados pela rede de valor acrescentado Infonet, líder de transmissão de dados a nível internacional.

Os outros parceiros representados na nova empresa são a Time Shering e a Infonet Services Corporation, dispondo esta útlima de uma das principais redes mundiais de dados. Tem como sócios vários operadores de telecomunicações, entre os quais a Telecom francesa, o Deutsche Bundespost, a Telefónica (Espanha), a RTT (Bélgica), o PTT Telecom (Holanda), a MCI (Estados Unidos), a Telecoms da Austrália e a KDD (Japão).

A sua rede de dados tem nós em 23 países e suporte local em 36. Oferece um conjunto de serviços avançados de telecomunciações, que vão desde os serviços internacionais de rede, ponto a ponto ou comutados, até ao correio electrónico e EDI, para além de redes privadas configuradas à medida das empresas que operam em mercados multinacionais.

Crise mundial das celuloses afecta indústria portuguesa

Resultados da Soporcel estimados para 1990 ficam-se em 20 por cento dos conseguidos em 1989



Celbi: uma estrangeira afectada em Portugal

As empresas de celulose instaladas em Portugal estão a ser afectadas pelo período de crise, a nível mundial, em que o sector entrou.

A constatação desta baixa conjuntura das celuloses está expressa num estudo recente efectuado pela APIGTIP, Associação Portuguesa das Industrias Gráficas e Transformadoras de Papel, e prolongar-se-á por dois anos.

Em Portugal estão instaladas a Portucel e a Soporcel, empresas nacionais e as estrangeiras Celbi e Caima.

Estas empresas, segundo o documento em causa, esperam finalizar o exercício corrente com performances financeiras «muito inferiores» aos alcançados em 1989. Regista-se que este ano, a pasta está a ser exportada a preços 20 por cento inferiores aos registados no ano passado.

Neste contexto, a administração da Soporcel estima para 1990 uma quebra do «cash-flow» de oito milhões de contos contra 18 milhões alcançados em 1989, ano em que a facturação ultrapassou os 40 milhões de contos.

A Soporcel espera, por isso, conseguir em 1990 apenas 20 por cento dos resultados conseguidos no ano passado, ou seja três milhões contra 14 milhões de contos em 1989.

Rever os esquemas

Deste modo, as empresas de celulose que têm em curso projectos de investimento na área da indústria de papel estão já rever os esquemas de financiamento desse investimento uma vez que os níveis de autofinanciamento vão cair.

Para o Governo português que considera as celuloses um sector estratégico importante, a produção da pasta de papel passa pela privatização da Portucel, feita de modo a que a empresa se mantenha maioritariamente nas mãos do capital português.

Segundo a APIGTIP, o facto da Celbi ser maioritariamente sueca e anunciar a intenção de triplicar a sua capacidade de produção pode pôr em «perigo o conjunto da indústria».

A crise do sector é também analisada, para além da baixa conjuntura, pelo encarecimento da matéria-prima, resultante do aumento da procura que o projecto Celbi implica.

Em Portugal, a escassez de matérias-primas é agravada pela exportação para Espanha e pela dificuldade em importar eucalipto, visto que os países produtores, como o Brasil, estão a impor cada vez mais dificuldades à venda de madeira para o exterior, privilegiando o abastecimento das suas unidades industriais.

«DL»/Lusa

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÊDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	43$70	49$70
ALEMANHA FED. (marco)	87$30	88$50
ÁUSTRIA (xelim)	12$40	12$60
BÉLGICA (franco)	4$051	4$301
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	120$55	123$05
(notas de 5 a 1000)	121$05	123$55
DINAMARCA (coroa)	22$85	23$25
ESPANHA	1$383	1$503
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	139$00	142$50
(notas de 5 a 1000)	139$50	143$00
FINLÂNDIA (marka)	37$00	37$60
FRANÇA (franco)	26$05	26$75
HOLANDA (florim)	77$35	78$45
IRLANDA (libra)	235$15	239$15
ITÁLIA (lira)	$108	$123
JAPÃO (iene)	$886	$941
NORUEGA (coroa)	22$50	23$00
REINO UNIDO (libra)	259$05	263$55
SUÉCIA (coroa)	23$80	24$30
SUÍÇA (franco)	102$85	104$35
VENEZUELA (bolívar)	2$540	3$340

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Ajudas estatais à indústria

As ajudas estatais concedidas à indústria transformadora nacional, entre 1986 e 1988, excluindo a siderurgia e a construção naval, corresponderam a 8,1 por cento do valor acrescentado bruto, o que coloca Portugal em segundo lugar, nos países da CEE, depois da Grécia, com 16,4, sendo a média comunitária de 3,8 por cento.

Em contrapartida, em ecu por assalariado, a ajuda portuguesa é equivalente a cerca de metade da média comunitária, só sendo superior à dinamarquesa. Segundo um estudo divulgado em Bruxelas, entre 1986 e 1988 as ajudas estatais em Portugal foram de 701 ecus por assalariado, sendo a média comunitária de 1.439 ecus.

Ao mesmo nível de Portugal estavam, no período em causa, a Dinamarca, com 643 ecus e o Reino Unido, com 723, tendo a Grécia voltado a registar o maior volume, com 3.721 ecus, seguida da Itália (3.077) e da Irlanda (2.551). Contudo a Comissão Europeia considerou que os números gregos não são suficientemente fiáveis para comentários detalhados.

A Comissão destacou ainda a situação das quatro grandes economias comunitárias: a Itália concedeu ajudas estatais equivalentes a 6,5 por cento do valor acrescentado, duas vezes e meia mais que o Reino Unido (2,5 por cento) e que a RFA (2,7) e cerca do dobro da França (3,5).

Menor adjudicação de obras públicas

O total das obras públicas adjudicadas está a baixar, já que, nos primeiros sete meses deste ano, foi de 616, com um valor global de 93,3 milhões de contos, tendo 31 dessas obras, no valor de dois milhões, sido adjudicadas em Julho, segundo informa a Associação Nacional de Empreiteiros de Obras Públicas (ANEOP).

Em comparação com o período de Janeiro a Julho do ano passado, o decréscimo foi não só em número, com menos 767 concursos, equivalente a uma diminuição superior a 54 por cento, como em valor, com menos 23 milhões de contos, o que traduz menos 21 por cento.

«Amigos do Ambiente» estabelecem regras

A utilização abusiva do símbolo «Amigos do Ambiente», que vai caracterizar os futuros ecoprodutos, estará sujeita a coimas que deverão variar entre os 50 e os três mil contos.

Os produtos classificados «Amigos do Ambiente» são os que durante o seu ciclo de vida tenham um impacto reduzido no ambiente, sendo, para o efeito, classificados por uma comissão, à qual caberá ainda o papel fiscalizador.

A proposta de decreto-lei sobre esta matéria já está elaborada, podendo, no entanto, vir ainda a ser alterada até Outubro, data prevista para a sua aprovação.

O símbolo «Amigos do Ambiente», a verde, azul e branco, será colocado nos produtos que, depois de testados, garantam uma poupança de energia e dos recursos naturais, bem como a minimização da poluição da água, ar e solo, da produção de resíduos e de ruído, aliada ao prolongamento de vida do produto e, sempre que possível, através da utilização de tecnologias limpas.

Este sistema já está em vigor na Alemanha Federal desde 1977, com base em acordos voluntários com a indústria e é apoiado por instituições estatais.

Os países nórdicos adoptaram há dois anos um sistema de rotulagem ecológica, enquanto que no Japão existe a «Ecomarca», sendo a atribuição do símbolo feita por dois anos, mediante contrato.

A nível da CEE está a ser preparada uma proposta de directiva, a ser apresentada em Setembro a Conselho de Ministros do Ambiente, com o objectivo de evitar entraves à comercialização através da existência de doze símbolos e de diversos critérios. Pretende-se, portanto, ou o reconhecimento mútuo do símbolo de cada país ou a criação de um único sistema para toda a Comunidade.

Domingo escaldante

Um incêndio de grandes dimensões deflagrou ao fim da tarde em Malveira da Serra, alastrando-se por vastas zonas da região de Sintra. O fogo, que só foi dominado perto das quatro horas da madrugada, chegou a estar muito perto do Guincho e do Cabo da Roca, tendo sido combatido por todas as corporações de bombeiros dos concelhos de Cascais e Sintra.

Nos arredores de Lisboa viveram-se também, ontem, momentos trágicos na Serra de Sequilha, concelho de Loures onde as chamas chegaram a estar perto da localidade de Fanhões, onde está instalado um paiol de pólvora. Uma fonte dos bombeiros de Loures disse ao DL que o incêndio, controlado apenas às 15H30, foi combatido por nove corporações que mobilizaram 32 viaturas e 126 homens.

Entretanto, os incêndios florestais que domingo à noite lavravam com grande intensidade nas áreas dos municípios de Oleiros e Pampilhosa da Serra já se encontram dominados, informaram os bombeiros, esta manhã.

A mesma fonte adiantou que o fogo, que devastou as matas de Oleiros, tem apenas uma pequena frente activa na zona de Gaspalha. Um outro incêndio, que lavrava no concelho de Proença-a-Nova também foi dado como controlado durante a madrugada de hoje. Estes dois sinistros, que tiveram início domingo à tarde, provinham de um outro fogo que eclodiu sexta-feira no concelho de Pampilhosa da Serra.

Nesta localidade, uma dezena de bombeiros tiveram de ser socorridos no centro de saúde local e em Oleiros diversas pessoas foram evacuadas de helicóptero da Força Aérea. Três casas de habitação foram reduzidas a escombros, embora não tenham sido registados danos pessoais. A grande proliferação de incêndios na região, com a consequente dispersão de meios, e as dificuldades de acessos foram alguns dos factores que perturbaram a acção dos bombeiros durante o dia de ontem.

A intensidade do fogo no Guincho impediu o turista de prosseguir o seu passeio

Fogo posto na Serra da Estrela

Foi entretanto confirmado um caso de fogo posto. Bombeiros ao serviço do centro operacional da Guarda afirmaram que o fogo que alastra na Serra da Estrela, entre Valhelhas, Vale de Amoreira e Verdelhos, onde as labaredas destruiram já mais de 2 mil e 500 hectares de pinhal, culturas e explorações agrícolas, é de origem criminosa. Com efeito foram vistos «dois indivíduos a atear as chamas», facto que foi presenciado por um pastor e elementos dos soldados da paz.

Na região de Santarém, um outro incêndio de grandes proporções está a consumir elevadas quantidades de mato perto de Alcanede, concelho de Santarém, informou uma fonte dos bombeiros voluntários locais.

O incêndio que está a ser combatido, desde as 20 horas de domingo pelas corporações de Santarém, Rio Maior e Pernes, tendo já sido pedido o auxílio de outros centros de coordenação operacionais para combater as chamas.

O Centro de Coordenação Operacional de Almeirim informou ter esgotado os seus meios de auxílio, dispensados ao longo do dia a zonas operacionais limítrofes onde se registaram outros fogos.

Em Portalegre, um incêndio de grandes proporções continua a lavrar nas encostas de São Mamede, junto à cidade de Portalegre. O sinistro, combatido por 15 corporações de bombeiros dos distritos de Portalegre e Évora, utilizando cerca de 40 viaturas, está a pôr em risco algumas habitações que se encontram cercadas pelas chamas. Fonte dos bombeiros de Portalegre disse que novos focos de incêndio tem surgido massivamente, dificultando o combate ao fogo.

Caiu mais um helicóptero

Enquanto isto, um helicóptero que se preparava para levantar voo, ontem, depois de ser abastecido no Zezere, não conseguiu concluir a manobra e caiu no rio, revelou uma fonte dos bombeiros de Manteigas. O piloto saiu ileso do acidente.

O aparelho participava no combate ao incêndio que desde sábado lavrava perto de Verdelhos, numa mata de denso pinhal.

Greves voltam à CP e ANA

A CP e a ANA estão novamente sob ameaça de greve, mais um passo dos longos conflitos de opõem aquelas empresas públicas de transporte a trabalhadores de carreiras específicas. Os técnicos de telecomunicações aeronáuticas iniciam hoje, às 17 e 30 horas, uma paralisação de 15 dias, enquanto os maquinistas ferroviários optaram por greves totais durante várias horas nos próximos dias 10, 13 e 14.

A greve dos técnicos de telecomunicações aeronáuticas da ANA (Aeroportos e Navegação Aérea) deverá provocar atrasos nos voos de e para o espaço aéreo português e mesmo a supressão de voos e sobrevoos, pois afecta os sectores de radares, telecomunicações e rádio-ajudas.

Aqueles técnicos da ANA foram já alvo de uma requisição civil de 60 dias devido a terem iniciado uma paralisação de 15 dias, forma de luta escolhida também desta vez.

Segundo afirmou ao DL Tolentino Martins, dirigente do sindicato, «ao diferendo sobre matéria salarial que levou à ruptura das negociações anteriores, desta vez juntam-se novos dados, introduzidos pela empresa: depois de em Março ter eliminado das negociações o clausulado geral, reabruiu agora o processo, apresentando proposta s de revisão dos horários e regime de trabalho».

Os técnicos de telecomunicações aeronáuticas exigem um aumento superior aos 15 por cento que tiveram, uma vez que a empresa acordou posteriormente com os controladores 18 por cento na tabela salarial. Após um longo período de silêncio, a ANA retomou recentemente as negociações.

Segundo Tolentino Martins, «O sindicato tem reformulado as suas propostas inumeras vezes, o que possibilitava já se ter chegado a um acordo. Estamos à espera de uma resposta às várias propostas que apresentámos na reunião de sexta-feira, que poderá desbloquear o conflito e evitar a greve».

Também na CP a negociação chegou a novo impasse e um pré-aviso de greve foi já entregue. Assim, não haverá circulação de comboios dia 10, das 17 às 20 horas; dia 13, das 6 às 9 da manhã, e dia 14, novamente das 17 às 20 horas.

Relativamente às paralisações anteriores, estas têm a particularidade de serem totais, ou seja, abrangendo todos os maquinistas durante o mesmo período, o que significa que «não haverá comboios durante as horas de greve», afirmou Castelo Lopes, presidente do sindicato (Smaq), acrescentando que se mantêm as reivindicações anteriores: reposição do poder de compra, redução do horário de trabalho, negociação do regulamento de carreiras e pré-reformas.

E. A.

B R E V E S

TAP comenta protestos

Os protestos feitos por alguns passageiros da TAP com destino ao Brasil, relativamente à sua retenção no aeroporto da Portela, por alegado protelamento dos respectivos embarques, foram comentados por uma fonte da companhia como infundados. Segundo esta fonte, contactada pelo DL, todos os passageiros habilitados com a correspondente reserva seguiram viagem , «não tendo um só ficado em terra». Aquela fonte acrescentou que várias pessoas tentaram, à última hora, adquirir passagens para o Brasil, não o tendo conseguido, por a lotação dos aviões estar esgotada, vendo assim contrariadas as suas intenções.

Menos britânicos visitam Portugal

O número de britânicos desembarcados no aeroporto de Faro sofreu uma redução de 4,03 por cento, entre Janeiro e Julho, comparativamente ao mesmo período do ano passado. Dados divulgados pela Associação de Industriais Hoteleiros e Similares do Algarve revelam que os belgas tiveram um decréscimo de 22,46 por cento nesse período. Mas houve variações positivas substanciais: os finlandeses (mais 88,63 por cento), canadianos (86,24 por cento), suecos (56,94), noruegueses (35,25), austríacos (31,55), , dinamarqueses (22,06), alemães federais (16,69 por cento). Os totais revelam um fluxo superior de estrangeiros desembarcados em Faro, em 3,26 por cento, nos primeiros sete meses deste ano. Entretanto, estatísticas oficiais relativas às dormidas nos hotéis portugueses, em 1989, deixam saber que apenas os mercados do Reino Unido e da Dinamarca apresentaram evoluções negativas, embora pouco pronunciadas. Com efeito, a Direcção Geral de Turismo, anunciou que as dormidas de turistas do Reino Unido, principal mercado emissor para Portugal com 32 por cento do total de entradas, desceram no ano transacto 3,5 por cento em relação ao ano anterior, enquanto as de dinamarqueses baixaram 0,4 por cento. As evoluções positivas durante o período em análise, foram particularmente fortes nos casos da Finlândia (45,5 por cento), Bélgica (22,8) e Espanha (15,5).

Câmara prepara recolha de moradores desalojados

Os desalojados do prédio que ruiu sábado na Rua Morais Soares, em Lisboa, e que não tiverem familiares que os possam recolher em suas casas irão ser alojados pelos centros de acolhimento da Câmara Municipal de Lisboa, afirmou hoje ao DL o vereador Vasco Franco. Uma equipa vai hoje fazer uma vistoria ao prédio cujas trazeiras ruiram inesperadamente, deixando 27 pessoas sem casa, para averiguar da possibilidade de o prédio poder ser ainda recuperado. «Caso não possa, estamos mais uma vez, perante uma situação denunciada há uns meses atrás: enquanto o Governo não alterar a legislação, terá que ser a Câmara a suportar todos os custos», disse ainda Vasco Franco.

Teste de alcolemia compromete 981

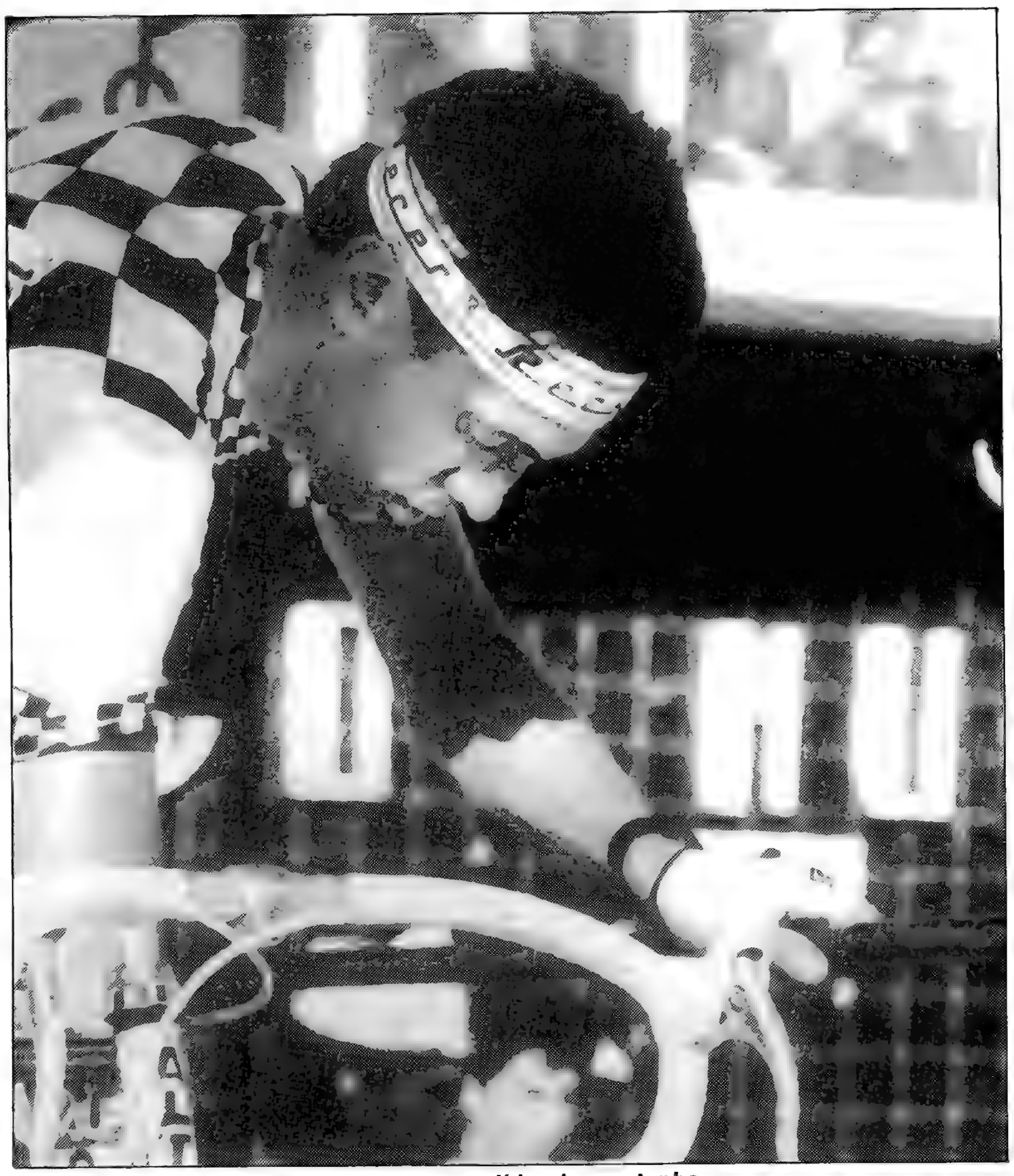
A Guarda Nacional Republicana detectou, durante o mês de Junho, 981 condutores que circulavam sob o efeito de bebidas alcoólicas, o que equivale a cerca de 8,8 por cento dos que foram abordados pelos agentes daquela força militarizada. O teste foi aplicado a 11.206 condutores e, dos infractores, 244 acusavam entre 0,50 e 0,89 gramas de álcool por litro de sangue, enquanto que 737 apresentavam valores iguais ou superiores a 0,90, taxas consideradas muito elevadas.

Venda de Marlboro cessa em Portugal

Os cigarros da marca norte-americana Marlboro deixaram de ser comercializados em Portugal, tendo sido substituídos pelos da marca britânica Silk Cut, que estão desde hoje no mercado português. Segundo uma fonte da Tabaqueira, o fim da comercialização dos Marlboro deve-se à cessação, em 31 de Julho, do contrato entre a empresa portuguesa e a companhia norte-americana Phillip Morris. O termo do contrato teria sido originado, segundo a referida fonte, por aspectos de natureza aduaneira e fiscal, no âmbirto da futura entrada em vigor do mercado único europeu.

Num lado se põe o ramo noutro se vende o vinho

NEVES DE SOUSA
Nosso enviado especial



José Santiago: líder da montanha

Antes, na abalada lisboeta, quando ainda tudo estava intacto e na linha de partida as esperanças moravam de braço dado, a generalidade dos palpites ondulava entre nomes da Sicasal/Acral e da Recer/Boavista, aqui e ali com muito respeitinho pelas formações estrangeiras mas, queiram ou não agora confessar os mais vaidosos, pouca gente se inclinaria para a hipótese de, cumprido o contra-relógio marinhense, a turma do Ruquita/Philips/Feirense estar dominando tudo e todos, três vezes trocando entre os seus homens o símbolo côr de sol, desde a primeira contagem chefiando a classificação global, apresentando-se na cavalgada para o êxito sobre as montanhas com um naipe de possibilidades tão acentuado e valioso como a tal dupla de formações que era apontada como favorita absoluta na estrada para a maior luta.

E é curioso salientar que, antes desta Volta, o próprio presidente federativo colocava reticências ao momento atlético da turma da Feira, obrigando o treinador Fernando Mendes a replicar de modo duro a Henrique Castro, com o antigo ganhador de uma corrida como esta garantindo que a sua rapaziada não viera para a engorda e, pelo contrário, que estava ciente de ter rolado o suficiente para poder agora surgir em toda a sua capacidade.

Está a ver-se que isso é verdade. Depois de um suplente chamado de emergência para alinhar em Lisboa, após esse chamamento a Paulo Silva feito em desespero de causa, foi a vez do polaco Dulas Andrezej render o colega português, funcinando como charneira, como portador do testemunho, até a camisola amarelinha passar a morar no tronco de Fernando Carvalho, o filho do antigo campeão Alberto Carvalho, que foi um dos membros mais ilustres da formação do Académico do Porto, nos tempos em que o saudoso Ribeiro da Silva era orgulho de Jorge Lara, outro homem que também já nos disse adeus.

Mendes e Carvalho, dois Fernandos atirados para a mesma fornalha, terão alinhado nesta Volta tocados do seu brio, sentindo que havia um certo anonimato que era preciso vencer, talvez porque as esquadras mais incensadas surgiam com valores que, pelo passado ou ao longo do ano, tinham rubricado façanhas de alta calibragem. Por isso, torneando cada dificuldade com cuidado, atenção e trabalho, anexando a esta trilogia um plano sabiamente elaborado e cumprido ao milímetro, estão saboreando o trono. Prova mais que provada da validade do exército do Ruquita/Philips/Feirense, que vem sustentando o seu estandarte com força hercúlea e afontando todos os Golias com os seus Davides.

A turma comandada pelo triunfador em 1974, colocou um sério e vigoroso travão aos lucros sequentemente arrecadados pelos artistas estrangeiros e, simultaneamente, obrigou a um teste de força os tais cinco estrelas na prévia aquilatação de forças ainda feita em Lisboa, quando tudo estava a zero e ninguém pensava que também, em períodos diferentes da existência voltista, sempre foram emergindo figuras que, inesperadamente, conquistavam carta de alforria: e não será preciso mergulhar muito na história para lembrar Francisco Miranda e Joaquim de Sousa Santos, Belmiro Silva e Adelino Teixeira, os próprios Francisco Valada e Peixoto Alves que, nesse mesmo Benfica que defendiam, eram considrados de plano secundário, aguadeiros quando soou o tiro para a primeira pedalada, respeitosos e entronisados na hora dos louros e dos proventos mais cobiçados entrarem nas suas algibeiras.

Vidros estilhaçados na Marinha Grande

Era mais que previsível: o contra-relógio na Marinha Grande iria funcionar como primeiro grande juiz de paz, fazer a inicial triagem de valores, deixar na peneira os reais competidores pelo melhor milho a jogar pela encosta os menos aptos para a grande discussão.

José Rodrigues (Alguerra/Componauto/Aralmolde) foi o funcionário que começou o despacho no ministério: uma hora e 21 segundos para os 40,7 km do traçado. Daí a pouco seria Paulo Ernesto (Bom Petisco/Tavira) a colocar-se na dianteira temporal: 59 minutos e nove segundos, pedaço de calendário logo ultrapassado por Roberto Torres (Festina/Lotus) que gastou 59 minutos e 18 segundos para cumprir o circuito.

Por aí se ficou até entrar em cena o também espanhol Luís Barroso (Seur), com o relógio marcando 57 minutos e 41 segundos no termo da estirada. Contudo, veio mais veloz o belga Dick Dekkers (Royal) que precisou apenas de 57 minutos e 40 segundos para ganhar o direito a ir tomar banho. Julgava-se que a sua média, na casa dos 42 km/hora, iria resistir aos muitos assaltos: pura estultícia, pois Jorge Henriques (Alguerra/Componauto/Aralmolde) fez o caminho em 57m.13s. e, mal se saboreava a proeza, eis que Joaquim Andrade (Sicasal/Acral) era o mais aplaudido por milhares: 56m. e oito segundos, quase metera patins na bicicleta.

Só depois de 27 artistas terem exibido talento, é que o máximo do filho do antigo campeão do mesmo nome foi vindima: Fernando Carvalho, pulverizaria toda a concorrência com os seus 55 minutos e 31 segundos, uma média horária belíssima (43,986) e a Ruquita/Philips/Feirense prosseguindo com o cantar de galo.

Na tabela ordenativa de valores, houve saltos espectaculares: e, se Fernando Carvalho pulou do 8.º lugar para o cadeirão, os melhores proveitos foram mesmo para a Sicasal/Acral, pois Jorge Silva subiu 33 lugares, Joaquim Gomes 30, o próprio Manuel Abreu tomou o posto do espanhol Santiago Portillo e é agora (pelo menos em termos práticos) o oponente directo do «leader» da corrida. Porém, mais gente está com a barriguinha cheia: Neil Stephens (Royal) subiu sete degraus, Marco Chagas (Orima/Cantanhede) já está na primeira dezena o pendular Manuel Cunha (Avibom/Valouro/Lousa) amarinhou 13 andares, Luís Sequeira (Bom Petisco/Tavira) trocou a sua 26.ª graduação por um banquinho na 11.ª fila da montra, o hispânico Jesus Blanco Villar (Festina/Lotus) deixou o 31.º andamento e toca agora na 8.ª graduação, o brasileiro Cassio Freitas deitou para o esquecimento o 38.º lugar e faz questão que se reconheça que o actual 12.º posto vai dizer que a Sicasal/Acral quer mesmo juntar o exército para o ataque ao castelo.

Em compensação aconteceram quedas mais ou menos duras de roer: o polaco Dulas Andrezej não chegou a saborear o paladar da camisola milionária e outros colegas do Ruquita/Philips/Feirense tiveram igualmente de ficar na obscuridade perante o brilho do parceiro Fernando Carvalho: casos de Paulo Silva (de calcado. Jorge Silva (Sicasal/Acral) não esteve com meias medidas: 55 minutos, e 52 segundos, exultava a equipa do empresário Álvaro Santos Silva, quase pulava de contente Manuel Graça, espelhava-se no treinador Orlando Alexandre a satisfação mais incontida. Porém, é bem verdade, que nunca se deve lavar os cestos sem terminar a 5.º para 48.º), Manuel Neves

A nossa equipa de reportagem viaja numa viatura *RENAULT* gentilmente cedida por:

SACAVENAUTO

Estrada Nac. N.º 10 — N.º 69 • Sacavém • Tel. 942 50 40 • 942 52 40

TEMOS PARA VENDA

EM LISBOA: LOTES DE TERRENO — PRÉDIOS DEVOLUTOS
COM PROJECTO APROVADO EM TODAS AS ZONAS DA CIDADE
AOS MELHORES PREÇOS — **HABITAÇÃO — ESCRITÓRIOS**
— CENTROS COMERCIAIS — HOTÉIS — APARTHOTÉIS

urbicidade
MEDIADORES
ALMADA

CONTACTE-NOS:
Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 46, r/c, Esq. — 2800 ALMADA-PORTUGAL — Telefs.: (01) 274 42 56 - 274 42 57 — Fax 274 36 53 — Telex 61004 TRIALM P — Apartado 33 — ALMADA-PORTUGAL

Fernando Carvalho em boa companhia

(de 6.º para 9.º) de Vítor Terosinho (de 7.º para 20.º) e de Carlos Pereira (era 9.º, passou a 17.º). Na mesma lingada foi mais gente: Santiago Portillo (Festina/Lotus) levou um chuto (do 2.º para o 27.º lugar), o colega de equipa e compatriota Juan Balbuena foi directamente do 4.º para 37.º compartimento, outros dois vizinhos, mas da Royal, igualmente sofreram rombos no convés: José Sanches (era 11.º, é 22.º) e Javier Carbayedo disse adeus ao 13.º andaime passando a cotar-se como 26.º. E, já agora veja-se o que fizeram ao Paulo Pinto: o menino da Avibom/Valouro/Lousa deixou o 12.º andar e mudou os trapinhos para o 25.º, enquanto o murro na ponta do queixo sofrido por Joaquim Carvalho (Orima/Cantanhede) o leva a dizer adeus à aparelhagem eléctrica com que pensava mobilar o 15.º trampolim e agora, lá pela cave (45.º posto pontual), apenas se gasta lenha e de fraca qualidade.

Dizia-nos Fernando Mendes, estavam já varrendo a feira marinhense:

— *Há quem nos tenha antecipadamente posto na goela dos leões, mas muitos devem estar agora a torcer a orelha. A partir deste instante toda a equipa da Ruquita/Philips/Feirense vai segurar a camisola que está entregue ao ciclista em que todos mais confiávamos.*

Fernando Carvalho é que não se assume como espadachim de sabre em punho:

— *Vesti a camisola amarela por sorte. Tive um «furo» aos dez quilómetros e consegui, apesar disso, ser o melhor mas foi tudo uma questão de acaso, porque os jornalistas dizem que eu não valho nada e certamente também estão a pensar que falta muito para a minha turma controlar a corrida.*

Menos jocoso, menos crítico, o comandante vira-se para as canetas, para os gravadores, para as máquinas fotográficas e diz:

— *É a primeira vez na minha vida que visto a camisola amarela, mas ando há tantos anos nisto que já merecia essa honra. A equipa tem trabalhado, a amarela está sempre connosco,*

SMALTEX
TINTAS
VERNIZES
DILUENTES
SMAL — Sociedade Mecânica e Acessórios, Ld.ª
R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

foi um trabalho excelentemente planeado. Vamos a ver se dá o fruto que esperamos...

Surge ao meu lado o dr. Joaquim de Sousa Santos, o triunfador na Volta de 79, então com a camisola do FC do Porto e agora médico popular em Coimbra:

— *Sinceramente: eu próprio estou admirado com o comportamento altamente meritório da formação do Ruquita/Philips/Feirense e, especialmente como a camisola amarela tem circulado entre os seus atletas. Todavia, é forçoso atender que falta ainda muita montanha e que continuam em prova cento e tal ciclistas, metade recusando ficar sem saborear qualquer petisco.*

Emídio Pinto, o fazedor de campeões com mais tirunfos em Voltas a Portugal, um homem que correu pelos donos das Antas, e como técnico, chefiou sucessos de Belmiro Silva, Manuel Zeferino, Marco Chagas, ilustres da pedalada que chegaram ao termo da viagem e subiram ao topo do pódio.

— *Digo-lhe isto: a Volta está a ser optimamente disputada, há renovação de valores em pleno, muita gente está cheia de força e a resguardar-se para a Estrela para as Muados, para Mondim de Basto, os contra-relogistas e roladores têm de estar a pau com os ganhos dos «sprinters» nas metas volantes. Porém, entendo que isto vai decidir-se só no último contra-relógio, na cidade da Maia. Aí, ainda haverá dúvidas para tirar e problemas para revolver. Exactamente. uma Volta que vai ser disputada centímetro a centímetro!*

Resumo dos capítulos anteriores

Desculpem, mas a história futura obriga a incluir as faces do prisma que ficaram no trampolim, de 6.ª-feira até hoje. E, no convite para breve recordação, fica a viagem entre Sintra e Caldas da Rainha, com 104 artistas na arrancada, perto de Óbidos ficaria na estrada Diamantino Marques (Orima/Cantanhede), encurtando o pelotão de uma unidade.

Pois foi: aconteceram diversas escapadas, mas pouca fruta recolhida da árvore. Jorge Henriques (Alguerra/Componauto/Aralmolde), Luís Barroso (Seur), João Paulo (Orima/Cantanhede), chegaram a ameaçar um desembainhar de espadas nas hostes dos mandatários no reino. O mesmo aconteceu quando, em degráus sucessivos, outros intérpretes deste romance tentaram assumir-se como personagens principais do enredo: José Rodrigues (Alguerra/Componauto/Aralmolde), José Marques (Bom Petisco/Tavira), Paulo Pinto (Avibom/Valouro/Lousa), igualmente fizeram por dar nas vistas, mas enquanto o lousanense se fazia com proveito às metinhas que davam cobres, nova sortida de João Paulo (um dos homens em quem o empresário/patrão Mário Miranda de Almeida mais aposta) foi obrigado a parar o impulso porque arreliadora avaria mecânica o tolheu perto de Abelheira, ia o rapazinho com dois quilómetros de dianteira da serpente colorida de mil matizes.

Foram aparecendo mais aventureiros: outra vez José Rodrigues (o incorformado da equipa de Vila Nova de Gaia) que depois me contaria:

— *Nasci a 13 de Maio de 1966, em S. Miguel da Carreira, sou filho de Domingos Oliveira Rodrigues e Lucinda Miranda Ferreira.*

Continuando:

— *Peso 66 quilos, tenho um e 76 de altura, sou solteiro e grande sportinguista, lamentando que o clube do meu coração não vá cumprindo o que sempre tem sido anunciado em períodos eleitorais: regressar ao ciclismo.*

José Rodrigues mora na terra de naturalidade, esteve três anos na equipa Garcia Joalheiro, já venceu etapas de provas importantes: na Volta a Portugal de 88, na Volta ao Algarve, no circuito Matosinhos - Régua, nos Grandes Prémios de «O Jogo», e «JN», na Volta ao Minho, por aí fora. Joga futebol nos tempos livres. Não perde a telenovela de turno na TV, escuta muitas vezes o programa radiofónico «Oceano Pacífico» e tem como ambição ciclista vestir uma camisola arco-íris, símbolo de «leader» de todas as classificações. E, será isso possível? José Rodrigues sorri:

— *Se a gente não tem ambição, o melhor é ficar em casa...*

A despedir-se:

— *Sou solteiro e não tenho noiva. Namoradas é que sim: aos montinhos...*

Voltando à tirada para as Caldas da Rainha. Pois, sim senhor, houve propósitos de fuga a dar com um pau. Francisco Perez (Seur) e José Sanchez (Royal) mais o lusitano José Dias (Alguerra/Componauto/Aralmolde) mesmo pertinho do traço final ainda alimentavam totais ilusões. Mas, na arrancada decisiva, lá estavam os cavalões da estranja a trincarem o bife: Neil Stephens (Royal), Hardy Gosger (Avibom/Valouro/Lousa), o persistente José Sanchez (Royal) escalonaram-se e só em seguida veio o pelotão, obivamente chefiado pelo cavaleiro galopante, o menino Paulo Pinto (Avibom/Valouro/Lousa) que transporta sempre um sorriso para oferta. Seis estrangeiros nos primeiros dez lugares à chegada, o que bem dizia da pouca audácia rubroverde nestas andanças voltistas. Paulo Silva (Ruquita/Philips/Feirense) continuava dando o tom às melhores classificações, mas a ameaça das formações estrangeiras cada vez ia conquistando mais apostadores. Fomos à conversa com Paulo Oliveira Pinto, o açambarcador de «sprints». Um curioso depoimento:

— *Nasci a 11 de Abril de 1967, em Gaia. Sou filho de António Pinto e Maria Oliveira Marques, namoro a Dulce e pensamos casar ainda este ano, moro na Rua Senhor do Calvário, em Miramar. Como ciclista amador estive no Guilpilhares, no Alguerra, novamente no Gulpilhares. Como prifissional principiei na Ajacto, segui pela Sicasal, estou agora na Avibom/Valouro/Lousa, talvez porque o clube da minha maior simpatia (o Benfica) continua a prometer mas a não cumprir a volta ao ciclismo.*

Paulo Pinto, com estudos liceais adiantados, é fluente e com opiniões diversificadas, em leque:

— *Para além do ciclismo, pratico natação e futebol e ando constantemente metido em provas de desporto motorizado. No cinema, dou preferência a filmes do Stalone e do Tom Cruise. É raro ver teatro, mas não perco oportunidade de aplaudir Marina Mota e Carlos Cunha. Leio frequentemente, especialmente à noite: conheço bastantes versos*

SMALTEX
TINTAS
VERNIZES
DILUENTES
SMAL — Sociedade Mecânica e Acessórios, Ld.ª
R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

de Camões e tenho grande parte da obra de Eça de Queiroz. Os programas que mais escuto na Rádio? «Serra de Estrelas» e «Oceano Pacífico», em minha casa temos um aparelho sempre sintonizado para a RFM da Rádio Renascença, se puder dê recado ao António Sala de que o meu telefone é o 7625221, um dia destes que toque para lá para ver se limpo o dinheiro que estiver na mala da fortuna...

Claro que a cunha não vale. Seguimos em frente e Paulo Pinto prossegue o desbobinar:

— *Telejornal, tenenovela, pouco mais aprecio na Televisão. Quanto a esta Volta, é muito dura, tremendamente selectiva, com montanha de arrepiar. Não arrisco qualquer palpite: seria tolice apontar já um declarado favorito.*

Paulo Pinto tem sido o habitual portador da camisola verde (1.º lugar em pontos) nas Voltas em que participa. Tem êxitos em tudo o que é prova onde meta bicicleta. Já andou com os símbolos mais apetecidos: camisolas brancas (combinado), camisolas azuis (montanha), rosa ao peito (metas volantes). Só ainda não logrou transportar o símbolo cor de sol. Porquê, Paulo Pinto?

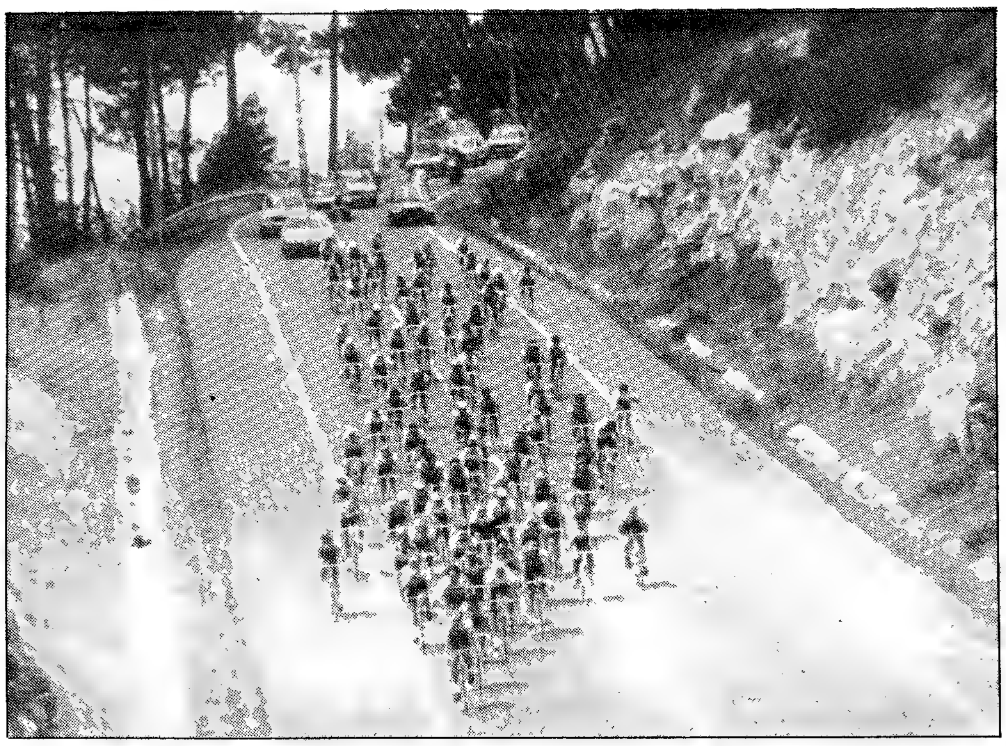
— *Sou muito católico e compreendo que recebi qualidades para ser «sprinter», rolar bem e ser menos mau nas subidas. Mas não tenho pretensões a ser o mais completo corredor voltista. Sabe que mais? Quero apenas ser feliz e estar na vida conforme a vontade de Deus!*

Travagem antes de nova aceleração

Caldas da Rainha rejubilou com a caravana, mas as costuras da cidade já estavam no último ponto de resistência, tantos os milhares de turistas que cercaram o festival da Volta. Domingos Polido, o antigo ciclista que promovera há dois anos a etapa para Odrinhas que enegreceu o brio dos ciclistas, tornou à carga mas de modo menos exigente e menos oneroso: 50 notas de conto para os primeiros à sua porta, dinheiro distribuido por Paulo Pinto, Palo Ernesto (Bom Petisco/Tavira) e Carlos Pereira (Ruquita/Philips/Feirense). Mas, as Caldas da Rainha foram pródigas em festejar a chegada do turbilhão: é lá que mora Mário Lino, medalha do mérito desportivo da cidade termal e da cultura, autor de «Contributo Velocipédico», um volume onde desfilam proezas de grandes figuras do pedal, recordações de críticas e personalidades, retalhos da vida do nosso desporto sobre duas esguias rodas. Um livro dedicado ao Sporting Clube das Caldas (70 anos agora completados) que complementa a exposição velocipédica de Mário Lino, patente no «stand» da FIAT (Rua Almirante Cândido dos Reis) e onde se podem notar modelos de muitas horas de vida de diferentes bicicletas, em mostra patrocinada pela câmara municipal local. Caldas da Rainha onde, se o leitor gostar de enriquecer o conhecimento, tem à disposição o 3.º Simpó-

cont. na pág. 18

A.M.A. Auto Monumental do Areeiro S.A. ®
Audi
CONCESSIONÁRIOS
AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA
Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



Pelotão a caminho das Beiras

No meio da floresta

Ruquita domina todos os Golias

cont. da pág. 17

sio Internacional de Escultura em Pedra (Simppetra 90) que conta com a presença de nove escultores estrangeiros e quatro nacionais. O conclave reúne-se, até ao dia 12, junto ao Atelier-Museu Municipal António Duarte. Afinal de contas, o ciclismo pode ser pretexto para todos nós ficarmos mais valorizados: porque em cada ponto de passagem da embaixada há sempre um toque de cultura que nos estende convite.

Se derem licença

A Volta só é possível pela interligação de esforços entre empresas que vêm publicitar os seus produtos e marcas (através dos ciclistas ou apenas com presença no desfile de carros que antecede a corrida) e os atletas, técnicos e dirigentes que acorreram ao chamamento federativo, ao convite dos organizadores da esmagadora maioria das grandes provas velocipédicas do nosso calendário, tudo numa simbiose que faz explodir atractivos que nós (Comunicação Social) procuramos, melhor ou pior, transportar do espelho em que miramos os factos até à companhia amável e sempre obrigatória dos nossos companheiros de leitura.

E porque pouca gente sabe as condições em que, por cá andamos, saltando de terra para terra com a mala às costas, correndo ou quase adormecendo no acompanhamento da prova vamos andando pela estrada fora, acelerando para as metas e depois esperando horas até podermos recolher comunicados do júri e levantarmos ferro das salas de Imprensa, a caminho da descoberta de residencial, pensão, hotel ou casas particulares onde podemos (finalmente) estender os costados, às vezes a casa de banho é ao fundo, no quintal em outras ocasiões o requinte dá para ver a televisão espanhola no quarto, duche que não é tomado no colectivo, na esquina do corredor. Por isso, é difícil ir resistindo, há uma espécie de glória em contar no «palmarés» dez, 15, 20, 25, 30 Voltas e, nisso, os mais antigos e que ainda não abdicaram (o Guita Júnior, eu próprio, o Homero Serpa) somos os primeiros a dar relevo a prestar homenagem a quantos, ao longo do caminho, pelo menos nos vão ajudando a matar a sede, (como se sabe) obriga a ingerir hectolitros a uma média quilométrica sem parelelo.

SMALTEX

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

SMAL — Sociedade Mecânica e Acessórios, Ld.ª

R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

Daí que, muito justamente, se saliente a equipa da Coca-Cola, que tem como estandartes a beleza espampanante da louraça Cristina e o discreto «charme» moreno da Rafaela. Chefiada por José Vidigal, esta embaixada da Refrige integra ainda Luís Castanheira, João Bairrada, Paulo Torres, António Madureira, Leonel Simões, Sousa Monteiro, Manuel Marta, Sílvio Lopes, José Moreira e José Trancoso, treze elementos que têm sido de extrema amabilidade e toda a compreensão para com a totalidade dos voltistas. Trabalho e esforço que bem merece da empresa patronal um especial aceno de agradecimento.

E, nesse mesmo plano de excepcional divulgação da marca está a Iofil, de que é patrão Luís Filipe. Na Volta tem um trio de respeito: o director comercial Carrilho, Manuel Barroca e Carlos Pereira. Iogurtes às carradas enfiam-se pelas sequiosas gargantas da malta que, quando chega às salas de trabalho, devora uma ou outra sandes de mortadela, fiambre ou com salsichas, que também a Sicasal/Acral (de Álvaro Silva) ali coloca pelas mãozinhas da Délia e da Solange, as meninas do pódio que já aviaram com beijeinhos os triunfadores de todas as etapas e metas das últimas três voltas.

Mais nomes no desfile

E, porque estamos em maré de falar em gente que nos acompanha ou por cá aparece, tiremos o chapéu à belíssima recepção que a Orima/Cantanhede ofereceu na passagem por Évora, com o organista Domingos Baldeira e o vocalista Luís Fernando (dupla de Montemor-o-Novo) abrilhantando uma reunião que principiou ao som do fado de Coimbra e depois viajou por muitas escalas até terminar com «Candas no Tejo». Domingos Baldeira que é agente da Orima em Évora como em Montemor-o-Novo e, para o ano, quer patrocinar uma ligação ciclista que passe junto aos seus dois mais importantes estabelecimentos, pedras-base do escoamento dos produtos electrodomésticos de Mário Miranda de Almeida.

Mas, retornemos à estrada: etapa para Figueira da Foz, a praia da mais ampla claridade abrindo os braços a quem chegava para a beijar. Uma etapa onde a história mais trivial (triunfo estrangeiro) foi quebrada pela tenacidade de Luís Santos (Recer/Boavista), um dos trunfos com que o técnico axadrezado José Santos conta para apanhar algumas vasas da mesa.

O certo é que desde a abalada das Calda da Rainha se foram processando fugas ao conformismo atávico de um pelotão que estava mais de olhar preso no que poderia acontecer no contra-relógio marinhense que no andamento a cumprir num sábado pachorrento e encarolado. Alberto Parente (Orima/Cantanhede) e José Davoz (Royal) passaramm isolados em Alcobaça. Venceslau Fernandes (a legenda máxima do ciclismo activo nestas bandas, respeitosamente, considerados os seus 45 risonhos anitos tornado o avozinho do pelotão) a ser o melhor trepador no Sítio (Nazaré) recordando com essa vitória os bons belos tempos em que o agora chefe de fila da Alguerra/Componauto/Aralmolde labutava com os mais diversos símbolos para os mais variados sucessos de uma vasta colecção.

Depois da Nazaré sairiam outros corredores: Paulo Ernesto (Bom Petisco/Tavira) o melhor em Patiais e Paulo Silva (também da formação algarvia), o espectacular Carlos Marta (Orima/Cantanhede) mais célere na 1.ª passagem pela Marinha Grande, muitas escaramuças aqui e alémm até que Luís Santos, vislumbrando Buarcos, não teve medo das perigosas curvas para a Figueira e deu uma alegria ao Recer/Boavista, enquanto uma queda de nove companheiros obrigaria o espanhol Jesus Blanco Vilar (Festina/Lotus) e o tavirense Paulo Silva a serem radiografados no hospital figueirense, Manuel Zaferino (Recer/Boavista) e Marco Chagas (Orima/Cantanhede), Hélder Domingues (Salgueiros/Landimar) e Manuel Garcia Prieto (Seur) a igualmente receberem tratamento a esfoladelas e arranhões.

Feitas as continhas, ali estava: a camisola amarela, que esse valente rapazinho que é Paulo Silva transportava desde Lisboa, saiu do seu peito mais viajou para bom porto, transitou como passagem de testemunho entre dois homens do Ruquita/Philips/Feirense, desta feita contemplando a cadência do polaco Dulas Andrezej, que espreitava a oportunidade com uma eficiente regularidade e grande economia de esforços.

Um olhar disperso

Perdoem esta entrada: pela 2.ª vez na vida encontrei outro português precisamente com o meu nome completo: depois de, em Vilamoura, no Hotel Dom Pedro ter descoberto um José Neves de Sousa, foi preciso que, na Figueira da Foz, travasse conhecimento com o sr. José Neves de Sousa, quadro bancário reformado, agora residindo em Santa Comba Dão. A malta da Volta riu, especialmente quando o Joaquim Graça (dos Teatros Variedades e Maria Vitória) divulgou a notícia: foi um fartote de piadas.

Claro que isso não constou do comunicado oficial diário, mas lá vinha: 40 contos ganhos em metas particulares para Paulo Ernesto (Bom Pestico/Tavira), multa de 10 contos ao director desportivo do Ruquita/Philips/Feirense (por transportar no carro de apoio elementos não credenciados pela organização), cinco mil escudos também penalizando o Salgueiros/Landimar (prestação de abastecimento líquido aos seus corredores de modo irregular) dez mil escuditos a menos nos bolsos do Recer/Boavista porque o comandante (José Santos) «demonstrar falta de correcção desportiva na corrida». E, neste caso, foi o primeiro cartão amarelo: nova infracção daquilo que o júri entender como «correcção desportiva» e a multa será de 25 contos, com expulsão do técnico do Bessa desta corrida!

Esperemos que toda a gente passe a estar contente, porque (pelo menos no caso dos controlos «antidoping») o horizonte não poderia estar mais desanuviado: até agora, a DGD afirma que todos os exames resultaram negativos. Os pedaladores apenas bebem da Alardo e papam da Agros, onde enchem bidões e atestam as suas viaturas. Mas, será sempre assim até chegarmos à Maia, no fim de tarde no dia 15?

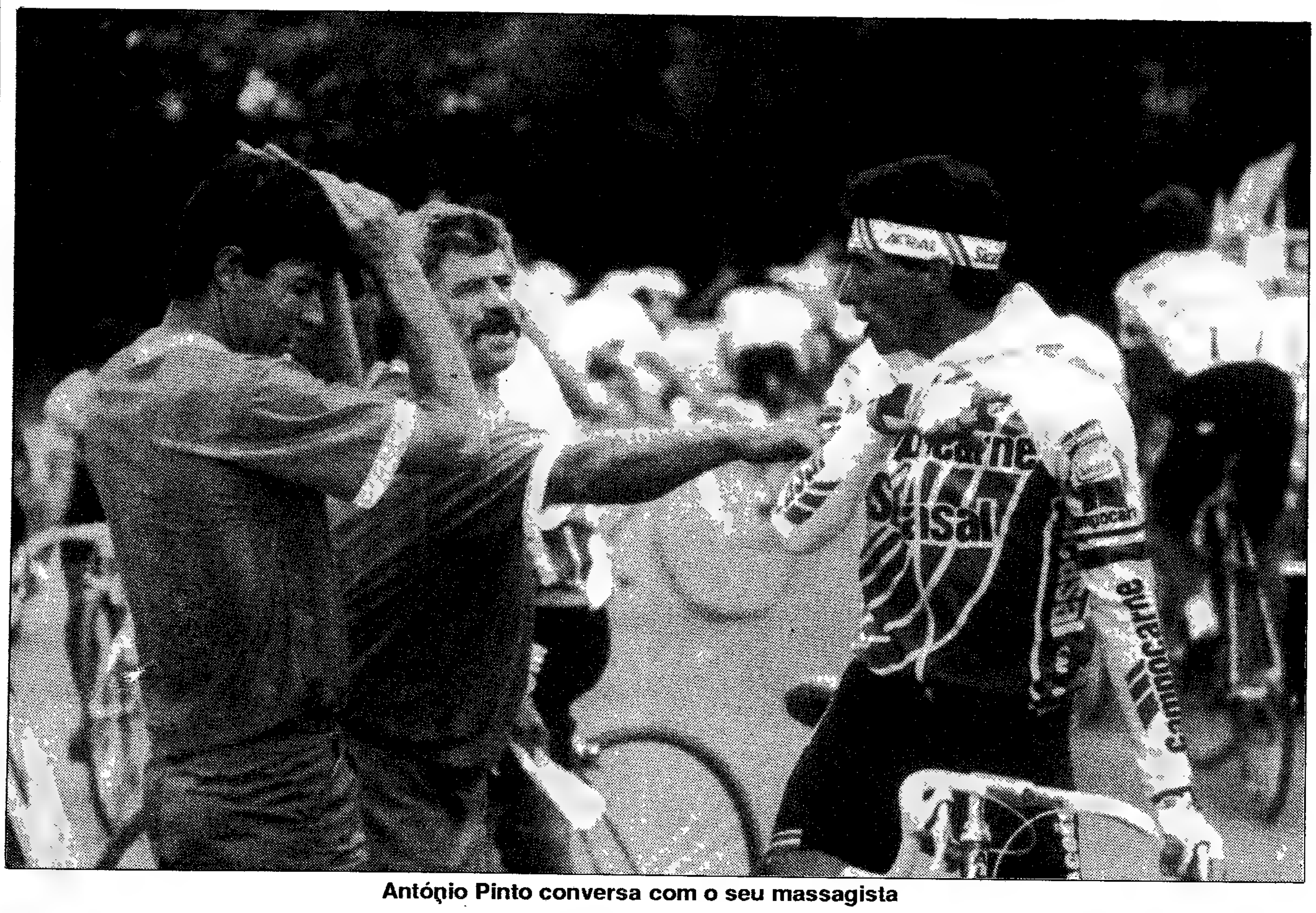
Negócio de números

Não, não vamos apontar quantos casamentos já pararam o cortejo para os noivinhos e convidados, enfarpelados a rigor, saltarem dos carros e ficaram espreitando os senhores da bicicleta dando à perna: num dia passámos por oito, parecia que saíam das esquinas, eram só sedas e tules, flores de laranjeiras e fatinhos de ver a Deus. Sem dúvida: um matrimónio incondicionalmente rendido entre quem assiste e quem pratica esse desporto violento e indomado que é o ciclismo na estrada no pino do Verão, entre os muitos milhares de emigrantes que já vimos a um palmo de distância.

E, se é impossível aquilatar numericamente quantos muitos milhares de espectadores já viram esta prova, horas esperando apenas em procura do fugaz relâmpago em que o desfile torna a afastar-se para outras conquistas, podem fazer-se outras estatísticas, verdadeiramente rigorosas. Para se ter ideia correcta e exacta, fale-se de quantos «crachats» foram emitidos para a Volta: 105 para a organização, 246 para os órgãos de Comunicação Social, 85 para os responsáveis pelas equipas e 118 para os integrantes na caravana publicitária. São 554 pessoas que se juntam aos 106 ciclistas que iniciaram a competição: um total de 660 voltistas.

No tocante a meios de transporte, a procissão é de quilómetros: só ao dispor da organização estão 26 carros ligeiros, 11 furgões, sete motos e quatro camiões TIR. Órgãos de Informação: 63 carros ligeiros e 12 motos. Publicidade espraindo-se em 37 viaturas ornamentadas com toda a sorte de cativações. E, por fim, quatro carros e 20 motos da Brigada de Trânsito, sempre reforçada em cada escala com mais um contingente que faz apoio concelhio. Quer dizer: perto de 200 viaturas e cerca de 50 motos com mais cento e tal ciclistas no grande circo ambulante, permanentemente, ondulante. É obra! Um circo destes, de borla à porta do melhor cliente, só por encomenda.

52.ª VOLTA A PORTUGAL



António Pinto conversa com o seu massagista

A PALAVRA DO CAMARADA

Amor... água e iogurte

Falar da Volta a Portugal em bicicleta, a pedido do meu amigo Zé Neves, para o «Diário de Lisboa», que me desculpem os leitores, mas tem que ser, acima de tudo, um acto de amor...

E isto porque creio bem, mesmo passados muitos anos de vida (e já uma boa mão-cheia deles, também, como profissional, foi no «DL» que me comecei a interessar por saber o que se passava com os ciclistas, era ainda miúdo, e passava férias na Caparica, quando meu pai me trazia o jornal. Ali ficava, deliciado, a ler as coloridas crónicas e reportagens do dr. Tavares da Silva, um verdadeiro «outsider» do desporto português, como jornalista, treinador dos «cinco violinos» e seleccionador nacional das equipas que conquistaram a primeira vitória sobre a Espanha (com dois golos do Araújo e dois do Travassos) e o primeiro êxito fora, com a Irlanda. Um caso especial, sem dúvida de uma pessoa com méritos indiscutíveis, autêntico pioneiro do «boom» do nosso desporto, numa época bem diferente da actual, e a que nunca foi prestado, nem a título póstumo, o agradecimento ou reconhecimento devido.

Fernando Soromenho e Mário Zambujal, anos volvidos, são outras imagens da importância que o «DL» sempre emprestou à mais popular competição desportiva e, na esteira de todos estes nomes de grandes profissionais, cá anda agora, com o seu estilo bem

Rodrigo Pinto
«O JOGO»

próprio, o Zé, também apelidado, pelo Ribeiro Cristóvão, carinhosamente, de dr. Neves.

É através da sua pena, de raro brilhantismo, que os leitores ficam a par do muito que se passa no quotidiano de uma prova que envolve quase 800 pessoas, entre jornalistas, publicitários, elementos da organização, com as mais díspares tarefas, médicos, e, claro, já agora, ciclistas, e que, durante 18 dias é um perfeito circo ambulante que percorre o País de lés a lés, com todo um cotejo de emoções, cansaços, alegrias e espírito de convívio, que só quem anda por aqui, trabalhando no duro, pode entender.

Na Volta acontece um pouco de tudo, por mais insólito que nos possa parecer. É o que sucede com o Zé, que é freguês diário — e dos mais bem abastecidos, posso testemunhar de umas quantas garrafinhas de água e de um não menor considerável lote de embalagens de iogurte.

O que uma Volta consegue...

À berma da estrada

Noivos em fila de espera

A etapa de sábado da Volta a Portugal em bicicleta vai ficar na memória de muitos jovens casais, cuja cerimónia de matrimónio foi atrasada devido à passagem do pelotão.

No percurso entre as Caldas da Rainha e a Figueira da Foz, foram pelo menos sete os longos cortejos com muitos automóveis obrigados a encostar à berma da estrada, esperando a passagem da caravana velocipédica.

Num dos casos, perto de Leiria (onde o número de «casórios» em espera foi mais numeroso), a noiva saiu mesmo do carro, nervosa e gesticulando, possivelmente por recear não encontrar o noivo, à sua espera.

Portugal apoia candidato holandês

A Federação Portuguesa de Ciclismo foi a primeira a dar o seu apoio ao holandês Van Denburg para o cargo de presidente da União Ciclista Internacional, em substituição do espanhol Luís Puiz que faleceu esta semana — diz-se o presidente da FPC Henrique Castro.

Pedimos a Van Denburg para se candidatar, reafirmando-lhe que Portugal o apoia. Trata-se de um jovem candidato, à presidência da UCI e o ciclismo precisa de gente nova para o dirigir adiantou Henrique Castro, que regressou à caravana da Volta, depois de assistir ao funeral de Luís Puiz.

A Volta na montra

A exposição «História do ciclismo» esteve patente ao público, sexta-feira, nas Caldas da Rainha, coincidindo com a passagem pela cidade da Volta a Portugal em bicicleta.

A exposição, uma iniciativa da Câmara Municipal das Caldas e do coleccionador Mário Lino, é a única do género da Europa e talvez do mundo, pela quantidade, variedade e raridade dos objectos.

A exposição teve centenas de visitantes nas poucas horas em que esteve aberta ao público e registou a presença de antigas glórias do ciclismo português, como Aristides Martins, Alves Barbosa e Onofre Tavares, entre outros.

Entre o material exposto (uma pequena parte da colecção de Mário Lino) contavam-se fotos e reportagens das primeiras Voltas a Portugal, selos raros de todo o mundo, incluindo do Vietname e da China, a bicicleta utilizada por Alves Barbosa na Volta a França, de 1950 (10.º classificado), os últimos sapatos de ciclista de Joaquim Agostinho e outros objectos.

maquirema
Soc. Imp. e Rev. de Máquinas
Um espaço no seu escritório
Telefones 474 46 52 - 474 50 74

Classificações

5.ª Etapa — Sintra-Caldas da Rainha (157,5 km)

		H M S
1.º Neil Stephens	Royal	04.04.29
2.º Hardy Groeger	Avibom/Lousa	04.04.32
3.º José Sanchez	Royal	04.04.34
4.º Paulo Pinto	Avibom/Valouro/Lousa	04.04.36
5.º Cristian Jager	Avibom/Lousa	m.t.

6.ª Etapa — Caldas da Rainha-F. da Foz (143,7 km)

		H M S
1.º Luís Santos	Recer/Boavista	03.27.58
2.º Dulas Andrezej	Ruquita/Feirense	03.28.20
3.º Manuel Abreu	Sicasal/Acral	m.t.
4.º Santiago Portillo	Festina/Lotus	m.t.
5.º José Daboz	Royal	03.28.22

7.ª Etapa — Marinha Grande-Marinha Grande (40,7 km — contra-relógio)

		H M S
1.º Fernando Carvalho	Ruquita/Philips/Feirense	00 55 31
2.º Jorge Silva	Sicasal/Acral	00 55 52
3.º Neil Stephens	Royal	00 55 53
4.º Manuel Abreu	Sicasal/Acral	00 55 54
5.º Joaquim Andrade	Sicasal/Acral	00 56 32
6.º Joaquim Gomes	Sicasal/Acral	00 56 32

Geral individual

		H M S
1.º Fernando Carvalho	Ruquita/Philips/Feirense	29 11 55
2.º Manuel Abreu	Sicasal/Acral	a 00 03
3.º Neil Stephens	Royal	a 00 23
4.º Jorge Silva	Sicasal/Acral	a 00 55
5.º Dulas Andrezej	Ruquita/Feirense	a 01 18
6.º Joaquim Gomes	Sicasal/Acral	a 01 34
7.º Manuel Cunha	Avibom/Valouro/Lousa	a 01 37
8.º Jesus Blanco Villar	Festina/Lotus	a 01 47
9.º Manuel Neves	Ruquita/Feirense	a 01 47
10.º Marco Chagas	Orima/Cantanhede	m.t.
11.º Luís Sequeira	Bom Petisco/Tavira	m.t.

Geral por equipas

	H M S
1.º Sicasal/Acral	87 37 05
2.º Ruquita/Philips/Feirense	a 01 45
3.º Royal	a 03 17
4.º Recer/Boavista	a 04 13
5.º Festina/Lotus	a 05 39
6.º Bom Petisco/Tavira	a 06 10
7.º Avibom/Valouro/Lousa	a 06 46
8.º Orima/Cantanhede	a 07 49
9.º Seur	a 08 55
10.º Salgueiros/Landimar	a 14 34
11.º Alguerra/Componauto/Aralmolde	a 20 07

Pontos

		P
1.º Paulo Pinto	Avibom/Valouro/Lousa	37
2.º Manuel Abreu	Sicasal/Acral	24
3.º Dick Dekkers	Royal	20

Montanha

		P
1.º José Santiago	Recer/Boavista	31
2.º Luís Santos	Recer/Boavista	16
3.º José Dias	Alguerra/Componauto/Aralmolde	13

Metas volantes

		P
1.º Carlos Marta	Orima/Cantanhede	17
2.º Roberto Torres	Festina/Lotus	10
3.º Paulo Silva	Bom Petisco/Tavira	10

Prémio combinado

		P
1.º Neil Stephens	Royal	26
2.º Dulas Andrezej	Ruquita/Feirense	38
3.º Jesus Blanco Villar	Festina/Lotus	40

Prémio da juventude

1.º Joaquim Andrade	Sicasal/Acral
2.º José Rosa	Avibom/Valouro/Lousa
3.º Paulo Silva	Ruquita/Philips/Feirense

Amanhã: sobe e desce

Finalmente, aí temos a escalada para o pico das Penhas Douradas que antecede a descida para a Covilhã seguindo-se a rota para o Fundão onde terminará a difícil etapa que muito poderá vir a alterar a pauta classificativa. A partida de Tondela será dada às 11 horas seguindo-se a passagem pelas seguintes localidades: Adiça (11 e 15), Vila Pouca (11 e 21), S. João de Areias (11 e 40), Tábua (11 e 43), Venda de Galizes (12 e 15), Catraia de S. Romão (12 e 49), Seia (12 e 58), Aldeia da Serra, Sabugueiro (13 e 7), Nave de Santo António (13 e 47), Penhas da Saúde (14), Covilhã (14 e 20), estando previsto o corte da meta para um pouco depois das 15 horas na Avenida da Liberdade, no Fundão.

QUOTIDIANO

A X Feira, realizada em Vila Franca de Xira, veio trazer a público a crise que os produtores atravessam. Mau tempo e muita poluição, é tudo contra os seareiros

Melão derrete ao sol

Vila Franca de Xira acolheu, este fim-de-semana, a X Feira do Melão, uma organização da Câmara Municipal com o apoio da associação de produtores desse fruto.

O certame, que decorreu no Jardim Municipal, foi pretexto para as mais diversas manifestações recreativas e culturais, da exibição de grupos folcloricos a passeios de barco no Tejo, passando pelo concurso do «melhor melão».

Mas mais do que a Feira em si, este ano com muito menor participação de produtores do que em anteriores realizações, foi possível reunir em Vila Franca seareiros e responsáveis que traçaram, para a Comunicação Social, um panorama da actual situação do sector.

Um ano para esquecer

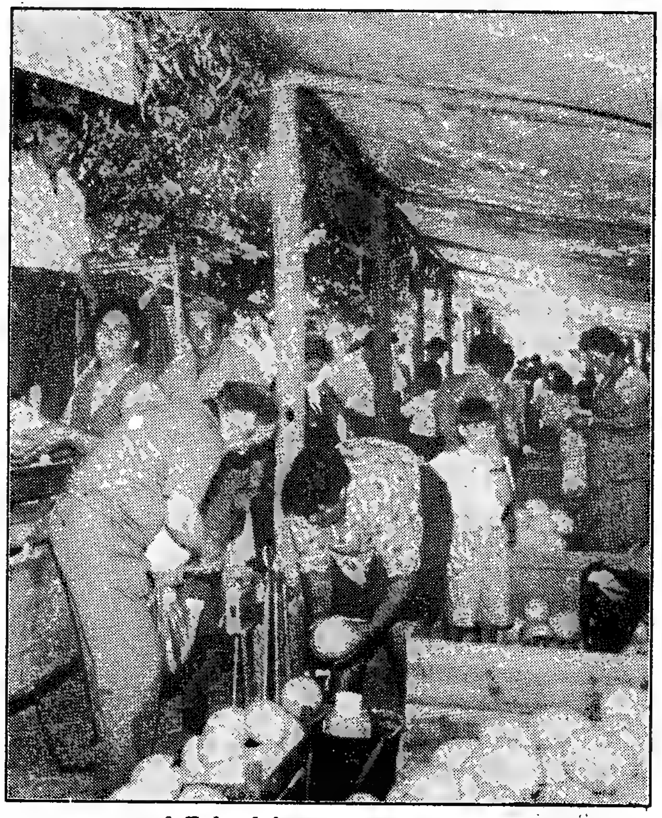
Como disse ao «DL» o presidente da Federação dos Agricultores do Distrito de Santarem, Amândio Freitas, que é também dirigente da Associação de Produtores de Melão de Portugal, 1990 foi um ano mau para os seareiros.

Na sua opinião, são diversos os factores que contribuem para os péssimos resultados obtidos. O primeiro é, sem sombra de dúvida, o clima que foi completamente adverso, com uma Primavera muito fria e um Verão quentíssimo. Isso deu origem a prejuízos nas sementeiras em Março e nas colheitas em Julho.

«A maturação do melão que geralmente leva cerca de um mês a processar-se chegou a conseguir-se ao fim de oito dias, o que originou uma superprodução e logo depois a incapacidade de escoamento dos frutos», disse-nos Amândio Freitas.

O preço de venda no produtor, fixado na Feira em 100 escudos, atingiu valores muito mais baixos, chegando a andar pelos vinte e cinco.

Esta situação fez gorar, de algum modo, os esforços desenvolvidos este ano para organizar os produtores na comercialização do melão. A tentativa de pôr fim à anarquia que se regista na venda directa ao público, na Recta do Cabo, através da criação de um «Entreposto», que já está em funcionamento, não atingiu resultados tão satisfatórios como os desejados.



Anabela Loureiro

A Feira foi menos concorrida do que nos anos anteriores

Poluição da EDP e concorrência espanhola

Aos contratempos das condições atmosféricas adversas juntou-se o prejuízo causado pela poluição provocada pela central termoelétrica da EDP, no Carregado. O presidente da Associação de Produtores de Melão de Portugal afirmou à nossa reportagem que aquela empresa pública já pagou 18 mil e quinhentos contos de indemnização aos 11 produtores de melão que reclamaram prejuízos provocados pela saída de gases poluentes libertados pelas turbinas da central. Amândio Freitas disse que «os prejuízos continuam a ser inventariados» e que a EDP deverá vir a pagar compensações a mais 7 ou 9 agricultores de melão igualmente afectados pelo funcionamento da central em condições de segurança ambiental duvidosa.

Outro factor que tem preocupado os produtores do Ribatejo é a progressiva entrada de melão espanhol em Portugal, destinado especialmente aos mercados do Norte do país cujos comerciantes deixam de ter necessidade de abastecer-se no Sul.

A concorrência estrangeira e a proximidade do mercado livre na Comunidade Europeia é uma preocupação crescente para os responsáveis do sector.

Falta do estatuto do seareiro

Como nos lembram, é preciso não esquecer que a quase totalidade da produção de melão do Ribatejo depende dos seareiros «esses agricultores sem terra que continuam a ser vítimas, com frequência de acções de despejo».

Para o presidente da Federação dos Agricultores do Distrito é indispensável criar o «Estatuto do Seareiro» que os proteja. Enquanto não for dada segurança aos produtores, permitindo que eles possam pensar em muitas outras questões, como a procura de maior qualidade e melhores formas de comercialização, de modo a estarem habilitados a enfrentar a concorrência, «a perspectiva é negra».

Acompanhar os níveis de produtividade dos maiores produtores europeus de melão - Itália, Grécia e Espanha - é, assim, uma meta que está ainda muito distante.

É preciso ter também em conta que este produto ainda não tem grande peso nos níveis de consumo da CEE, não fazendo sequer parte dos frutos cujas produções são discutidas e avaliadas pela Comunidade.

Apesar disso, será necessário fazer corresponder o tipo de produção português aos hábitos de consumo europeus.

Um documento da Associação de Produtores refere que «as preferências nacionais de calibres grandes está também em desacordo com a situação actual na Europa, em que o melão tende cada vez mais a ser um fruto adequado ao consumo de uma pequena família ou mesmo de um consumidor individual (como acontece com os aromáticos consumidos em corte transversal)».

Por outro lado, lê-se no mesmo relatório, «se num período anterior o melão era comercializado a granel e como tal exportado em situação similar à melancia, pelo seu calibre, hoje tende cada vez mais a ser apresentado em embalagens de seis a oito unidades, de calibre e variedade uniformes, procurando pela via da apresentação cuidada atrair o consumidor».

Para a Associação de Produtores, «tal situação deverá passar a ser encarada pelas estruturas que comercilizam melão, considerando que embora não exista normalização obrigatória, esta começa a tornar-se uma exigência de mercado».

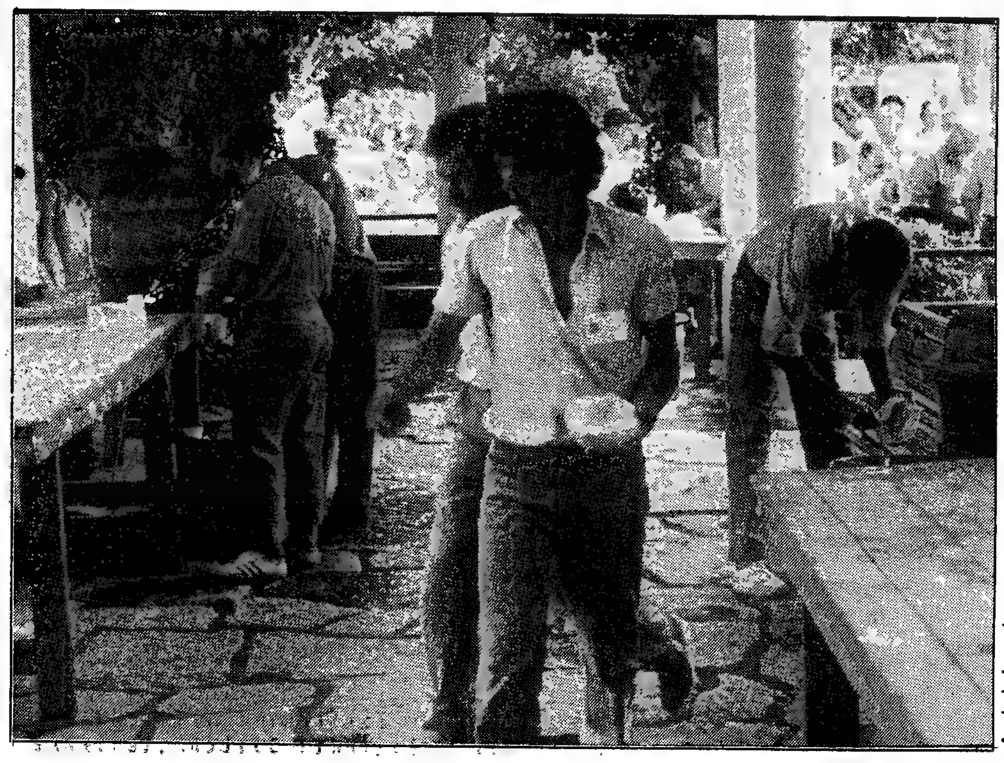
Anabela Loureiro

O preço da fruta tem conhecido grandes oscilações

Progresso no turismo municipal

As elevadas temperaturas terão desmobilizado muitos dos potenciais visitantes da X Feira do Melão. Modesta, para não dizer pobre, pelas razões indicadas, o certame enquadra-se no conjunto de actividades da Comissão Municipal de Turismo de Vila Franca de Xira, cujo presidente, Carlos Félix disse ao «DL» estar este sector em franco desenvolvimento no concelho. «As festas do colete encarnado juntaram este ano dezenas de milhar de pessoas na vila, para citar apenas um exemplo», referiu.

Carlos Félix considera que a criação da Comissão Municipal de Turismo, há três anos, tem trazido imensos benefícios para o desenvolvimento e animação cultural da região. Como frisou, nessa altura, havia apenas uma residencial na vila. Neste momento há três e está em construção um hotel com 70 camas. Projecta-se também a recuperação de uma estalagem na zona de Lezíria com a criação das melhores infraestruturas hoteleiras, incluindo salas para congressos, discoteca e uma piscina e, em Alverca, está aprovado o projecto de construção de um hotel com com 120 camas.



Anabela Loureiro

A prova do melão, com a indispensável pinga

Pereira de Almeida

Informação COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informa-se os Srs. Passageiros que, por motivo de trabalhos de revisão integral da catenária, são suprimidos, entre **QUELUZ e CACÉM**, nos dias 7, 8, 9 e 10 de Agosto, os seguintes comboios:

QUELUZ-CACÉM

Comboios com saída de Queluz às — 9.57h, 10.13h, 11.13h e 11.49h.

CACÉM-QUELUZ

Comboios com saída de Cacém às — 9.55h, 10.11h, 10.27h e 11.51h.

CP — Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano

Caminhos de Ferro Portugueses

Cantanhede desfaz-se de vinho insatisfatório

A direcção da Adega Cooperativa de Cantanhede confirmou a venda de três milhões de litros de vinho de «menor qualidade», mas rejeitou a possiilidade de vir a ser utilizado no fabrico de «vinho a martelo».

Em comunicado, a referida direcção reconhece que, apesar da adega ter recebido um prémio para os melhores vinhos brancos da Bairrada, na colheita de 1989, a produção de tintos «não se insere na linha de alta qualidade que a Adega exige».

O matutino portuense «Jornal de Notícias», na edição de quinta-feira passada, noticiara que «metade da colheita de 1989 tinha siodo perdida pela Adega de Cantanhede». Segundo o mesmo jornal, 3,02 milhões de litros de vinho teriam azedado, atingindo níveis de acidez que ultrapassavam os limites legais, sustentando a tese de que o vinho ter-se-ia estragado devido a «desleixo técnico».

A direcção da Adega afirmou, entretanto, que o director técnico responsável pela produção e sector comercial e o adegueiro se tinham demitido dos cargos, antecipando-se às conclusões de um inquérito que os veio responsabilizar pela «menor qualidade do vinho».

Aqueles responsáveis foram já substituídos e a Adega decidiu alienar cerca de três milhões de litros de vinho tinto.

A possibilidade da Adega de Cantanhede destilar aquele vinho para aguardentes foi igualmente rejeitada, pelo facto de ter vendido todo o vinho acidado.

De acordo com a direcção, «na impossibilidade de melhorar na Adega os vinhos considerados de menor qualidade, uma vez que isso significaria o sacrifício de quantidades significativas de excelentes vinhos de reserva, a Adega decidiu proceder à sua venda».

A empresa pretende assim, «impedir que interesses inconfessos possam pôr em causa a sua tradicional seriedade e o estatuto de excelente produtor».

O «Jornal de Notícias» sustentava que, «com um prejuízo à volta dos 120 mil contos, a situação é gravosa para a Adega e para os associados».

Novas vantagens do Cartão Jovem

O Cartão Jovem continua a ser um título cada vez mais precioso para os seus portadores. Não bastasse o desconto de 50 por cento dado pela CP nas viagens em território, o Governo resolveu agora dar descontos «muito significativos» no acesso da juventude aos cinemas e na compra de bilhetes para o campeonato nacional de andebol.

O anúncio destas iniciativas decorreu na cerimónia de assinatura do protocolo de acordo entre o Instituto da Juventude, o Banco Nacional Ultramarino, a Companhia de Seguros Império e os Correios, entidades que promovem a quinta edição do cartão jovem. A venda dos cartões para a próxima edição, que decorrerá entre um de Setembro de 1990 a um de Setembro de 1991, terá início a 17 do próximo mês. O seu custo está fixado em 600 escudos.

O título, destinado aos jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 25 anos, tem por «objectivos essenciais» incentivar «a mobilidade dos jovens, a sua inserção social e um maior acesso às actividades culturais, desportivas e de tempos livres», refere o texto do protocolo.

O acordo refere ainda que, em termos de apoios, o BNU contribuirá com 33 mil contos, e a seguradora e os correiros com 30 mil.

A verba alcançada com a venda do Cartão Jovem a 285 pessoas (número de meados de Julho), em 1989, ascendeu a 171 mil contos. Esse número corresponde a cerca de 15 por cento de todos os jovens que poderiam ter adquirido o cartão, o que constitui a mais alta taxa de possuidores do cartão do Conselho da Europa. Para o período de vigência da nova edição do Cartão Jovem pretende-se ultrapassar a barreira dos 300 mil utentes.

Artesã de Castelo Branco vence em Vila do Conde

O prémio FNA 90, para a melhor peça exposta na Feira Nacional de Artesanato de vila do Conde, foi para Castelo Branco. A artesã Laura Maria Ascensão afirmou-se muito surpreendida, na cerimónia de entrega dos 150 mil escudos. «Muito sinceramente, com tantas peças neste concurso, peças de tanto valor, não esperava ser eu a ganhar», disse.

A peça premiada é uma colcha de noiva, bordada integralmente à mão, a seda, onde predominam os tons rosas, vermelhos e grenás, representando uma águia bicéfala (o símbolo do jovem casal).

QUOTIDIANO

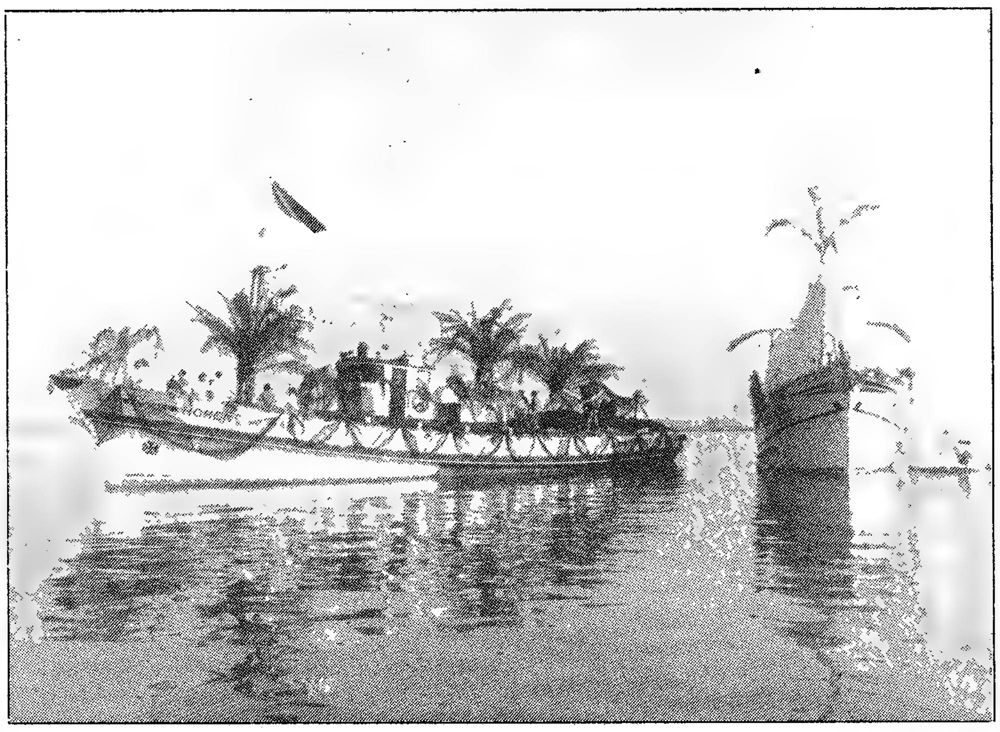
«Nossa Senhora da Boa Viagem olhai pelos nossos pescadores»

No início do século XVII Peniche começou a homenagear a padroeira dos pescadores. O tempo passou, mas a tradição mantém-se e a santa eleva-se do altar de um barco...

Peniche, terra da gente do mar, de crenças e tradições. Cidade repleta de vida, de dor e mágoa. «Nossa Senhora da Boa Viagem, rogai por nós e pelo nossos pescadores», invocam as mulheres à padroeira dos homens que lançam as redes.

A homenagem repete-se há 390 anos, no primeiro domingo de Agosto, depois dos portugueses enfrentarem o Adamastor, dobrarem o cabo da Boa Esperança e chegarem ao Oriente. Nessa altura, já Nossa Senhora da Boa Viagem abençoava os marinheiros lusitanos, que levavam o culto pelo mundo fora, nomeadamente, à Índia e ao Brasil.

Às portas do ano 2000, o rito mantém-se, e a fé sobrevive. No passado sábado, mais de 40 embarcações, decoradas pelos pescadores, expuseram as suas bandeiras de papel multicolores, luzes e folhas de palmeiras aguardando, no porto de Peniche, o cair da noite e a chegada a bordo de Nossa Senhora da Boa Viagem.



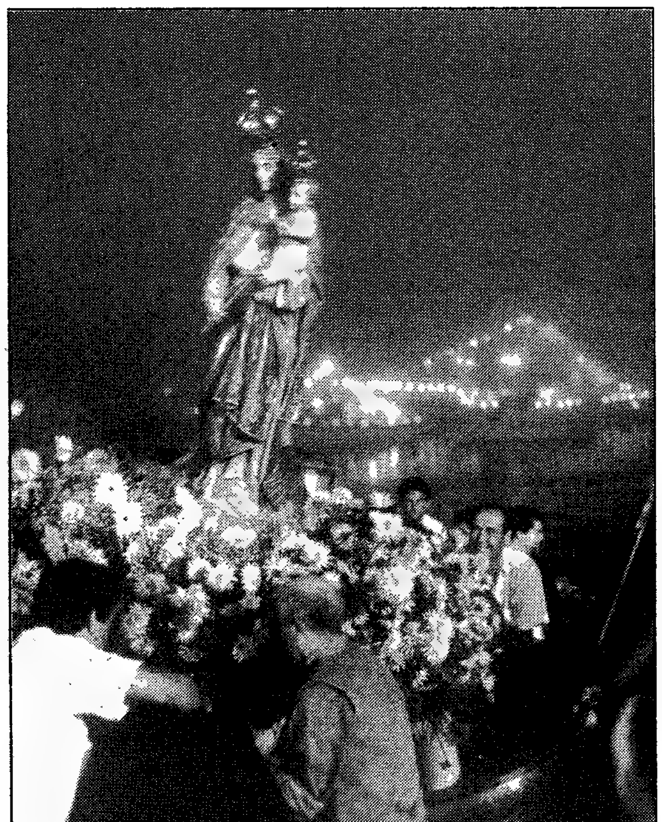
«Homens do Mar» foi o barco classificado em primeiro lugar, no concurso diurno

No primeiro dia da festa, que decorre até amanhã e que mobiliza milhares pessoas oriundas de todas as zonas do País e do estrangeiro, os pescadores ofereceram 22 mil sardinhas «a toda a população e forasteiros». Durante três dias esta cidade piscatória foi animada com diversas grupos musicais, ranchos folclóricos, os Zés Pereiras, a banda de música «A Serrana», a fanfarra dos Bombeiros Voluntários de Peniche, Roberto Leal, Cidália Moreira, Dina Maria, entre outros participantes.

Um dos elementos da organização disse ao DL que «foram investidos nestas festas cerca de oito mil contos. Desde Janeiro, os 15 responsáveis por este acontecimento reuniram-se todas as semanas e mesmo assim, isto não está como nós queriamos».

A procissão no mar caracteriza a festa de Nossa Senhora da Boa Viagem. Cerca de 15 figuras religiosas são transportadas da Igreja de São Pedro pelos pescadores de cada embarcação até ao mar. São colocadas nos barcos, antecipadamente sorteados, para levarem os santos. Segue-se o desfile de todas as embarcações, umas iluminadas outras não, «dependendo da imaginação e das posses dos pescadores proprietários», durante hora meia. Porém, o nevoeiro que se fazia sentir na noite da procissão, impediu que os barcos saissem da doca.

O júri, que todos os anos atribui um prémio às embarcações mais bem decoradas, classificou em primeiro lugar, no concurso diurno, o barco «Homens do Mar», e no concurso nocturno destacou «Mestre Comboio», a traineira que levava a Nossa Senhora da Boa Viagem.



Nossa Senhora da Boa Viagem a ser transpostada para a embarcação «Mestre Comboio», vencedora do concurso nocturno

Vida dura e incerta

Já lá vai o tempo em que os pescadores de Peniche faziam-se ao mar, arriscando a sua vida, trabalhando arduamente, puxando as redes, empurrando os barcos, remando. «Agora está tudo diferente. As novas tecnologias permitem que os barcos estejam equipados com radar e meios de comunicação. Para além disso, existem máquinas que puxam as redes, evitando assim o esforço humano. Contudo, isto não significa que a vida de pescador seja fácil. É uma vida dura e incerta. Nunca sabemos quanto trazemos para casa ao fim do mês», disse ao DL um pescador.

Segundo este homem, «a homenagem a Nossa Senhora da Boa Viagem já não se fazia, por vontade dos homens do mar aqui da terra. Não quer dizer que a gente não goste, mas para quem está toda a semana a trabalhar e ainda tem de carregar com os andores pela cidade inteira... os organizadores é que insistem.

«Há 25 anos que ando no mar. Comecei com 14 anos e por cá fiquei. Não posso dizer que goste disto, mas não sei fazer outra coisa. Tenho um filho com 12 anos, estuda e estou a ver se ele não segue a vida do mar. Mas isto é uma terra de pescadores e ele para os estudos não dá muito».

A vida de pescador é encarada, actualmente, como qualquer outra profissão, muito embora subsistam os sacrifícios e «as dores de coração», das mulheres que ficam em casa. Todavia, para os pescadores, «não é por homenagear uma vez por ano a Nossa Senhora da Boa Viagem que se tem mais fé. Ela existe dentro de cada um de nós, dia após dia, quando saimos para o mar. Ainda em terra, rezamos e pedimos a Deus que nos traga de volta e que consigamos sustentar a família».

Para as mulheres que vêem os homens partir, há uma oração que ecoa: «Boa viagem, Senhora, ao povo do vosso mar. Estrelas dos pescadores, olhai-os do vosso altar».

E porque a vida destes navegadores é uma angústia permanente, Amália cantou: «De manhã/que medo/que me achasses feia/ Acordei tremendo/ deitada na areia/ Mas logo os teus olhos/disseram que não/ e o sol penetrou no meu coração/ Vi depois numa rocha uma cruz/ e o teu barco negro dançava na luz...

Gisela Oliveira

Mais vale tarde do que nunca. «E Fez-se Luz», prémio especial do júri do Festival de Veneza, chega dentro de dias às nossas salas de cinema. Vem, no entanto, a tempo de nos deslumbrar, neste Verão angustiante para os cinéfilos que não estão para banhos. Veio o filme e veio o realizador, Otar Iosseliani, com quem mantivemos esta conversa, onde se põe a nu um pouco da alma de um grande cineasta

O contador de fábulas

Otar Iosseliani é homem de poucas falas. Declara mesmo, a determinada altura da conversa, que os seus filmes nada querem dizer porque o cinema é assim mesmo; não tem que dizer o que quer que seja.

Conversar com ele, entrevistá-lo, é, pois, uma questão de lhe respeitar tanto as pausas como as palavras, de perceber que, nele, decisões definitivas e certezas são coisa mal digerida. É um contador de fábulas. Nasceu há 56 anos na Geórgia (U.R.S.S), mas trocou a terra natal pela França porque - afirma sem pruridos - não estava disposto a aturar os caprichos da censura. Veio a Portugal por ocasião da antestreia de «E Fez-se Luz», o seu filme mais recente. Fomos ao encontro dele, enquanto a cidade «derretia».

Iosseliani: um observador do quotidiano

- Porque é que realizou «E Fez-se Luz»?
- Você é a primeira pessoa que me pergunta isso (longa pausa, enquanto o cigarro lhe arde ao canto dos lábios). Sem dúvida, porque o meu trabalho é fazer filmes.
- Mas porque é que fez este e não outro qualquer?
- Porque chegou a vez dele, só isso.
- O que pretende dizer com ele?
- Nada porque dizer implica falar. Não se vai perguntar a um compositor o que é que ele pretendeu dizer com o tema musical que escreveu. Julgo que é uma questão que se não põe. O cinema é uma linguagem, no fundo, extremamente fácil, a que toda a gente tem acesso e que toda a gente compreende. Aquilo que eu quero mostrar, foi o que você viu.
- Em «E Fez-se Luz» há mulheres de personalidade muito forte que vivem numa espécie de sociedade matriarcal. O que pensa do feminismo e da posição das mulheres no mundo, hoje em dia?
- Detesto o feminismo! Encaro-o como uma tendência para masculinizar as mulheres e, se não suporto homens feminizados, ainda menos admito mulheres masculinizadas. As mulheres do meu filme não estão masculinizadas. Para mim, o feminismo não é a libertação da mulher. Agora, devo-lhe dizer que se as mulheres conduzissem a política do mundo seria melhor. Elas são bem menos agressivas do que os homens.
- O seu filme debruça-se sobre povos num estado de civilização «anterior» ao nosso. Acredita em Rousseau e no mito do bom selvagem?
- Nunca li Rousseau, nem os filósofos franceses do século das luzes. É uma matéria que não me interessa. Li Voltaire e Racine e julgo que, de facto, há em «E Fez-se Luz» um pouco do Racine metafísico e da ironia voltairiana. Mais do que Rousseau, que, como disse, nunca li.
- Os etnólogos têm-lhe criticado o filme. Como é que reage a isso?
- Não li as críticas. Quero, no entanto, deixar claro que o meu filme nada tem que se aproxime do trabalho do etnólogo. Tal como «A Viagem de Sinbad» e a «Ilíada» não têm. É um conto.
- Mas fez algum trabalho de reconstituição de hábitos ou não?
- O que se vê no filme é uma amálgama de hábitos de diferentes tribos africanas, recolhidos em histórias escritas por missionários. São, sobretudo, hábitos já desaparecidos.
- Otar Iosseliani declarou: «Sentar-se em torno de uma mesa, dizer coisas agradáveis às pessoas, beber e cantar juntos, eis a cultura». O que é que uma frase destas tem a ver com o seu cinema, tão voltado para o quotidiano?
- A frase não é minha. Citei-a é certo, mas é de um poeta georgiano do século XI que, com estas sentenças, formou muito a mentalidade e o modo de vida do povo da Geórgia. Para ele, nada do que nos foi dado, nos pertence, de facto.

Em relação a mim, em relação ao meu cinema, ele funcionou um pouco como modelo porque se se vem a este mundo é para nos reunirmos à mesa com quem encontramos e de quem nos separamos depois.
- Porque é que filma tão poucas longas-metragens?
- Para fazer um filme, comercial ou não, deve-se reflectir muito e é necessário arranjar dinheiro.
- Considera-se um realizador realista?
- O realismo, na exacta acepção da palavra, não existe, não faz sentido em arte. Mesmo que um artista pretenda fazer a cópia da realidade, ele terá que escolher o que lhe interessa. Se classificarmos as coisas dessa forma, então, sim, «E Fez-se Luz» é uma fábula realista.

Há, por outro lado, artes muito menos realistas do que outras. Veja o caso do cinema neo-realista; está muito mais longe do realismo do que a poesia.
- A arte deve imitar a vida ou a vida imitar a arte? O que lhe parece?
- Não é possível a vida imitar a arte. Ela é uma luta constante pela sobrevivência e, enquanto tal, jamais se pode transformar em arte.
- Encontrou em França as condições de trabalho que não tinha na União Soviética?
- Em França não há censura. É muito mais fácil fazer-se cinema, quando não nos estão constantemente a perguntar porque é que o fazemos. No entanto, é muito difícil arranjar financiamento, sobretudo, se o cinema que se faz não é comercial.
- Considera que os cineastas, na União Soviética, conhecem hoje melhores condições de trabalho?
- O cinema soviético está a voltar-se mais para o comércio, está a tornar-se muito mais fácil e isso não é bom. Cria saturação, sobretudo, se os espectadores tiverem acesso ao cinema norte-americano. E isso é triste. Ainda há censura. Não se pode esperar tudo de Gorbachev. Mas acabará claro...
- Pensa voltar lá?
- Sim, claro.
- Para filmar?
- Não sei se tecnicamente será possível. As condições económicas são dificeís. Se o fizer, demorará ainda muito tempo.

Maria João Martins

«E Fez-se Luz»

Os africanos filmados por Iosseliani não são os bons selvagens de Rousseau. Tal como a sua aldeia não era o derradeiro vestígio do Éden sobre a Terra. Só os anjos têm asas e o povo Diola nada tem de seráfico, a não ser um apego fetal às coisas da Natureza de que nós há muito abdicámos. No resto, há de tudo um pouco: mulheres desgostosas com o casamento, mulheres que se agridem mutuamente por causa da posse de um namorado, traições, homens preguiçosos e prostituíveis, um horror à velhice e à proximidade da morte que ela inevitavelmente recorda.

Mas subjacente a tudo isto, como em todas as sociedades, das mais elementares às mais complexas, há uma ordem, uma dinânica que, no fundo, é a própria razão de ser e de viver de um povo.

O que Iosseliani conta, sem esgares trágicos, em «E Fez-se Luz» é, todavia, muito mais dramático do que a aniquilação da Natureza, onde ela ainda se mantinha igual a si própria. O que se conta é a destruição de toda uma sociedade.

Um dia, a cobiça dos herdeiros negros do «caçador branco» estende-se à aldeia onde residem os Diola. As árvores têm proporções colossais, troncos inabraçáveis, ramos frondosos e, como tal, constituem matéria-prima aliciante para indústrias na senda da prosperidade. Só que essas árvores de troncos inabraçáveis eram os lugares escolhidos pelos Diola para fazerem o que nós usualmente fazemos nos cafés e nas grandes praças. À sombra dessas árvores, eles trocavam palavras, experiências e iniciavam os mais novos nos rituais simples da vida quotidiana.

«E Fez-se Luz»: crónica de uma sociedade aniquilada

Começaram a abater as árvores e foi como se lhes tivessem arrancado aquilo que, à maneira deles, era o Rossio e o «Nicola». Partiram, porque a sua sociedade fora penetrada de rajada por uma outra, de hábitos e idéias diversas. Desagregaram-se com o grupo. Muitos «progridem» e instalam-se na cidade. As últimas imagens que «E Fez-se Luz» nos oferece são irónicas, mas, ao mesmo tempo, angustiantes. As mulheres perderam a força que lhes vinha do matriarcado e passam a acompanhar homens «civilizados», em troca de um corte de seda estampada. Há um casal que, na praça pública, vende figuras esculpidas do deus que, na aldeia, lhes satisfazia as vontades. É como se se esvaziassem de memórias e leiloassem a própria alma. E este final, aparentemente risonho, consegue ser mais triste do que se víssemos os Diola desaparecerem juntamente com as árvores da sua aldeia.

MJM

Não há qualquer efeméride a assinalar. De resto, ela também não é precisa, quando se trata simplesmente de evocar a obra de Howard Hawks. Em Dezembro, houve o ciclo, agora é a Cinemateca que edita o livro do ciclo, um livro todo ele dedicado ao cineasta de «Rio Vermelho»

O desporto favorito de Howard Hawks

«Rio Vermelho», o mais belo *western* de sempre

A ortodoxia bem-pensante dos «Cahiers» viu-o como o mais americano dos realizadores. O mundo encarou-o, sobretudo, como um profissional acima da média; sério e empenhado, mas uns furos abaixo de Ford ou de Ray. Em Portugal, revela Luís de Pina, em artigo incluído no livro que a Cinemateca agora dedicou a Hawks, as opiniões oscilaram, excepto quando «Tiger Shark» trouxe aos portugueses o orgulho de se verem ouvidos e vistos pelos senhores de Hollywood.

É certo que, como diz o director da Cinemateca nesse texto, «a partir dos anos 50, o trabalho dos cineclubes, a acção da Cinemateca Nacional, o surgimento de novas publicações de cinema e, acima de tudo, uma maior consciência cultural dariam a Howard Hawks o seu verdadeiro lugar entre os grandes». O ciclo do final do ano passado e o livro do ciclo agora editado, vêm coroar a tarefa.

Um breve olhar pelo índice deste livro, profusamente ilustrado com fotografias dos mais representativos filmes de Hawks, diz-nos, a par de alguns textos estrangeiros e históricos para a avaliação da filmografia do autor, do interesse dos portugueses por este homem que, se nunca ganhou um Oscar a sério, também não conheceu os amargos das bilheteiras. João Bénard da Costa, documentadíssimo, subscreve o principal texto do livro: «Da Vida e Obra de Howard Hawks», Pedro Costa lança-se sobre o filme «A Terra dos Faraós», Jorge Silva Melo faz outro tanto por «Rio Bravo», enquanto Joaquim Pinto se encarrega de «Red Line 7000», o último dos mais de quarenta filmes com que Hawks nos enriqueceu a vida. Luís de Pina encerra o volume com uma história das relações da crítica portuguesa com o cineasta norte-americano e revela-nos coisas espantosas como aquela do público do São Luíz ter pateado «Scarface». Corria o ano de 1932 e este foi o filme que Hawks preferiu entre todos os que assinou.

Para os muitos méritos demonstrados por esta edição concorre o facto de todos os aspectos da filmografia de Hawks serem escalpelizados até ao pormenor, com uma dinâmica de debate que refuta qualquer apologia do «magister dixit» em matéria de cinema. Nada ficou por referir: os temas caros ao autor, os homens com quem tratou de perto, as mulheres a quem desvendou os talentos e, na maior parte dos casos, a suprema beleza, a independência face às «majors» todo-poderosas.

Howard Hawks era um tudo nada mais velho do que o século XX (nascera em 1896). E fizera-o em berço de ouro, à moda americana, o mesmo é dizer em casa de madeirenses fundada por um avô que viera de Leste sem nada de muito valioso a que chamasse seu. Em 1920, na era do «charleston» e das primeiras paixões pela velocidade, Hawks contava vinte e quatro anos. Apaixonou-se pela mecânica que ia subvertendo o quotidiano, de par com os aviões e com os automóveis que também lhe iam exigindo muita da sua atenção. Amores do Hawks desportista que o Hawks cineasta não sentiu necessidade de negligenciar. Antes pelo contrário. Os homens ao volante de um bólide e, sobretudo, aos comandos de um avião são temas reincidentes na sua filmografia.

«Air Circus» de 1928, segundo argumento de William Faulkner foi o primeiro. Em 1930, veio «The Dawn Patrol» («A Patrulha da Alvorada»), uma história de guerra e inevitavelmente, de morte, em que os sobreviventes herdam os problemas dos que acabam de morrer, com a angustiante consciência de que um deles será o próximo a não voltar. No fundo, uma história ou recurso narrativo cara a Hawks e que era também um sinal desses tempos, em que Scott Fitzgerald declarava não haver segundo acto na vida dos americanos. «Eat, drink, be merry because tomorrow we die», dizia-se à boca pequena naquelas festas em que as pessoas embarcavam como quem toma um analgésico e que, afinal, serviram de frontispício ao período que decorre entre as duas grandes guerras.

Hawks contou mais histórias de aviadores. Em 1936, pega na «mega-star» James Cagney e filma «Ceiling Zero». Três anos depois, vem então a obra-prima: «Only Angels Have Wings». João Bénard da Costa no texto que vem incluído no livro editado pela Cinemateca diz que este é «o filme em que a assinatura de Hawks melhor se lê em cada plano». À partida, o «cast» era, de facto, constituído por anjos com as asas maiores e mais espectaculares que se viram em Hollywood. Cary Grant, Jean Arthur e Rita Hayworth. Isto, caso se admita que o realizador não é mesmo o sol entre as suas estrelas.

Em todos estes filmes com histórias de aviadores, há um segundo tema que, segundo João Bénard da Costa, é essencial para a compreensão do que Hawks fez em cinema: a cumplicidade no seio de um grupo exclusivamente constituído por homens. A mais bela , a mais conflituosa dessas relações que o cineasta provou serem perigosas, acontece, no entanto, não num filme de aviões, mas naquele que é, sem qualquer hipótese de dúvida, um dos mais belos westerns vistos no grande écrã: «Rio Vermelho», com John Wayne e o debutante Montgomory Clift nos principais papéis.

Nestas relações «só para homens», aparece frequentemente uma mulher. De forma pouco lisongeira quase sempre, pois é a ela que cabe a espinhosa tarefa de pôr termo àquele harmonioso estado de coisas. É o que acontece em «Tiger Shark», a tal película sobre pescadores portugueses com Edward G. Robinson e em «Only Angels Have Wings».

Não consta, todavia, que Hawks fosse um misógeno militante. Como contador de histórias, ele bateu-se sempre por meter mulheres naquelas que ia filmar, mesmo que no original elas não estivessem lá. Aconteceu em «Today We Live» e em «His Girl Friday» que, de certeza, não seriam o que são sem Joan Crawford e Rosalind Russell.

Por outro lado, embora não fosse propriamente um cineasta que gostasse sobretudo de filmar mulheres, no sentido em que foi George Cukor, sabe-se que Hawks descobriu e/ou moldou à medida da sua intuição cinematográfica algumas das vedetas mais míticas do «silver screen . Carole Lombard, Rita Hayworth, Lauren Bacall, Angie Dickinson, Anne Dvorak. A ele se deve, por outro lado, o «empurrãozinho» inicial na carreira de Marilyn, pois foi ele que a dirigiu em «Monkey's Business» e em «Gentlemen Prefer Blondes». Não regateou elogios a um caso triste de Hollywood chamado Frances Farmer e ofereceu a Louise Brooks «A Girl in Every Port», o filme que lhe permitiu chegar às mãos de Pabst, e a um lindíssimo par de obras rodado na Alemanha: «A Boceta de Pandora» e «Diário de uma Mulher Perdida».

Dois filmes com Bogart

Para os adeptos de Hawks e para os de Bogart há um ponto de encontro obrigatório: o cinema onde se exibir «To Have and Have Not» e «The Big Sleep».

Humphrey Bogart acabara de sair de uma coisa mítica intitulada «Casablanca». Perdera o Oscar para Paul Lukas, mas a verdade é que Rick Blaine ficou para a História como o rosto romântico do herói solitário. Em 44, Hawks convida Bogart para um filme com óbvias semelhanças com o «cult-movie». Ao mesmo tempo, investe tudo numa rapariga de 19 anos, na condição dela se mostrar tão insolente quanto a vedeta da Warner Brothers. A estreante era evidentemente Lauren Bacall, a nova-iorquina que Mrs. Hawks descobrira na capa do número de Natal da «Harper's Bazaar» e o resultado é de assobios: o casamento de Bogart e Bacall, sem fase de namoro propriamente dito e a repetição da dose num segundo filme de Hawks com os dois.

Aconteceu no ano imediato e chamou-se «À Beira do Abismo», segundo obra homónima de Raymond Chandler. Há quem veja neste filme de Hawks o paradigma da perfeição cinematográfica. Perfeito ou não, o facto é que «À Beira do Abismo» contém tudo o que fez a grandeza americana nos meados deste século, incluindo a banda sonora de Max Steiner e as piadas secas de Bogart que, não tendo paciência para os desmandos de Martha Vickers, se toma de amores pelos modos despachados e algo viris da primogénita.

Bogart não foi, no entanto, a única grande vedeta que Hawks pôs *tête-à-tête* com mulheres de diabo no corpo e na alma. Cary Grant, um dos preferidos de Hawks, teve, por exemplo, que enfrentar e optar entre Jean Arthur e Rita Hayworth num só filme. Foi em «Only Angels Have Wings», como um ano antes fora Katherine Hepburn numa comédia deliciosa intitulada «Bring Up Baby». Não há duas sem três. Em 1940, um ano após «Only Angels...», Cary Grant via-se a braços com outra menina descarada, de seu nome Rosalind Russell, que em «His Girl Friday» fazia de jornalista que punha a «cabeça em água» ao respectivo superior hierárquico.

Apesar de simbólico para várias gerações de americanos também Gary Cooper terá pela frente uma mulher que foi muito melhor actriz do que hoje se julga: Barbara Stanwyck num filme de 1941, chamado «Ball of Fire».

Independentemente destes aspectos, Hawks foi, ao contrário de outros, um cineasta que valorizou o ritmo das narrativas em detrimento da subjectividade dos planos. Como verdadeiro desportista que fez do cinema o seu desporto favo[illegible]a quem só temos de agradecer por isso.

Maria João Martins

Falar de Cinema

Schwarzenegger em Marte

DESAFIO TOTAL (Total Recall) _ R: Paul Verhoeven (EUA, 1990); A: Ronald Shusett, Dan O'Bannon, Gary Goldman, John Povil, segundo Philip K. Dick; F (cor): Jost Vacaro; M: Jerry Goldsmith; Ef, esp: Rob Bottin; Ef. Visuais: Dream Quest; Frank J. Urioste; Dir. art: Ron Cobb; P: Buzz Feitshans e Ronald Shusett/ Carolco/ Columbia Pictures; I: Arnold Schwarzenegger, Ronny Cox, Michael Ironside, Rachel Tocotin, Debbie Carrington, Michael Champton, Paul Boringer, Sharon Stone, etc. D: 90 m; Est: Alfas, Amoreiras, Berna, Condes, Fonte Nova, Império, Las Vegas, Mundial, Plaza, Star, Terminal, (Lisboa) e ainda Porto, Amadora, Coimbra, Cascais, Braga, Setúbal, Aveiro, Oeiras, Vilamoura, Faro, Figueira da Foz, Póvoa do varzim, leiria e Costa da Caparica (27.7.190); Dist: Columbia, Tri Star e Warner; Cl: **(M/16 anos).

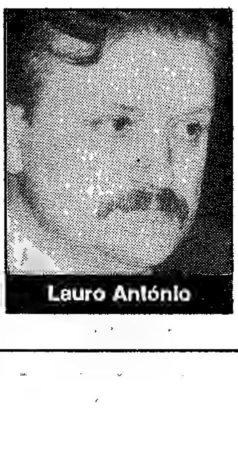
Com um dos maiores orçamentos da história do cinema norte-americano, na ordem dos 70 milhões de dólares, *Total Recall* foi concebido para ser um dos fenómenos de bilheteira do ano. Mas o projecto nasceu torto, sobretudo enquanto esteve nas mãos do produtor Dino De Laurentis, que tentou por duas vezes concretizá-lo, a primeira dando a direcção a David Cronenberg (seria Richard Dreyfuss o intérprete), a segunda atribuindo-a a Bruce Beresford (com Patrick Swayze no protagonista), mas falhando ambas as tentativas, com resultados catastróficos para a sua empresa. Depois seria Arnold Schwarzenegger a interessar-se pela história de Philip K. Dick (o mesmo de *Blade Runner*), a levá-la à Carolco e a indigitar o holandês Paul Verhoeven (o autor de *Robocop*) para ser o realizador. E aí está a «locomotiva», pronta a conduzir ao triunfo económico quem nela participou. Veja-se o caso português; quantas vezes se viram 28 salas em todo o País estrearem em simultâneo um título? Dez por cento das salas nacionais tiveram este *Desafio Total* em estreia nacional. É obra! Mesmo para um atleta da estirpe do Mr. Músculo australiano Schwarzenegger.

Imparável na acção, no ritmo, na vertigem da violência, *Desafio Total* tem aspectos interessantes que se prendem com temas como o «herói em busca da identidade perdida» ou mesmo com certas vertentes «hitchoqueanas» (que no dizer do realizador foi o que o seduziu no argumento). Há um pouco de *A Mulher que Viveu Duas Vezes*, *A Casa Encantada* ou de *Cortina Rasgada* na base de *Total Recall*. Mas depois se distancia, quando os responsáveis preferiram o «thiller» futurista, com algumas semelhanças com *Blade Runner* é certo (o «privado» investigando por conta própria numa civilização do futuro), mas sem o mesmo fascínio envolvente e com uma componente musculada que lhe retira qualquer subtileza ou vestígio de humor.

Dong Quaid é operário de construção civil e vive na Terra em 2075. Tem uma bela casa e uma apetecível esposa loura, mas sonha com Marte e com uma não menos interessante companheira morena. Um dia vê um anúncio da Recall Incorporated que comercializa «sonhos»: «Em lugar de perder tempo a viajar, venha até nós que lhe damos as suas férias de sonho». E Doug Quaid vai até à Recall que lhe oferece férias em Marte como «agente secreto». Mas o «sonho» torna-se realidade e Doug Quaid vê-se em Marte a lutar contra o tirano Cohaagen que escravatiza a população por causa de um minério raro que lhe permite disfrutar de uma existência «incomparável». Doug descobre também que não se pode confiar em esposas louras, que não passam de agentes ao serviço do inimigo, e que ele não é ele, mas a sombra, ou projecção, de um outro, esse sim «agente secreto» em jogo duplo.

Num bem elaborado cenário futurista, que reconstitui Marte tal como a Nasa o conhece hoje, *Total Recall* faz suceder umas às outras as sequências de acção e violência, acrescentando-lhe alguns mutantes por causa dos efeitos especiais de caracterização e outros efeitos que, no conjunto, não trazem nada de novo, muito embora pressuponham alguma espectacularidade extra.

Não sendo o grande filme de ficção científica que se proclama, *Desafio Total* irá fazer boa carreira junto do público e dos fans de Schwarzenegger (ele há gostos para tudo!), deixando mesmo adivinhar nas imagens finais uma possível continuação. A indústria norte-americana do espectáculo não dorme, nem anda aqui por ver andar os outros.



Lauro António

Crítica de teatro

O anfitrião, no Porto

Anfitrião ou Júpiter e Alcmena, de António José da Silva (O Judeu) *Encenação/Cenografia7Figurinos*: Moura Pinheiro. *Música*: João Loio. *Luz*: Eduardo Brandão. *Interpretação*: Luís Correia, Teresa Nunes, Isaura Melo, Jorge Vasques, João Cardoso e Fernando Saraiva. *Fantoches*: Ana Elvira e António Mário. *Produção*: Ana Martins. Grupo TEAR/ Os Comediantes. Estreia: TEARTO/6-07-1990 (15-07-90).

António José da Silva é autor com sorte no que se refere ao interesse pelas suas peças por parte de grupos cuja actividade viria a ser reconhecida como relevante. Sem querer esgotar a lista, recordarei o TEP, de António Pedro, com «Guerras de Alecrim e Mangerona" (1956); o TEC, de Carlos Avilez, com «Esopaida, ou A Vida de Esopo», primeiro espectáculo do grupo (1965); o Grupo da Faculdade de Letras de Lisboa, de Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo, grupo de que sairia o Teatro da Cornucópia, com este mesmo «Anfitrião» («DL»/26-03-70); o Grupo de Campolide, de Joaquim Benite, com «A Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança», adaptação de Virgílio Martinho («DL»/3-06-72). Isto para citar apenas alguns dos muitos Judeu's encenados em anos recentes (Comuna, TEAR, S. Carlos/Saltitões, Marionetas de São Lourenço, Marionetas de Lisboa, Teatro Nacional, Casa da Comédia, Centelha).

Foi também por uma peça de António José da Silva que uma estrutura em formação, de produção portuense, ainda em fase experimental, optou para o seu espectáculo inaugural. «Anfitrião ou Júpiter e Alcmena» é, de facto, a primeira de três produções anunciadas, da responsabilidade de dois grupos independentes, Os Comediantes e o TEAR, que propõe reunir-se com o objectivo de criar uma mais forte organização teatral para o Porto.

Podemos dizer que o primeiro espectáculo resultante dessa iniciativa demonstra que o projecto parece correcto e eficaz. A opção por um autor nacional e por uma leitura linear sem deixar de ser excepcionalmente produtiva, do texto escolhido provam que também o projecto vai na boa direcção, o que se espera venha a ser confirmado pelas próximas produções, já anunciadas.

«Anfitrião» não surge neste espectáculo tal como António José da Silva a escreveu mas não levemos a mal coisa tão comum, como de resto sempre o foi, reparemos antes onde nos levam os cortes havidos e as razões aduzidas para os impor. Moura Pinheiro, o encenador, explica a sua dramaturgia por razões de «economia de tempo» (porque hoje em Porugal um espectáculo não pode durar até o sol se pôr...», o que fala bem da necessidade de se ter em conta as disponibilidades de públicos, e as suas indisponibilidades. O desaparecimento das personagens femininas Juno e Íris empobrece o tecido dramático da peça mas permite uma incidência maior nos outros nódulos conflituais protagonizados por outras personagens.

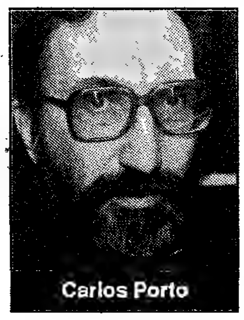
Como noutros trabalhos seus, o que é significativo duma coerência de projecto, Moura Pinheiro jogou livremente com as personagens e as situações, recorrendo a anacronismos claramente assumidos (por exemplo, as fardas da guerra colonial, a utilização de fantoches nas figuras da justiça, travesti, números musicais), isto sem deixar de conferir um grande rigor a esse jogo libertário. O facto de trabalhar habitualmente na parte plástica do espectáculo (Moura Pinheiro é cenógrafo e figurinista) facilitaram-lhe a descoberta de processos de grande simplicidade que não deixam de ser extremamente criativos na encenação do espectáculo, na relação entre esses vários elementos. Mais surpreendente é a qualidade da direcção de actores, o que permitiu o conseguimento duma homogeneidade excepcional do elenco. Embora seja verdade que a esse facto não foi alheio o aproveitamento de elementos dos dois grupos.

Moura Pinheiro optou decididamente por uma leitura musical da Ópera Cómica do Judeu e, nesse ponto, de todas as encenações desta peça que conheço esta é a que mais se aproxima dos cânones originais, mesmo que nem sempre os actores revelem suficientes possibilidades vocais. Mas mesmo aí, vê-se que houve um trabalho cuidado na exploração dos recursos dos intérpretes, o que é mais evidente no caso do actor Luís Correia (Júpiter), senhor de uma voz potente que lhe permite uma actuação, nesse campo, superior. Aliás, deve ter-se em conta no que se refere à qualidade do espectáculo a contribuição de um dos melhores compositores portuenses, João Loio.

Dos jogos burlescos criados pela encenação, com fortes conotações satíricas e caricaturais, o que vai mais longe é possivelmente o da interpretação de Cornucópia e Saramago, por Jorge Vasques e João Cardoso. É justo distinguir estes dois actores com trabalhos notáveis que confirmam, no caso de João Cardoso, capacidades interpretativas já assinaladas, e, no caso de Jorge Vasques, a revelação de aptidões que merecem ser devidamente consideradas em futuras distribuições. No entanto, se é justo distinguir estes dois intérpretes, seria injusto deixar de sublinhar a já assinalada homogeneidade do conjunto, para a qual contribuiram com trabalhos de muito acerto, marcados pela graça, pelo sentido lúdico que definem o espectáculo, mesmo que haja uma ou outra nota musical menos afinada, além de Luís Correia, composição da personagem e voz, Isaura Melo, em Alcmena, e ainda Teresa Nunes (Mercúrio) e Fernando Saraiva em Anfitrião, mesmo que estes dois a um nível menos interessante.

Talvez seja interessante traçar um quadro dos vários pares formados por estas pesonagens como forma de se avaliar o seu rendimento através do trabalho dos actores (entre parêntesis os sinais do maior ou menos conseguimento das personagens e das situações): João Cardoso (+)/Fernando Saraiva (-), Teresa Nunes (-)/Luís Correia (+); João Cardoso (+)/ Jorge Vasques (+), Teresa Nunes (-)/Jorge Vasques (+), João Cordoso (+)/Fernando Saraiva (-).

Por este quadro, com tudo o que tem de aleatório, verifica-se que as situações mais interessantes são as interpretadas conjuntamente por Jorge Vasques e João Cardoso, mas nenhuma das situações é totalmente negativa o que sublinha a qualidade deste espectáculo



Carlos Porto

Francisco Paraíso

Solnado recebe condecoração brasileira. Raul Solnado foi distinguido com a Ordem do Rio Branco, atribuída pelos «serviços prestados ao intercâmbio cultural luso-brasileiro». A cerimónia de condecoração decorreu na sexta-feira, na Embaixada do Brasil em Lisboa, com a presença de grande número de personalidades do meio artístico e intelectual, como José Saramago, Júlio Pomar, Baptista Bastos, Curado Ribeiro, Jacinto Ramos, Lídia Franco, António Alçada Baptista e Diniz Machado, entre muitos outros. Do Brasil vieram os escritores Zélia Gattai e Jorge Amado, na foto ao lado de Solnado e do embaixador brasileiro, Alberto da Costa e Silva.

Dança indiana amanhã e depois no Villaret

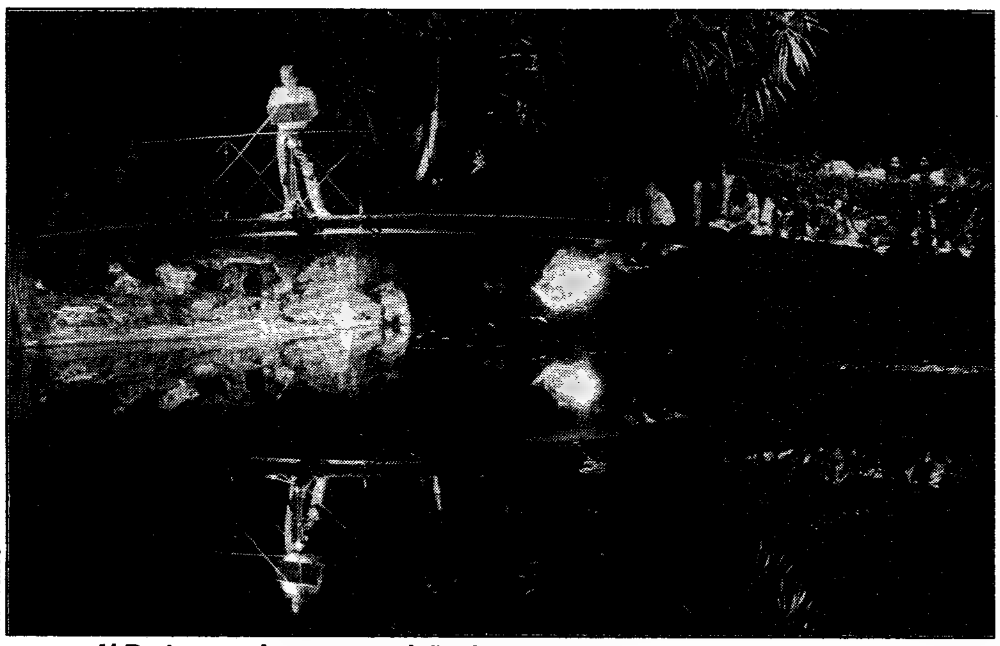
A companhia indiana de dança Kalakehetra exibe-se amanhã e depois, pelas 21 e 30, no Teatro Villaret, depois de uma curta «tournée» no Porto, que hoje termina. O espectáculo é totalmente preenchido com uma dança-drama extraído do «Ramayana», um clássico da literatura épica indiana do século XV.

Artesanato de lã em exposição em Caminha

«A lã e o linho» é o tema da exposição que no dia 17 se inaugura em Caminha, por iniciativa da Etnia. Colaboram na exposição a cooperativa Combate ao Frio e o grupo Capuchinhas de Montemuro.

Refira-se que actualmente os trabalhos em lã das mulheres de Montemuro são apresentados em diversas exposições de artesanato, inclusivé no estrangeiro. Entre as peças de lã de Montemuro mais conhecidas, destaque para o burel e as capuchas.

«Nocturnos» no Jardim Botânico: Morna foi a noite



Rui Vasco

Al Berto: poesia com a «paixão de quem atravessa a noite do mundo»

Tudo se conjugava para que o primeiro dos recitais no Jardim Botânico, na noite de sexta-feira, fosse uma noite quente, uma noite que entusiasmasse todos os participantes, todos os ingredientes se encontravam lá: um conjunto de excelentes músicos, poetas e actores; uma temperatura mais do que amena, sem que corresse a mais pequena brisa; um cenário natural maravilhoso; um aparato cénico e sonoro quase perfeitos. Faltou ritmo e variedade ao espectáculo.

A «Noite Maravilhosa» de que fala o «Hino Órfico», na versão de Herberto Helder, aconteceu apenas quando Al Berto leu os seus poemas, escritos propositadamente para o espectáculo, sob um jorro de luz branca, a meio da pequena ponte que atravessa o lago, à volta do qual se desenrolou o recital. E diga-se desde já (porque é verdade) que ninguém, em Portugal, escreve sobre a noite como este poeta.

É certo que a programação e a encenação, como referiu Miguel Abreu, da organização, teve de ser alterada em virtude do excesso de público (estiveram presentes cerca de 500 pessoas - e muitas não conseguiram entrar-, quando o espaço estava calculado para uma lotação de 200), é certo que a actuação de João Peste, muito esperada, falhou, mas esperava-se mais, e melhor...

Faltou mais música, faltou a dança que estava noticiada; os intervalos entre as várias actuações foram, por vezes, demasiado prolongados. Houve poesia demais, para um público jovem e ávido de movimento.

Mas, no deserto - que tem já alguns oásis - que é a cena cultural portuguesa mais marginal, iniciativas deste tipo só podem ser aplaudidas. E não se julgue que o público saiu defraudado.

A integração do público e dos *perfomers* à volta de um cenário natural de rara beleza e subaproveitado, como é o pequeno lago do Jardim Botânico é, só por si, um factor positivo. Dedicar um recital à noite foi, pelo menos, original, senão inédito.

Mas houve outros aspectos interessantes, tais como a música experimental apresentada por Vítor Rua, Rafael Toral e Nuno Rebelo, que produziram sons a partir de elementos naturais (pedras, folhas, madeira, ruídos provocados pelo lançamento de objectos ao lago), com fundo sonoro de fitas magnéticas gravadas; o solo de tropete de Sei Miguel, preparado propositadamente para o recital, atingiu alguns bons momentos; todos os poetas lidos eram de extraordinária qualidade, senão vejamos: Fernado Pessoa, António Maria Lisboa, Herberto Helder, António Ramos Rosa, Nuno Júdice, Antero de Quental e Luís Filipe Parrado, entre outros.

Os poemas foram ditos com competência, alguns com pequenas encenações, por Lúcia Cigalho, Paulo Acciaoli, Diogo Dória, João Cabral, Luís Castro, Ângela Pinto e Durval Lucena. Teresa Gonçalves cantou acompanhada por Rogério Pires e Rui Sá.

O melhor ficou reservado para o fim: com a poesia de Al Berto, lida pelo próprio com a «paixão de quem atravessa a noite do mundo», para utilizarmos um dos seus versos, «apaixonando» os presentes.

À hora a que terminou o recital, Miguel Abreu não sabia ainda se se poderia realizar a *perfomance* prevista para o dia seguinte, já que, devido ao excesso de público, o jardim sofrera alguns danos.

O espectáculo teve entrada livre, por imposição dos actores e músicos, como referiu Miguel Abreu. E nesta coisa das «borlas», já se sabe... Muitos acabaram ficando de fora da porta fechada a cadeado, por decisão da organização (o reporter fotográfico do «DL» por pouco não ficou impossibilitado de realizar o seu trabalho), impedindo também as saídas, uma vez que não se encontrava ninguém no local que pudesse abrir os portões. Espera-se que em ocasiões futuras a situação se resolva de melhor forma.

M.R.

Primeira eliminatória do "Aqui d'el Rock"

Quem tem sapatos toca guitarra

Um dos elementos do grupo More República Masónica dedicou a vitória obtida na primeira fase do concurso "Aqui d'el Rock" «à pessoa que me emprestou os sapatos». Já com alguns anos de existência e participações nalguns concursos, a banda de Lisboa teve como concorrentes nesta primeira fase os Hasta Pública (Lamego), IPM (Figueira da Foz), Part-Time (Moura), João Roque (Monte da Caparica) e os Bradamante (Almada).

Rui Vasco

More República Masónica, em Fevereiro deste ano, durante uma actuação no aniversário da editora Ama Romanta, no Rock Rendez-Vous

O 1ºConcurso de Música Moderna, promovido pela RTP e transmitido em directo da Costa da Caparica, aos domingos, prolongar-se-à durante nove semanas. Para a sua apresentação a RTP escolheu João Grande, vocalista dos ex-Táxi - uma das primeiras bandas do chamado "boom" do rock português. Muito nervosismo e inexperiência confessada *nestas andanças* pelo roqueiro-apresentador, deram-nos uma imagem imbecil do que deverá ser a dinâmica de um concurso deste tipo. Na próxima semana há mais.

M. J. B. M.

olhar de mocho

Intelectuais da agricultura

No prestigiante «Jornal de Sábado», modelo de informação isenta e musa inspiradora de qualquer serviço de notícias, sensivelmente um hora foi dedicada ao «Desafio Agrícola» que existe em Portugal. O tema tem a ver com cerca de 30 por cento da população traalhadora nacional, agora, pelas informações colhidas nesse jornal televisivo, deverão ser apenas, 23 a 25 por cento. Um quarto ou um terço de Portugal está metido nesse «desafio». O cenário foi clássico: dois representantes de trabalhadores agrícolas, engravatados, registe-se, uma ligeiríssima reportagem sobre campos lavrados e alfaias de lavoura, e o tradicional ministro da tutela, tudo numa espécie de mesa-redonda.

Palavra mais usada durante o tempo da emissão: «especificada da agricultura portuguesa». Primeira questão não esclarecida: que significa isso de «especificidade»? Se somos o País mais atrasado da CEE, o mais subdesenvolvido, o menos criador de riqueza, o mais golpista, enfim, o mais pobre, para quê recorrer a eufemismos? Talvez tivesse sido, televisivamente, mais correcto pôr o nome aos bois a dizer: Portugal, país pobre, tem logicamente uma agricultura pobre. E depois, lançar o verdadeiro tema do debate: será possível virmos, um dia, a ter uma agricultura produtiva, eficaz, geradora de riqueza e competitiva com a dos parceiros?

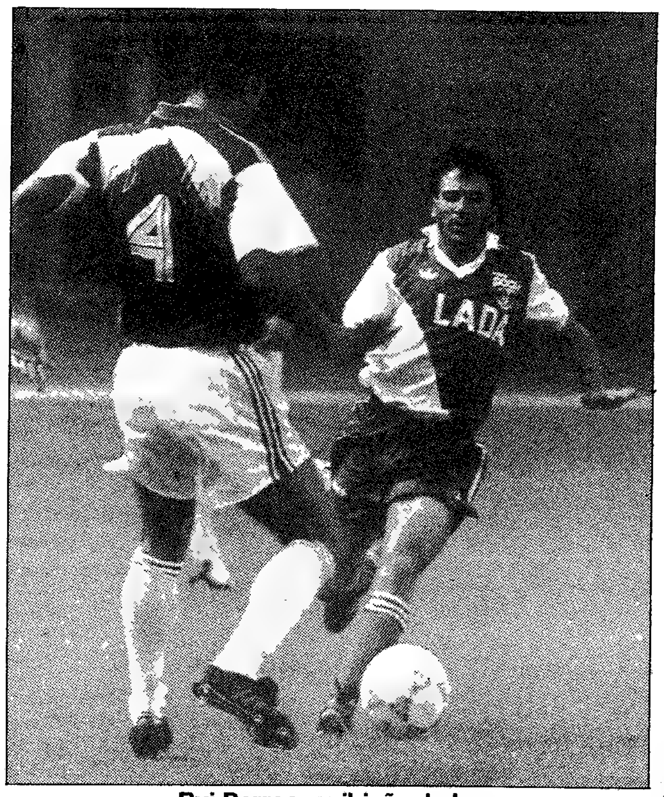
Quando a comboios, a estradas, a hospitais, a escolas, já sabemos pela TV que iremos ter tudo isso com alto grau de qualidade. Só não sabemos é quando. Mas isso não importa, os prazos para o cumprimento das promessas fazem parte da «especificidade» da alma portuguesa. O único prazo nacional, historicamente demonstrado e matematicamente garantido, é o da manhã de nevoeiro - um dia será.

Depois ouvimos falar durante o programa de quotas leiteiras, do arroz em casca, do arroz em película e do arroz com MCT, do escoamento dos vinhos, do gasóleo, da energia e das taxas de juro. Duvido que alguém tenha ficado esclarecido, no final do debate televisivo do «Jornal de Sábado», sobre qualquer dos problemas agrícolas que afectam um terço da população trabalhadora nacional. Mas houve discussão, muito paleio, vénias e cortesias também, estamos em época de touradas, e sobretudo o problema dos agricultores foi promovido à categoria de disputa de intelectuais.

É evidente que nada do que foi dito tem a ver minimamente com o que se passa no campo da agricultura no âmbito dos restantes países da CEE. Aí, essas questões são barbaramente desintelectualizadas e terrivelmente materializadas: o agricultor tem a garantia de que o seu produto tem um preço fixo e de que será escoado: os para o consumo dos países membros ou para os excedentes da mesmíssima CEE. E o problema resolve-se sem necessitar de recursos a discussões intelectuais. Se tomássemos a sério e com rigor o programa «Desafio Agrícola» que a TV nos mostrou, teríamos de concluir que a agricultura portuguesa deveria passar para a tutela da secretaria de Estado da Cultura - cultura, agricultura -, e passar a depender directamente do património e dos serviços de museu. Para as peras já existe a Espanha.

José Sousa Monteiro

DESPORTO



Rui Barros: exibição de luxo

Futebol lá fora

Rui Barros: um golo e boa exibição

Rui Barros apontou, sábado, o seu primeiro golo no Campeonato francês de futebol, e deu outro a marcar, contribuindo decisivamente para a vitória do Mónaco sobre o Montpellier, por 3-1, na terceira jornada.

Rui Barros, que trocou este ano a Juventus de Turim pela turma monegasca, estreou-se como goleador na Liga Francesa aos 19 minutos, e ofereceu o segundo tento do Mónaco ao argentino Ramon Dias, 19 minutos depois.

A formação de Rui Barros chegaria ao 3-0 ainda no primeiro tempo, aos 41 minutos, num poderoso remate de cerca de 30 metros do internacional francês Luc Sonor.

Resultados da terceira jornada: Marselha - Caen, 2-1; Mónaco - Montpellier, 3-1; Brest - Rennes, 0-0; Toulouse - Lyon, 3-1; Paris St. Germain - Toulon, 4-0; Bordéus -Lille, 1-1; Nantes - Metz 1-1; Cannes - Auxerre, 0-3; Sochaux - Nancy, 1-0 e St. Etiènne - Nice, 1-0.

Mónaco e Marselha continuam na liderança com seis pontos, seguindo-se (com quatro) o Paris Saint-Germain, Toulouse e Rennes.

SUÍÇA: Resultados da 3.ª jornada; Aarau - Servette, 1-1; Grasshoppers - Young Boys, 0-0; Lausanne - Wettingen, 4-0; Lugano - Lucerna, 1-2; Neuchatel - Zurique, 0-1; Sion - Saint Gall, 1-1.

Classificação Geral: 1.º Lausanne e Zurique, 5 pontos, 3.º Aarau, 4).

ÁUSTRIA: Resultado da 3.ª jornada: VSE St. Poelten - Wiener Sportclub, 0-2; Alfine Donawitz - Rapid de Vienna, 0-0; Vienna - Admira Wacker, 2-1; Áustria de Viena - Kremser SC, 6-0; Storm Graz - FC Tirol, 2-1; Vorwaerts - Áustria Salzburg, 1-0.

Classificação geral: 1.º Áustria de Viena, 6 pontos; 2.º Rapid de Vienna, 5; 3.º Storm Graz, 4.

A afirmação é de Jesus Gil, presidente do Atlético de Madrid acerca do contencioso entre o seu clube e o Boavista sobre a transferência de João Pinto

«Pela verdade sou capaz de matar»

O «caso» João Pinto terá de ser decidido pela FIFA e não há qualquer possibilidade de acordo entre o Boavista e o Atlético de Madrid, na opinião unânime de Valentim Loureiro e Jesus Gil.

O major Valentim Loureiro, presidente dos «axadrezados», afirmou que o Atlético de Madrid deve 155 milhões de pesetas (cerca de 235 mil contos) e não prescinde dessa verba, enquanto Jesus Gil nega essa dívida.

Porém, Jesus Gil, presidente dos «colchoneros», adiantou que o seu clube só tem contas a ajustar no final da temporada que está prestes a começar.

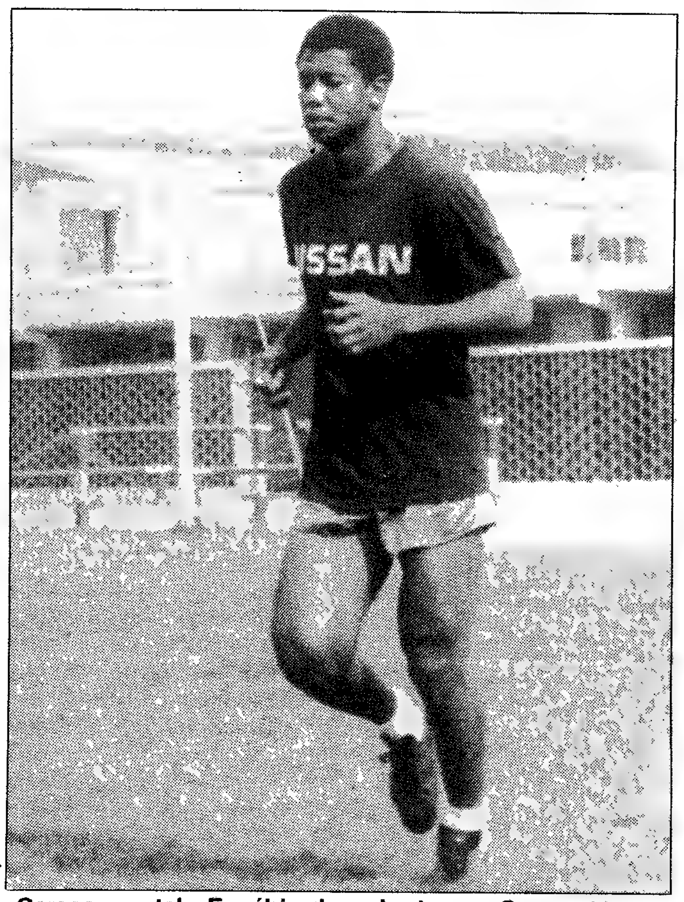
«Não pago e não é por uma questão de dinheiro, mas de razão e pela verdade sou capaz de matar», acrescentou o presidente do clube espanhol.

Estas declarações foram proferidas numa inesperada e improvisada conferência de Imprensa, após um almoço-convívio no Palácio de Cristal, promovido pela Câmara Municipal do Porto.

Uma conferência de Imprensa caracterizada por afirmações completamente discordantes, tendo, no entanto, como base a cordialidade e boa disposição.

Futebol por cá

Muitas são as equipas que continuam na «afinação da máquina» já que os campeonatos se aproximam e os treinadores têm imperiosa necessidade de procederem aos testes, visando a construção do «onze ideal». No Porto, decorreu o Torneio Internacional Cidade do Porto com a participação do Boavista, FC Porto, Atlético de Madrid e Standard de Liège, que os madrilenos venceram depois de afastar o Boavista e derrotar (através do sistema de grandes penalidades) o clube belga por 4-2. Na discussão dos 3.º e 4.º lugares estiveram os concorrentes portugueses cabendo a vitória ao Boavista, também na sequência do recurso às «penas capitais», por 4-3.



Careca: o «tal» Eusébio descoberto por Sousa Cintra, ainda não mostrou nenhum dos atributos

Entretanto, na Suécia o **Benfica** despediu-se com uma contundente vitória frente a uma formação mista do Tronninge BK com dez golos rubricados e nenhum sofrido. Lima (5), Vata (3), Pacheco e César Brito foram os autores dos remates certeiros.

OUTROS JOGOS: Maia, 1-Marialves, 1; Vila Real, 1-Chaves, 4; Estoril, 5-Amora, 1; Estrela da Amadora, 2-Selecção de Angola, 0; Águeda, 4-União de Lamas, 0; Lusitano de Évora, 0-Belenenses, 1; Guimarães, 0-Braga, 1.

A contar para o Torneio Internacional da Figueira da Foz (ganho pelo Lokomotiv) os resultados foram os seguintes: Lokomotiv de Sófia, 2-Salamalek do Cairo, 0; Académica, 0-Beira Mar, 4; Lokomotiv, 2-Beira Mar, 1; Salamalek, 1-Académica, 0. Na Madeira decorre Torneio Autonomia tendo (no sábado) o Marítimo vencido o Câmara de Lobos, por 5-0.

Na Póvoa de Varzim, Penafiel, Gil Vicente, Fafe e o clube local disputaram o Torneio de Verão que teve por vencedor o Gil Vicente. Resultados: Penafiel, 1-Varzim, 1 (3-0, em grandes penalidades), Gil Vicente, 1-Fafe, 0; Fafe, 5-Varzim, 4 e Gil Vicente, 3-Penafiel, 2. O Vitória de Setúbal com todas as suas vedetas (Diamantino incluído) deslocou-se a Famalicão onde empatou a dois golos. No Algarve, o Portimonense recebeu o Farense com o qual empatou (0-0).

Em Chaves, o Desportivo recebeu e venceu o Rio Ave por 1-0.

Em Santo Tirso também houve futebol com o clube local a receber o Feirense em encontro que terminou sem a marcação de qualquer golo.

Quanto ao **Sporting**, terminou a primeira fase da preparação vencendo o União de Leiria (golos de Luisinho e Douglas) num jogo disputado no Municipal de Leiria com muito público para ver os «craques» do União e observar as potencialidades de Careca e demais companheiros do plantel leonino liderado por Marinho Peres.

Sporting-Atlético de Madrid esta noite em Alvalade

Marinho Peres apresenta esta noite o «team» sportinguista aos seus associados, em encontro com o Atlético de Madrid (de Paulo Futre). O jogo terá o seu início pelas 21 horas sendo de prever que as bancadas do Estádio de Alvalade registem larga afluência para avaliar a capacidade de Careca e seus parceiros.

TOTOBOLA

Apostador de Lousada acertou no «treze»

Chama-se Abílio Victor e reside em Nogueira (Lousada) o concorrente que irá embolsar o 1.º prémio do totobola no valor de 6233 contos. O «doze» será repartido por 24 apostadores com direito a 260 mil escudos e o «onze» por 450 (13 918$00).

Quanto ao totoloto prevê-se que surja um concorrente com direito ao 1.º prémio, 5 a 6 para o 2.º (4000 contos), 330 para o 3.º (177 mil escudos), 16 a 22 000 para o 4.º (2600$00) e 480 000 para o 5.º (187$00).

A chave

Nantes - Metz	X
Bordéus - Lille	X
Marselha - Caen	1
Toulouse - Lyon	1
Cannes - Auxerre	2
Mónaco - Montpellier	1
Saint-Étienne - Nice	1
Paris St. Germain - Toulon	1
Aarau - Servette	X
Grassh. - Y. Boys	X
Lugano - Lucerna	2
Sion - St. Gallen	X
Neuchatel - Zurique	2

A nossa aposta Concurso n.º 32 12 de Agosto

Nantes - Mónaco	1
Caen - Sochaux	X
Metz - Bordéus	2
Lile - Toulouse	1
Lyon - Marselha	1
Nice - Cannes	X
Auxerre - Saint-Étienne	2
Toulon - Brest	1
Bayern - B. Leverkusen	1
E. Francfort - Karlsruher	1
Hamb. - Kaiserns.	1
Colónia - F. Dusseldorf	2
B. M'Gladbach - Bochun	X

TOTOLOTO

1 - 4 - 16 - 18 - 42 - 45 + (36)

APRENDA

Electricidade, electrónica, rádio, TV, durante 10 meses, aulas teórico-práticas de 3 horas diárias das 08.00 às 23.00. Mais de 600 contos de material didáctico por aluno.

Início do curso 1 de Outubro, assiste a uma semana de aulas, gratuitamente, quando desejar.

MÍNIMOS

4.ª classe ou 6.º ano de escolaridade (16 anos).

DIPLOMA
CARTEIRAS PROFISSIONAIS

De Técnico de Electrónica, Rádio, TV e de Electricista de Baixa Tensão. Válidas em todos os países com sindicatos.

PREÇO: 200+7 mil escudos em 10 prestações mensais de 20 mil.

ESCOLA LASER

Capacidade para 870 alunos.

Praça Bernardo Santareno, 3-B 1900 Lisboa — Tel. 805801 - 809557
Metro Areeiro, autocarros 15-27-35-40

(Alugamos salas-aula)
FÉRIAS EM AGOSTO

ESPECIAL FÉRIAS/90
no HOTEL DO PARQUE
VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE

☆☆☆☆

O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900$00	18 975$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950$00	22 925$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058)82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.

DESPORTO

Decidiram, está decidido

Cartão amarelo já não atemoriza

Os clubes participantes na segunda divisão de honra poderão inscrever um máximo de cinco jogadores estrangeiros para a próxima época e utilizar quatro simultaneamente em cada jogo.

A proposta da autoria da Associação de Futebol de Aveiro, foi aprovada no decorrer da assembleia geral extraordinária da Federação Portuguesa de Futebol.

Para além desta medida, a assembleia geral, aprovou também alterações ao Regulamento Disciplinar da FPF, com destaque para o capítulo dos cartões amarelos, e aos dos campeonatos nacionais de juniores e de futebol feminino.

Através de uma proposta da Associação de Futebol de Aveiro, aprovada por maioria, o cartão amarelo, apresentado a jogadores em encontros dos campeonatos nacionais, passa a servir apenas como advertência ou expulsão em caso de reicindências no mesmo jogo, sendo abolido o efeito de acumulação ao longo da época.

As penas de advertência e repreensão por escrito motivadas pela amostragem do cartão amarelo e que, mais tarde, provocavam a suspensão do jogador por um ou mais jogos, ficaram assim eliminadas na sequência do diploma agora aprovado.

No que respeita ao futebol nas camadas mais jovens, foram aprovadas várias alterações ao Campeonato Nacional de juniores «A» para a época de 1990/91, tendo em vista a edição de 1991 do Campeonadodo Mundo da categoria, que vai decorrer em Portugal.

Segundo aquele documento a primeira fase do Nacional de juniores, «A» vai contar com a participação de 56 clubes, distribuídos por quatro séries, com duas voltas cada.

A segunda fase vai decorrer em sistema de eliminatória, a uma mão, em campos neutros, e será disputada por 16 clubes na primeira jornada e por oito na segunda, integrados em duas zonas.

Os três primeiros classificados de cada série, os dois melhores quatro classificados da primeira fase e outros dois representantes dos Açores e da Madeira serão os clubes presentes na segunda fase do Nacional.

A terceira e última fase será também disputada em sistema eliminatória, a uma mão, em campos neutros designados pela FPF, pelos quatro clubes apurados da fase anterior.

Tendo como proponente a Associação de Futebol de Coimbra, foram ainda aprovadas algumas alterações ao Campeonato Nacional do futebol feminino, sendo de realçar o facto de passar a ser disputado por zonas, com o número máximo de 10 equipas em cada uma.

•

Um gesto que vai perder efeito

Pronto. Não se fala mais nisso. A amostragem da cartolina amarela vai deixar de preocupar dirigentes, treinadores e jogadores, porque os doutos membros da assembleia geral da FPF assim o deliberaram.

Trata-se, a meu ver, de uma resolução que contraria a campanha que, sistematicamente, tem vindo a ser desenvolvido quer pela FIFA (Federação Internacional de Futebol) quer pela UEFA (União Europeia de Futebol e ainda por outros organismos que coordenam o futebol, no sentido (louvável) de impedir a violência dentro dos recintos. Mas, isto é o que eu penso e de forma bem diferente julgam os dirigentes que, no passado sábado, cozinharam a decisão de que acima nos referimos me refiro.

Obviamente que é bem preferível esta determinação do que continuarmos a assistir à vergonhosa habilidade de que os clubes se serviam ao realizar jogos (ditos de «reserva») para procederem à limpeza dos castigos, mas, em todo o caso, ficamos longe de uma atitude moralizante.

E o sectorr da arbitragem terá sido ouvido pelos doutos conselheiros federativos? Sabemos que não como aliás é uso e costume na prática dos dirigentes do órgão supremo do nosso futebol.

Ficamos a aguardar o resultado de mais uma decisão aberrante que em nada virá a dignificar o futebol. Veremos.

Alves Henriques

Rali Vinho da Madeira

Lancia ocupou pódio

Fabrizio Tabaton, ao volante de um Lancia Integrale, foi o vencedor do Rali Vinho da Madeira, depois de ter liderado a prova deste a primeira classificativa: debatendo-se com problemas de turbo a partir do meio da segunda etapa, o piloto de Génova acabou por levar a bom porto as suas pretensões, reincidindo no êxito conseguido há quatro anos.

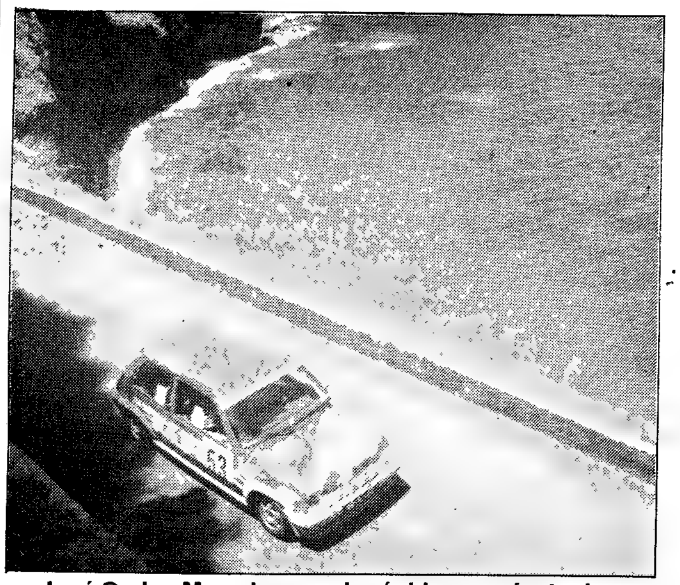
Entre os portugueses, Carlos Bica acabou por ser o primeiro, assinalando da melhor forma a estreia do seu Lancia Integrale 16 válvulas: para o campeão nacional, não se tratou de um resultado fácil uma vez que, na parte final, os problemas com a direcção do seu carro obrigaram-no a um tremendo esforço físico, altamente recompensado pelo seu quarto lugar que lhe abre as melhores perspectivas para a renovação do seu título.

Excelente foi a luta pela primazia do Agrupamento de Produção entre Fernando Peres e Rui Conceição, depois de Paulo Oliveira ter abandonado com problemas de alternador. Peres encetou um ataque decisivo ao longo da segunda etapa e na fase final confirmou a sua vantagem sobre o seu adversário local.

No Troféu Renault Galp, José Carlos Macedo voltou aos triunfos: depois dos seus êxitos no início da temporada, o piloto de Braga conhecera alguns contratempos que o tinham impedido de chegar às vitórias, mas agora foi mais feliz, acabando mesmo por beneficiar dos problemas de Bento Amaral que, ao perder vários minutos com a correia do alternador partida, não pôde manter o primeiro lugar que ocupava. De qualquer forma, o segundo posto de Amaral foi mais do que suficiente para que o piloto tenha decidido a seu favor esta primeira edição do Troféu Renault Galp de Ralis, independentemente dos resultados da derradeira prova a realizar no final do mês de Setembro.

Classificação final: 1.°, Tabaton/Imerito (Lancia Delta Integrale), 3h 49m 39s; 2.°, Droogmans/Joosten (Lancia Delta Integrale), a 1m 25s; 3.°, Arletti/Julli (Lancia Delta Integrale), a 9m 47s; 4.°, Bica/Prata (Lancia Delta Integrale), a 11m 12s; 5.°, Santos/Oliveira (Frod Cosworth), a 14m 55s; 6.°, Merksteyn/Beek (Opel Kadett Gsi), a 22m 05s; 7.°, Peres/Perez (Ford Sierra Cosworth), a 24m 35s; 8.°, Conceição/Gonçalves (Ford Sierra Cosworth), a 25m 33s; 9.°, Camacho/Camacho (Peugeot 205 GTi), a 29m 26s; 10.°, Macedo/Borges (Renault 5 GT Turbo), a 35m 04s.

Classificação do Troféu Renault Galp: 1.°, Bento Amaral, 173 pontos; 2.°, José Macedo, 121; 3.°, José Cunha, 110.



José Carlos Macedo: o mais rápido ao volante do Renault

MUNICÍPIO DE LISBOA
ANÚNCIO N.° 66/90

CONCURSO PÚBLICO PARA EMPREITADA DIV/M/N.° 14/90 — TRABALHOS DIVERSOS DE RECARGA DE PAVIMENTOS — 1990 — ZONA ORIENTAL

1 — Concurso promovido pela Câmara Municipal de Lisboa — Direcção Municipal de Infra-estruturas e Saneamento — Departamento de Infra-estruturas Viárias — Rua da Palma, 169 — 1100 Lisboa. Telefone — 86 81 59

2 — Concurso público nos termos do Art.° 49.° do Decreto-Lei n.° 235/86, de 18 de Agosto.

3 — a) — Local da execução — Cidade de Lisboa.

b) — Empreitada DIV/M/N.° 14/90 — Trabalhos diversos de recarga de pavimentos — 1990 — Zona Oriental.

c) — O preço base do concurso é de 100 000 000$00, com exclusão do IVA.

4 — O prazo da execução da obra é de 365 dias.

5 — a) — O processo de concurso e documentos complementares podem ser adquiridos ou examinados, todos os dias úteis, na Direcção Municipal de Administração-Geral e Gestão de Recursos Humanos — Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal, Av.ª 24 de Julho, 171-D, dentro das horas de expediente. Também estão patentes as peças do referido processo do concurso, a fim de poderem ser examinados, na Direcção Municipal de Infra-estruturas e Saneamento — Departamento do Infra-estruturas Viárias, aita na Rua da Palma, 169, dentro das horas de expediente.

b) — O pedido do processo pode ser feito até 8 dias da data do acto público do concurso.

c) — O montante a pagar pelo fornecimento do processo de concurso é de 2890$00 (não inclui IVA).

6 — a) — As propostas deverão ser apresentadas até às 17 horas e 30 minutos do 30.°, dia contado a partir do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário da República».

b) — A sua entrega far-se-á na Repartição de Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção Municipal de Administração-Geral e Gestão de Recursos Humanos, Av.ª 24 de Julho, 171-D, 1300 Lisboa.

c) — As propostas deverão ser redigidas em português.

7 — a) — Poderão intervir no acto público do concurso representantes dos concorrentes devidamente mandatados para o efeito.

b) — O acto público do concurso terá lugar na morada indicada no n.° 6 alínea b), a partir das 14 horas do dia útil seguinte ao da entrega das propostas.

8 — A caução é de 5% do preço total de adjudicação e terá de ser prestada pelo concorrente preferido no prazo de 8 dias a contar da data de notificação da adjudicação.
A caução será prestada por depósito em dinheiro ou títulos emitidos ou garantidos pelo Estado, ou mediante garantia bancária ou seguro caução, conforme escolha do adjudicatáario.

9 — O tipo de empreitada é por série de preços sendo a modalidade do pagamento a estipulada no Art.° 21 do Decreto-Lei n.° 235/86, de 18 de Agosto.

10 — Podem concorrer empresas ou grupos de empresas que declarem a intenção de se constituírem juridicamente numa única entidade ou em consórcio externo, em regime de responsabilidade solidária, tendo em vista e celebração do contrato.

11 — Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como Empreiteiros de Obras Públicas com as autorizações da(s) 2.ª categoria ou 12.ª, e 13.ª subcategoria(s) da 2.ª categoria e de classe correspondente ao(s) valor(es) da(s) proposta(s), ou ainda concorrentes que apresentarem alvará equiparado, de acordo com o anexo V do Decreto-Lei 100/88, de 23 de Março.

12 — O prazo de validade das propostas é de noventa dias, contados e partir da data do acto público do concurso.

13 — A adjudicação será feita à proposta mais vantajosa, atendendo-se aos seguintes critérios, por ordem decrescente da sua importância:

1 — Garantia de boa execução e qualidade técnica.

2 — Menor média dos quocientes entre os subtotais (quantidade vezes preço unitário) do concorrente e os da CML, conjugada com o menor desvido médio dos mesmos quocientes.

3 — Preço da proposta.

Paços do Concelho de Lisboa, 1990/07/09

O Vereador
A. Anselmo Aníbal

AGENDA

I Série N.º 180
Dia 6 de Agosto

DIÁRIO DA REPÚBLICA

SUMÁRIO

Ministério da Defesa Nacional

Portaria n.º 625/90:
Autoriza os militares a usarem a Medalha de Dador de Sangue quando uniformizados.

Ministérios das Finanças, da Agricultura, Pescas e Alimentação e do Comércio e Turismo

Portaria n.º 626/90:
Fixa os preços por quilograma para o tomate, cereja, ameixa, uva de mesa, damasco, pêssego e limão para a campanha de comercialização de 1990-1991.

Ministério dos Negócios Estrangeiros

Avisos:
Torna público terem os Governos dos Emirados Árabes Unidos, Cuba, Brunei Darussalam e República da Guiné-Bissau aderido, em 8 de Fevereiro, 20 de Abril, 4 de Maio e 16 de Maio do corrente ano, respectivamente, à Convenção sobre o Comércio Internacional das Espécies de Fauna e Flora Selvagens Ameaçadas de Extinção.
Torna público ter a Islândia ratificado a 19 de Junho de 1990 a Convenção Europeia para a Prevenção da Tortura e das Penas ou Tratamentos Desumanos ou Degradantes.
Torna público terem sido adoptadas taxas de câmbio na cobrança de emolumentos consulares a efectuar desde 31 de Julho de 1990.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação

Decreto-Lei n.º 254/90:
Cria, no Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação, o Gabinete para os Assuntos Agrícolas Comunitários.

Ministério do Emprego e da Segurança Social

Despacho Normativo n.º 60/90:
Aprova o Regulamento dos Estágios dos Organismos e Serviços do Sector da Segurança Social para ingresso nas carreiras de pessoal técnico superior e de pessoal técnico.

Região Autónoma dos Açores

Governo Regional

Decreto Regulamentar Regional n.º 25/90/A:
Dá nova redacção ao artigo 4.º do Decreto Regulamentar Regional n.º 11/80/A, de 13 de Março.

N.º 179
Dia 4 de Agosto

SUMÁRIO

Assembleia da República

Lei n.º 21/90:
Alteração dos valores de incidência das taxas da sisa nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira.

Lei n.º 22/90:
Autoriza ao Governo para legislar novo regime das operações de tesouraria.

Lei n.º 23/90:
Extinção de contas de tesouraria.

Lei n.º 24/90:
Alteração da Lei n.º 38/87, de 23 de Dezembro - Lei Orgânica dos Tribunais Judiciais.

Resolução n.º 19/90:
Inquérito parlamentar à Radiotelevisão Portuguesa, E.P.

Ministério das Finanças e das Obras Públicas, Transportes e Comunicações

Portaria n.º 621/90:
Fixa taxas pela emissão, revalidação ou validação de licenças, qualificações ou autorizações para os candidatos ou titulares de uma licença de pilotagem de aeronaves ultraleves de desporto e recreio.

Ministério do Planeamento e da Administração do Território

Decreto-Lei n.º 251/90:
Aprova o regime da extinção da EPPI - Empresa Pública de Parques Industriais, E.P.

O ESTADO DO TEMPO

HOJE

CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro
Céu pouco nublado ou limpo apresentando-se muito nublado durante a madrugada e manhã no litoral. Vento fraco soprando moderado de Noroeste na faixa costeira. Neblina ou nevoeiro matinal nas regiões do litoral. Condições favoráveis à ocorrência de trovoadas durante a tarde nas regiões do interior. Pequena descida de temperatura.

Regiões do Sul
Céu limpo apresentando períodos de muito nublado durante a tarde nas regiões do interior, onde há condições para a ocorrência de trovoadas. Vento fraco soprando em regime de nortada durante a tarde no litoral Oeste. Pequena descida de temperatura

Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e, na Costa Sul, mar de pequena vaga com ondulação sueste de 1 metro no Barlavento e de 2 metros no Sotavento.

Amanhã
Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste. Neblina ou nevoeiro matinal na faixa costeira ocidental. Condições favoráveis à ocorrência de trovoadas durante a tarde nas regiões do interior.

Depois de amanhã
Céu pouco nublado apresentando períodos de muito nublado durante a tarde. Vento fraco. Neblina ou nevoeiro matinal. Possibilidade de trovoadas durante a tarde, em especial nas regiões do interior.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Nordeste.

Mar de pequena vaga ou cavado com ondulação nordeste de 2 a 3 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação del metro na Costa Sul.

No Funchal
Períodos de céu muito nublado. Vento fraco.

AÇORES

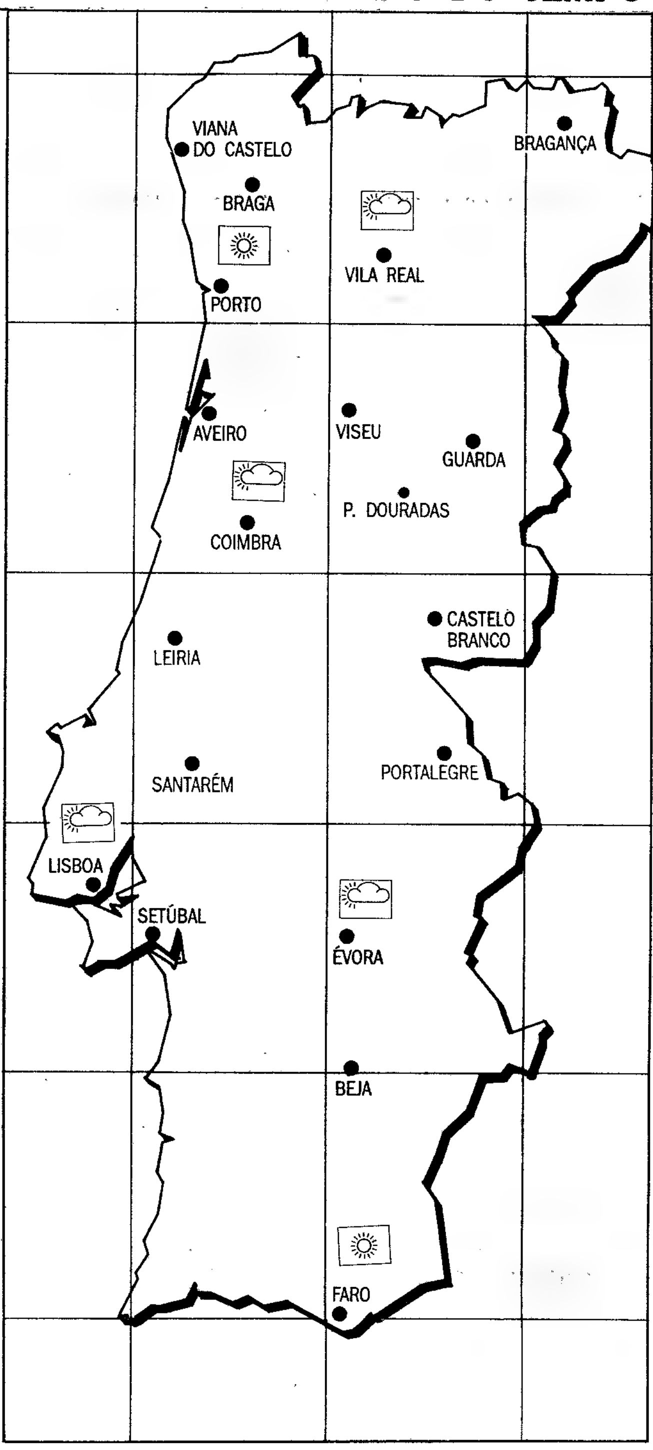
Grupos Ocidental e Central
Céu geralmente muito nublado. Vento moderado de Sueste, soprando por vazes forte. Aguaceiros e possibilidade de trovoadas.Períodos de céu muito nublado. Vento nordeste moderado.

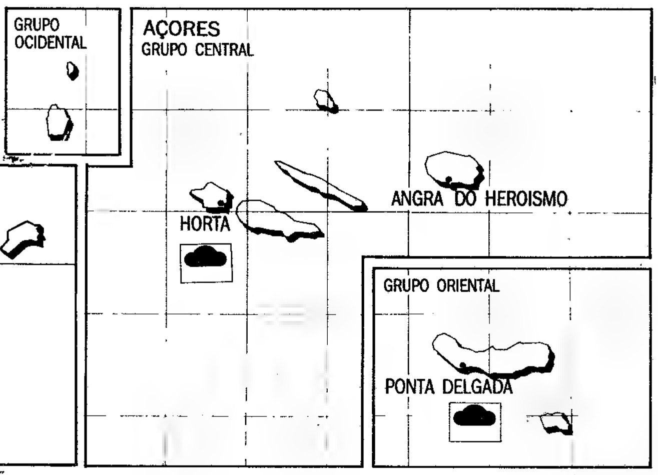
Mar cavado com ondulação norte de 2 metros.

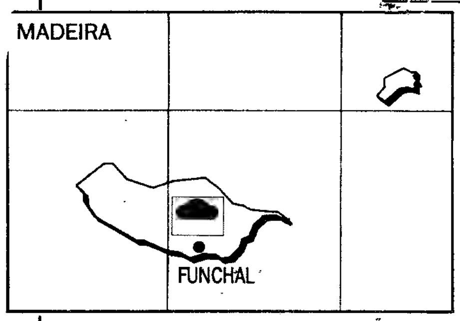
Grupo Oriental
Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de Sueste. Aguaceiros.

Mar de pequena vaga com ondulação sueste de 2 a 3 metros.

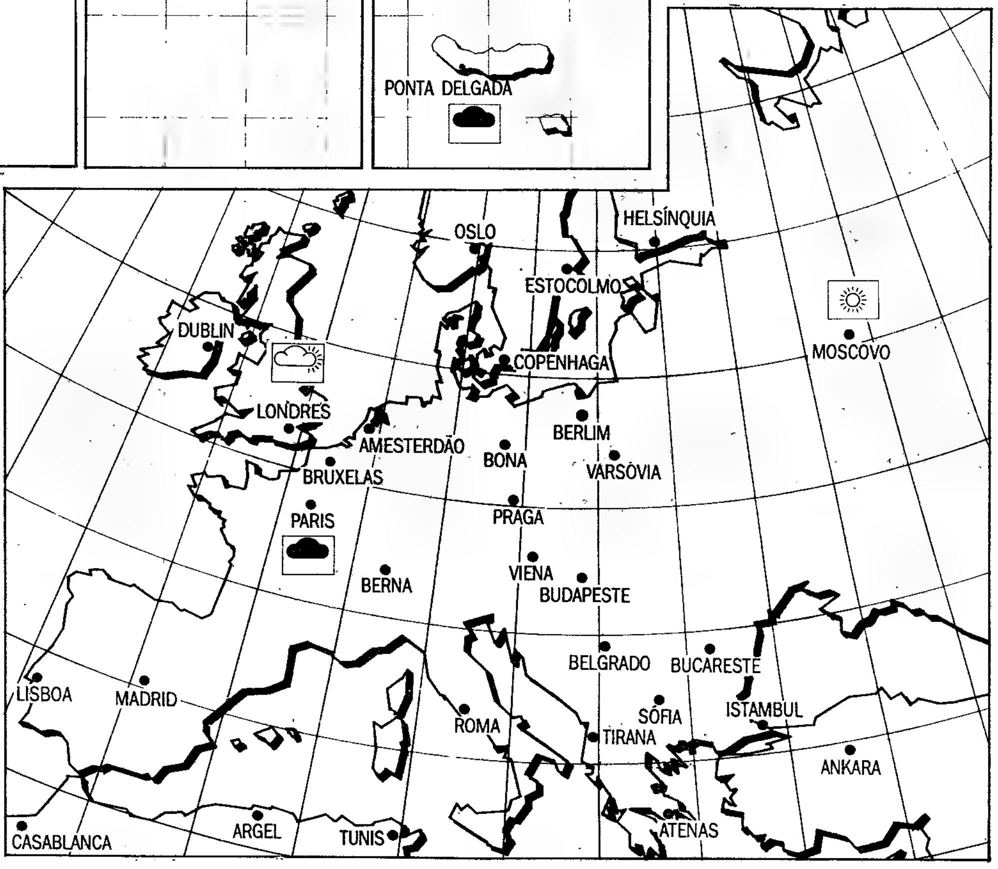
* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica







- Céu limpo
- Céu pouco nublado
- Céu muito nublado
- Chuva
- Trovoada
- Neve
- Vento
- Mar calmo
- Mar encrespado



PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança	19	19	P. nub.
V. Castelo	16	17	Nevoeiro
Vila Real	19	20	Bruma
Porto	16	17	Nevoeiro
P. Douradas	-	-	-
Coimbra	17	17	Neblina
C. Carvoeiro	18	19	Encoberto
C. Branco	23	23	Bruma
Portalegre	24	27	P. nub.
Lisboa	19	20	Neblina
Évora	21	21	Bruma
Beja	19	19	P. nub.
Sines	-	-	-
Faro	21	24	Limpo
Sagres	19	19	Encoberto
P. Delgada	20	20	M. nub.
Horta	19	21	M. nub.
Funchal	22	25	M. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 34; Porto, 25; Faro, 30; P. Delgada, 25; Funchal, 27.

EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid	-	-	-
Londres	12	14	P. nub.
Paris	17	17	M. nub.
Bruxelas	13	15	P. nub.
Amesterdão	11	17	M. nub.
Genebra	20	23	Bruma
Roma	21	22	Neblina
Oslo	12	12	M. nub.
Copenhaga	13	15	P. nub.
Estocolmo	13	25	M. nub.
Berlim	15	16	M. nub.
Viena	16	19	P. nub.
Varsóvia	16	18	M. nub.
Atenas	23	26	P. nub.
Moscovo	13	21	Limpo

MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires	7	15	Limpo
Caracas	19	27	Nublado
Hong Kong	26	30	Nublado
Joanesburgo	2	19	Limpo
Los Angeles	19	27	Nublado
Montreal	-	-	-
Nova Deli	23	31	Nublado
Nova Iorque	18	32	Limpo
Rio de Janeiro	13	24	Nublado
São Francisco	14	21	Nublado
São Paulo	9	20	Limpo
Tóquio	25	32	Limpo

MARÉS

Hoje

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.02	3,3m	09.26	0,8m
16.13	3,6m	21.53	0,6m

Amanhã

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
04.36	3,4m	10.03	0,6m
16.48	3,7m	22.27	0,5m

AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alcântara: Nogueira, Rua Alcântara, 5 A-B, Tel. 3637563; **Alvalade - Av. Brasil:** Marbel, Av. Roma, 131-A, Tel. 776235; **Almirante Gago Coutinho:** Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **Anjos - Chile:** Castro, Av. Almirante Reis, 76-A, Tel. 821973; **Benfica - Bairro das Pedralvas:** Gouveia, Rua Augusto Costa (Costinha), Lt. 4 - Lj. Dt.ª, Tel. 707500; **Caminhos Ferro:** Vilalobos Santos, Rua Cruz Santa Apolónia, 90-92, Tel. 8147019; **Castelo:** Bastos Andrade, Calçada Santos André, 107, Tel. 860450; **Chelas - Zona N.º2:** Almeida Vaz, Rua Pardal Monteiro, Lote 248-Loja 92, Tel. 8595673; **Conde Barão:** Açoreana, Largo Cnde Barão, 2, Tel. 661330; **Lapa:** Neves, Rua Bela Vista à Lapa, 37, Tel. 661251; **Lumiar:** Alameda, Alameda das Linhas d Torres, 201-B, Tel. 7590942; **Rego:** G. Silva, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 A-C, Tel. 771873; **Saldanha:** Cardeira, Av. Duque d'Ávila, 32-C, Tel. 543495; **Carnide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavide:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas:** Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Bairro Alto: Pinharanda, Rua da Rosa, 94-96, Tel. 321534; **Boa Hora - Ajuda:** Boa Hora, Rua Quartéis, 25-27, Tel. 3637777; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Chile:** Bastos, Rua Morais Soares, 91-D, Tel. 8144350; **Conde Redondo:** Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 542239; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Fr. Popular - Av. República:** Alcântara, Av. da República, 74-A, Tel. 771379; **Picheleira:** Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Praça de Londres:** Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 886860; **São Domingos Benfica:** Sousa, Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; **São Sebastião - Frente à Igreja:** São Sebastião, Largo São Sebastião da Pedreira, 1-3, Tel. 548642; **Brandoa-Amadora:** Correia, Urb. Albornel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Buraca - Amadora: Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E-36 B, Tel. 970660;** Olival Basto: Nova, Rua Açores, 11-A, 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés: Miramar, R. Ernesto Silva, 83, Tel. 2112048. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimarães, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.º Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Carcavelos:** Central, R. 5 de Outubro, 25, Tel. 2470037. Permanente; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Trindade Brás, R. Costa Pinto, 182, Tel. 2432034. Permanente; **Nova Oeiras:** Leal, Quinta da Palmeira, Lote 24, Tel. 2478737. Permanente; **Parede:** Do Junqueiro, R. Luanda, Lote 6, n.º 6-B, Tel. 2464825. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora: Dias & Brito, Av. Marques Pombal, 45-A, (Tel. 4940118). Permanente; Carmele, R. Elias Garcia, Lote 28 (Tel. 4933303), Até às 22 horas; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A (Tel. 970461) Permanente; **Queluz:** Pinto Leal, R.Ferreira de Castro, 61 - Massamá, Tel. 4378402. Permanente; Albergaria, L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Araújo e Sá, Est. Paço Arcos, Lote 1-B, Tel. 9240781. Permanente; **Mem Martins:** Miranda Garcia, Est. Mem Martins, 173, Tel. 9214103. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Marrazes, L. Afonso Albuquerque, 24 (Tel. 9230058), Permenent; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA BANDA

Almada: Pragal, R. Dt.ª Pragar, 58, Tel. 2767126. Permanente; **Cova da Piedade:** Morgado, R. Cabo Boa Esperança, 25-A. Tel. 2767356. Permanente. **Monte de Caparica:** Nova, R. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Chai, Av. Gen. Humberto Delgado. Tel. 2903218. Até às 19 horas; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, n.º 3, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. J. Fernandes, 17-C. Tel. 204312. Até às 19 horas; **Barreiro:** Higiénica, R. D. Manuel I, 178, Tel. 2073023. Permanente.

CLÍNICA S. JOÃO DE DEUS

MÉDICO DE URGÊNCIA

795 06 80/9

HÁ 20 ANOS

Universidade: renovação permanente

Uma atitude de renovação permanente, de constante disponibilidade para a mudança e receptividade à experimentação - foi apontada como a própria essência da Reforma da Universidade pelo prof. engº. Frausto da Silva, presidente do Grupo de Estudos e Planeamento da Acção Educativa do Ministério da Educação Nacional.

A população de Hyannis Port defende os Kennedy

Toda a populuação de Hyannis Port, pacata localidade do Estado de Massachusetts à beira mar, cerrou fileiras para defender a família Kennedy, uma vez mais atingida por um desgosto, quando dois dos seus herdeiros foram presos por utilizarem marijuana...

A Ponte fez anos

Sem qualquer sinal de festa no seu enorme corpo cor de tijolo, suspenso sobre o Tejo, a Ponte entrou no seu quinto ano de vida, mas nem por ser dia de aniversário o radar esteve menos atento ao excessos de velocidade. Apreensão da carta é o castigo máximo...

EFEMÉRIDES

1919

• Em Portugal, António José de Almeidaé eleito presidente da República.

1940

• Com a invasão da Somalilandia britânica, pelas forças italianas, tem início a batalha do norte de África, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1945

• O bombardeito norte-americano «Enola Gay» lança uma bomba atómica sobre Hiroshima, no Japão, no final da Segunda Guerra Mundial.

1966

• Na capital portuguesa, é inaugurada a ponte sobre o rio Tejo, ligando Lisboa a Almada, na margem sul.

1973

• Bombardeiros norte-americanos atacam, por engano, a cidade combodjana de Neak Long, matando e ferindo centenas de pessoas.

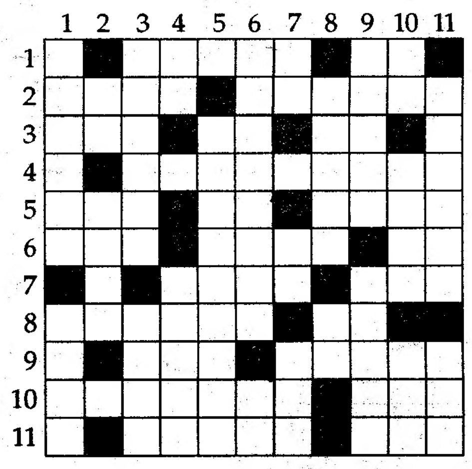
1978

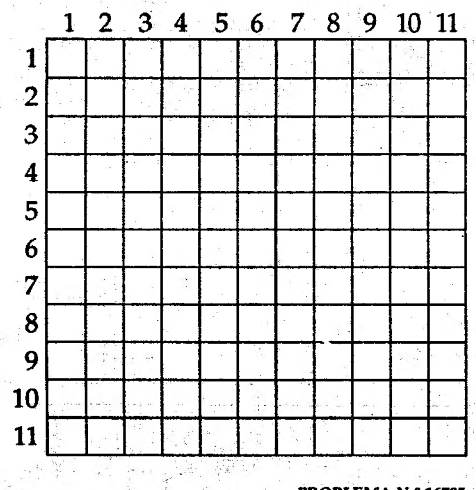
• Morre o papa Paulo VI, vítima de ataque cardíaco.

1984

• O dissidente soviético Andrei Sakharov põe fim à sua greve de fome, mas continua sob hospitalização forçada, enquanto a sua mulher é acusada de calúnias anti-soviéticas.

PALAVRAS CRUZADAS





PROBLEMA N.º 17975

HORIZONTAIS:

1 - Artigo definido. Natureza animal. Preposição.
2 - Expiar. Queimara.
3 - Mágoa. Ouro (s.q.) Neon (s.q. e inv.).
4 - Que sobeja (pl.).
5 - Ninho. Nota musical. Tema.
6 - Colina na Suécia. Irritante. Apelido.
7 - Planta do pé (inv.). Cidade da Ucrânia.
8 - Doidos. Oferece.
9 - Nome de homem. Pescaria.
10 - Cercara. Macaco pequeno do Brasil.
11 - Cidade da Suíça. Ecoo (inv.).

VERTICAIS:

1 - Freguesia da margem direita do rio Mapuçá, concelho de Bardez, distrito de Goa. Animal carnívoro da família dos cânidas.
2 - Alternativa (inv.). Personagem do «Otelo» de Shakespeare.
3 - Núvens. Freguesia do concelho e distrito de Portalegre.
4 - Clima. Obedeça.
5 - Torna saloio.
6 - Relativo à navegação (pl). Batráquio.
7 - Érbio (s.q.). Reis. Cidade de França.
8 - Defesa de elefante. Preposição.
9 - Bolbilho do alho. O mesmo que vasconço.
10 - Espera Resposta. Catafalco. Calote.
11 - Limpar. Suspiros.

PROBLEMA N.º 16785

HORIZONTAIS:

1 - Príncipe troiano, herói da Eneida, de Virgílio. Pedra para calcetar.
2 - Indolente. Antes de Cristo.
3 - Desviai. Rezara.
4 - Rio da Polónia. Zomba.
5 - Abreviadas.
6 - Chefe etíope.
7 - Interjeição que denota dúvida, impaciência, reticência. Três em romano. Igual.
8 - Pasto comunal. Que tem calos.
9 - Estado do NE da Venezuela. Sufixo que designa abundância.
10 - Empregar. Freguesia do concelho de Arouca.
11 - Penúria (pop.). Aves pernaltas.

VERTICAIS:

1 - Cidade dos Países Baixos. Dedo grande do pé.
2 - Embarcação grande. Um dos doze apóstolos, aquele que entregou Jesus em troca do dinheiro e enforcou-se levado pelo remorso.
3 - Cidade da Palestina, ao sul do Tabor. Fortificas.
4 - Tempo (pl.). Ilha do Pequeno Belt.
5 - Primeiro signo do zodíaco.
6 - Nota musical. Agricultor.
7 - Preposição e artigo. Romance de Eça de Queirós.
8 - Malograis. Físico alemão que descobriu a decifração dos raios X pelos cristais. Prémio Nobel, 1914.
9 - Rio de Itália. Antiga unidade monetária da Alemanha.
10 - Criminoso que foi apresentado aos judeus por Pôncio Pilatos para que escolhessem, entre ele e Jesus, o que deveria ser libertado por ocasião da Páscoa. Batráquio.
11 - Escavais. Apelido.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 17 974

HORIZONTAIS: 1 - CADA. CABEÇA. 2 - Abeís. Mirar. 3 - Dor. Elabora. 4 - Ara. Ne. Pr. 5 - At. AAA. 6 - Carretas. 7 - Or. Enataram. 8 - Me. Acordam. 9 - Imola. Aí. UU. 10 - Dor. Ocaras. 11 - Asara. Asira.
VERTICAIS: 1 - CADA. Comida. 2 - Abordaremos. 3 - Dera. Ora. 4 - Aí. Areal. 5 - SENTENÇA. 6 - Lê. Tão. 7 - Ama. Matraca. 8 - Bibi. sadias. 9 - Ero. Ra. Ri. 10 - Carpa. Amuar. 11 - Arara. Usa.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 16 784

HORIZONTAIS: 1 - Gaivão. Lama. 2 - Acrópole. Am. 3 - Lua. Erada. 4 - Haia. Anis. 5 - Ar. Candango. 6 - Cu. Ao. Oaú. 7 - Dá. Sor. Asir. 8 - Os. Matiz. Aa. 9 - Asoto. 10 - Sob. Si. Vapa. 11 - Au. Uses. Lis.
VERTICAIS: 1 - Galhardo. Sa. 2 - Acuar. Assou. 3 - Irai. 4 - V. Acusma. 5 - Apa. Oásis. 6 - Oó. Anortose. 7 - Lenda. It. 8 - Léria. Azov. 9 - Asnos. Al. 10 - Mad. Gaia. Pi. 11 - Ama. Ouraras.

PROVÉRBIO: CADA CABEÇA, CADA SENTENÇA

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2
NA CORDA BAMBA
Filme de John Bradham
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3
TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M. Young
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4
OLHA QUEM FALA
Filme de Amy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5
NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE
Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
JOE CONTRA O VULCÃO
Filme de John Patrick
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1
Shoping Center de Lisboa - T. 691275
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3
O TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M. Young
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4
JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5
HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7
FOGO MALDITO II
Filme de Tony Randel
M/18 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8
CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9
ATA-ME
Filme de Pedro Almodovar
M/16 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10
ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70
Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA
Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO
Parque Mayer
SEXUALMENTE FRENÉTICAS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES
R. do Loreto, 15 - T. 324194
007-RISCOS IMEDIATOS
Filme de Albert R. Broccoli
M/18 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222
Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
DURO DE ROER
Filme de Steven Seagal
M/16 anos - Às 14.00, 16.30
19.00 e 21.30
CAÇADA DE DUROS
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA
ESTÚDIO ANUSHA
T. 9434762
ARMADILHA SENTIMENTAL
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA
A TURMA DOS REPETENTES
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO
R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
CONSULTÓRIO SEXUAL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA PORTUGUESA
R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
(Encerrada para férias até dia 3 de Setembro)

CITY CINE
R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES
Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DESAFIO TOTAL
Filme de Richard Marguana
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO
Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS
Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1
Est. de Benfica 503 - T. 7145088
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.30, 16.45
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS
Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1
JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2
TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.15 e 21.45

IMPÉRIO
Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI
R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1
R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
FÚRIA SILENCIOSA

«Sempre», a mais recente longa-metragem de Steven Spielberg, em exibição actualmente em Lisboa

M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3
CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1
Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES
Av. de Roma, 7-A - T. 801313
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1
R. Martens Ferrão - T. 538743
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS
Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON
R. dos Condes, 4 - T. 326283
FÚRIA SILENCIOSA
M/18 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

OLIMPIA
Rua dos Condes, 13 - T. 325309
SEXO PARA RICOS E POBRES
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1
Centro Com. Alvalade
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2
DESAFIO TOTAL
M/12 - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA
R. Portas de St.º Antão - T. 326305
VENTOS DE MUDANÇA
Filme de Terence Ryan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1
R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOITES SÃO MAIS BELAS QUE OS VOSSOS DIAS
Filme de Andrej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3
AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
Filme de Walt Disney
(Falado em português)
M/6 anos - Às 15.00, 17.00 e 19.00
COOKIE
M/12 - Às 21.45 e 24.00

QUARTETO 4
CORAÇÕES SOLITÁRIOS
Filme de Paul Cox
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1
Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3
O TRIUNFO DO ESPÍRITO
M/16 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE
Av. da República - T. 730715
JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR
Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL
Estação do Rossio - T. 371573
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30

TURIM
Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
VALMONT
Filme de Milos Forman
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON
Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
(Encerrado para férias)

ALMADA

ACADEMIA ALMADENSE
Telef. 2752127
VALMONT
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO
Av.Gen.Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
ADEUS AO REI
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
COOKIE
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR
Telef. 2905350
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS
ATLÂNTIDA CINE
Telef. 2465653
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30
LOUCURA DO SURF
Hoje e amanhã às 24.00

CASCAIS
MIRAMAR
Sala 1
Telef. 2841769
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD
Av. 25 de Abril - T. 2865027
ASTÉRIX E A SURPRESA DE CÉSAR
Para todos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS
CINE PALMEIRAS
Telef. 2479144
Sala 1
ATA-ME
M/12 anos - às 15.15 e 21.30

Sala 2
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS
ALTO DA BARRA
Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA
BABILÓNIA
Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM
ESTÚDIO FLORES
Telef. 9147570
CLUBE DOS POETAS MORTOS
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ
KING D. PEDRO III
Telef. 4364845
Sala 1
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
O JOVEM EINSTEIN
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

RÁDIO

ANTENA 1
Desdobramento em Onda Média - Emissores do Litoral - e 99.4 em FM - Zona de Lisboa

14.00: O Linho e a Seda; **15.00:** Praça dos Sons; **17.00:** Antena 1 - Regiões; **17.15:** Porto d'Abrigo.

Onda Média e FM Estéreo

14.00: Antena 1 - 14/17; **17.00:** Sete Mares; **19.00:** Jornal das Dezanove; **1920:** Musical; **20.00:** No Estúdio e no Estádio. Inclui «Diário da Volta»; **20.30:** Musical; **21.30:** Imaginário. Noticiários de hora a hora.

ANTENA 2
FM 2 - Estéreo

17.30: Música coral sinfónica de Mendelssohn; **18.15:** Canções de Claude Debussy; **19.00:** Integrais - Os concertos para piano de Chopin; **19.35:** Álbum Musical. Obras de Bach, Mozart, Paganini, Bizet, Verdi, Tchaikowsky, Richard Strauss e Schumann; **20.10:** Álbum Musical (cont.); **20.40:** Esta Madrugada na Antena Dois; **21.00:** Música de câmara de Mozart; **22.00:** Música Vocal Comentada; **23.00:** Concerto da Noite com o maestro Guido Cantelli; **23.40:** Maurizio Pollini interpreta Schubert; **00.20:** Um autor dirige a sua obra; **00.53:** Obras para órgão de Bustehude, Bruhns e Pachelbel; **01.18:** Uma Obra de Kurt Weill; **01.40:** Duetos de Amor de Verdi; **02.00:** Música na Madrugada. Noticiários de hora a hora.

COMERCIAL
Onda Média 283, 290 e 397 m

16.30: Quando o Telefone Toca; **17.00:** Contacto; **19.00:** Jornal; **19.30:** Quanto o Telefone Toca; **20.00:** Praça de Táxis; **21.00:** Pela Estrada Fora; **22.00:** Religiosos; **22.15:** Desporto; **23.00:** 24ª Hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM - Estéreo 97.4 MHz
18.00: RDS - Rádio das Seis; **21.00:** Mercador de Sonhos; **00.00:** A Noite Passada; **01.00:** Som da Frente; **03.00:** Quem Tramou o Locutor. Noticiários de hora a hora.

VOZ DO ALENTEJO
15.00: Boa Tarde, Alentejo; **18.00:** Bola Branca; **18.30:** Transmissão do Terço; **19.00:** Coisas e Loisas.

SNOOPY POR SCHULZ

CARTAZ/TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

15.40 - CASA DE IRENE
16.10 - MUSEU MARÍTIMO DE ÍLHAVO
16.20 - BUCK ROGERS
6º Episódio
17.05 - O MUNDO ANIMAL
Neste programa iremos conhecer a vida dos leões
17.30 - BRINCA BRINCANDO
Com «Otto - O Cão Vira Latas», «Bill - O Ama Seca», «Fredy», «O Cavalo de Fogo» e «Paraíso Perdido».
18.35 - OS MARRETINHAS
19.00 - ESPECIAL VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA
8ª Etapa - Marinha Grande / Tondela
19.35 - JOGO DE CARTAS
20.00 - TELEJORNAL
20.30 - BOLSA DIA A DIA
20.35 - O TEMPO
20.40 - BOLETIM AGRÁRIO
20.45 - RODA DE FOGO
31ºEpisódio
21.45 - JOGOS SEM FRONTEIRAS
6ª Emissão dos «Jogos Sem Fronteira» que se desenrolam de novo na Jugoslávia, com a equipa da Madeira a representar Portugal.
23.05 - HISTÓRIA DE DUAS CIDADES
3º Episódio
24.00 - 24 HORAS
00.30 - REMATE

6ª Edição dos «Jogos Sem Fronteiras», no 1º canal às 21.40

No 2º canal às 21.30, Vincente Van Gogh «Encontro com a Música e a Dança»

RTP-2

15.25 - AGORA, ESCOLHA
Bloco A: «Colt em Acção»
Bloco B: «Brigada Especial»
17.00 - JOGOS DA AMIZADE/1990
18.30 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
163º Episódio
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus o Duende» e «Ana dos Cabelos Ruivos»
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLÁSSICOS DA TV
«Ruas de S. Francisco»
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - VINCENT VAN GOGH - ENCONTRO COM A MÚSICA E A DANÇA
22.00 - ÓPERA
«A Coroação de Popeia» é a última ópera do ciclo de Monteverdi em homenagem ao encenador Jean Paul Pawnell. Monteverdi escreveu esta ópera com libreto de Giovanni Busenello e tem um prólogo e três actos. Foi estreada em 1642 em Veneza no Teatro S. Giovanni e Paolo. A sua acção passa-se em Roma no ano 55 da nossa era. Cantores: Rachel Yakkar, Eric Tappy, Trudeliese Schmist, Matti Salminen, Paul Estwood, Janet Perry, Alexander Oliver, Maria Minetto, Philippe Huttenlucher, Peter Keller, Suzanne Calabro, Francisco Araiza, Werner Gröschel, Rudolf Hartmann, Peter Straka, Fritz Peter.

PARABÓLICAS ALBA

• Antena de 90 cm Off-Set equivalente às tradicionais de 110 cm.
• LNB com polarizador incorporado.
• Receptor esterofónico com 16 canais memorizáveis. • Telecomando infravermelhos com todas as funções.
• Poder de captação:
— Actual: 8 canais
— A partir do final do ano: 24.
Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

AUDIMAX T. 4106275 Algés

AMANHÃ

RTP-1

09.01 - BOM DIA
10.00 - ÀS DEZ
12.05 - A GATA COMEU
13.00 - NOTICIAS
13.27 - BOLSA DIA A DIA
13.30 - DALLAS
14.15 - ROTAS DO EXTREMO OCIDENTE
14.45 - PAUL MACCARTNEY
15.40 - A CASA DE IRENE
16.10 - PAIS E FILHOS
17.15 - O MUNDO ANIMAL
17.40 - BRINCA BRINCANDO
18.40 - OS MARRETINHAS
19.05 - ESPECIAL VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA
19.30 - JOGO DE CARTAS
20.00 - TELEJORNAL
20.30 - BOLSA DIA A DIA
20.35 - O TEMPO
20.40 - BOLETIM AGRÁRIO
20.45 - RODA DE FOGO
21.40 - PRIMEIRA PÁGINA
22.40 - SARACEN
23.35 - 24 HORAS
00.10 - REMATE

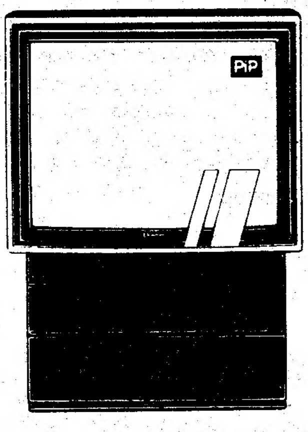
RTP-2

14.02 - PRIMEIRO JORNAL
14.20 - SUPERGATOS
14.40 - ESPAÇO INFANTIL
15.00 - FILHOS E FILHAS
15.30 - AGORA, ESCOLHA
17.00 - OS NOVOS CAÇA-FANTASMAS
17.25 - CONTOS CONTADOS
17.45 - NO RASTO DOS ANIMAIS SELVAGENS
18.30 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
19.10 - ESPAÇO INFANTIL
19.55 - VIA RÁPIDA
20.05 - CLASSICOS TV
21.00 - JORNAL DAS NOVE
21.30 - CINEMAGAZINE
21.50 - CINEMADOIS

BLAUPUNKT
Seleccionou para si...

RTP 1
JOGOS SEM FRONTEIRAS

RTP 2
VINCENT VAN GOGH



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH
Um pequeno ponto faz a diferença

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES
SOS CTC
OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

Trabalhamos hoje com a tecnologia do amanhã

27 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA

Reparamos hoje em sua casa, o seu TV ou VÍDEO

Frota equipada com rádio-telefone para maior RAPIDEZ e EFICIÊNCIA

24 horas antedimento

899762 • 899826 • 8482786
Av. S. João de Deus, 13-B • R. de Macau, 8 . Lisboa

«Neste momento, o problema do dr. Mário Soares é ser demasiado consensual, o que é um mau sintoma»

António Pedro Vasconcelos, «O Independente», 03.08.90

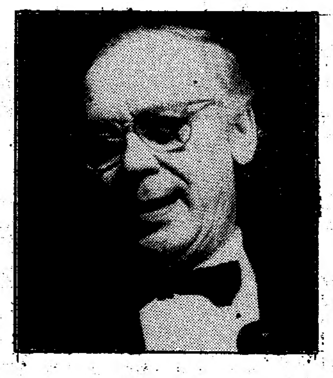
A PERGUNTA DO DIA

Gracinda Sousa
Instituto Português do Sangue

Como vai funcionar o Instituto Português do Sangue, criado na semana passada?

« O Instituto Português do Sangue (IPS) contém em si as intenções do seu antecessor, o Instituto Nacional do Sangue, criado nos anos 50. O novo organismo resulta do decreto-lei aprovado na semana passada em Conselho de Ministros, e que vai regulamentar uma lei aprovada há precisamente um ano. O IPS será o pólo aglutinador de uma estrutura mais vasta com a qual se pretende, primeiro remediar e depois resolver o problema da doação de sangue. No IPS vai ficar incluída a Rede Nacional de Transfusão Sanguínea e os três centros regionais que vão ser criados em Lisboa, Porto e Coimbra. O que se pretende, fundamentalmente, é promover a dádiva de sangue e subsitituir a actual prática da dávida dirigida - resultante dos deficientes recursos humanos e técnicos - por uma recolha regular. Nesse sentido, vai ser lançada uma grande campanha de informação por todo o País a fim de sensibilizar os potenciais dadores.»

APLAUSOS A...



Raul Solnado, pela homenagem que lhe foi prestada na passada sexta-feira pela Embaixada do Brasil. Actor e comediante há várias décadas, Solnado é, não só uma das mais populares figuras do teatro português, como um exemplo vivo da amizade luso-brasileira. Pelos serviços prestados aos dois países no âmbito da cultura, o embaixador brasileiro resolveu condecorá-lo Oficial da Ordem do Rio Branco. Para quando uma homenagem portuguesa?

Victor Costa, pela sua amabilidade, delicadeza e reconhecimento do trabalho dos seus colaboradores. Passamos a explicar: o vereador do pelouro do Turismo da Câmara Municipal de Lisboa ofereceu, este Verão, férias pagas às suas duas secretárias. A primeira vai acompanhá-lo no Cruzeiro Europeu Jovem, enquanto a segunda o representará no Comboio Europeu. São, com certeza, umas férias merecidas para duas colaboradoras dedicadas.

& PATEADAS A...

Telecom Portugal, por preferir utilizar o inglês no seu *jingle* publicitário. Uma empresa portuguesa de comunicações deveria privilegiar a nossa língua. No entanto, talvez por questões de sonoridade, preferiu que a letra do *jingle* seja «all you need is call», numa alusão clara à canção «All you need is love», dos Beatles. É lamentável que a Telecom não tivesse encontrado nenhuma canção nacional onde se pudesse inspirar pois, apesar de a produção musical portuguesa ser pequena, existe, certamente, alguma que se possa adaptar.

TELECOM PORTUGAL

«OS VERDES»

«Os Verdes», pela grande confusão interna em que se encontra desde há alguns meses. Mergulhados na conflitualidade e na politiquice, os ecologistas estão a deixar vir à superfície os equívocos ideológicos que se fazem sentir no partido desde a sua formação, tentando acabar com a definição de «verdes por fora, vermelhos por dentro». Está a travar-se a guerra dos que querem ser vermelhos por dentro e por fora e dos que preferem o verde para ambos os lados. Vejamos qual acabará por ser a cor dominante...

CRÓNICA

Prenda de Agosto

Era tão malandro o bife que se enrolava todo na frigideira. Lume brando, lume forte, o resultado era sempre o mesmo: enroladinho sobre si, ensimesmado, o estupor do bife parecia uma folha seca.

- Que peste de carne! Que carne tão fraca!

Ora em casa havia um seixo branco, branco e pesado, que a praia de Agosto tinha oferecido como recordação. Vai daí não tardou muito que o seixo branco fosse colocado sobre aquela teimosa carne. Assim comprimido, lume forte azulado, o bife, por mais músculo que fizesse, já não conseguia enrolar-se.

- Ora toma!

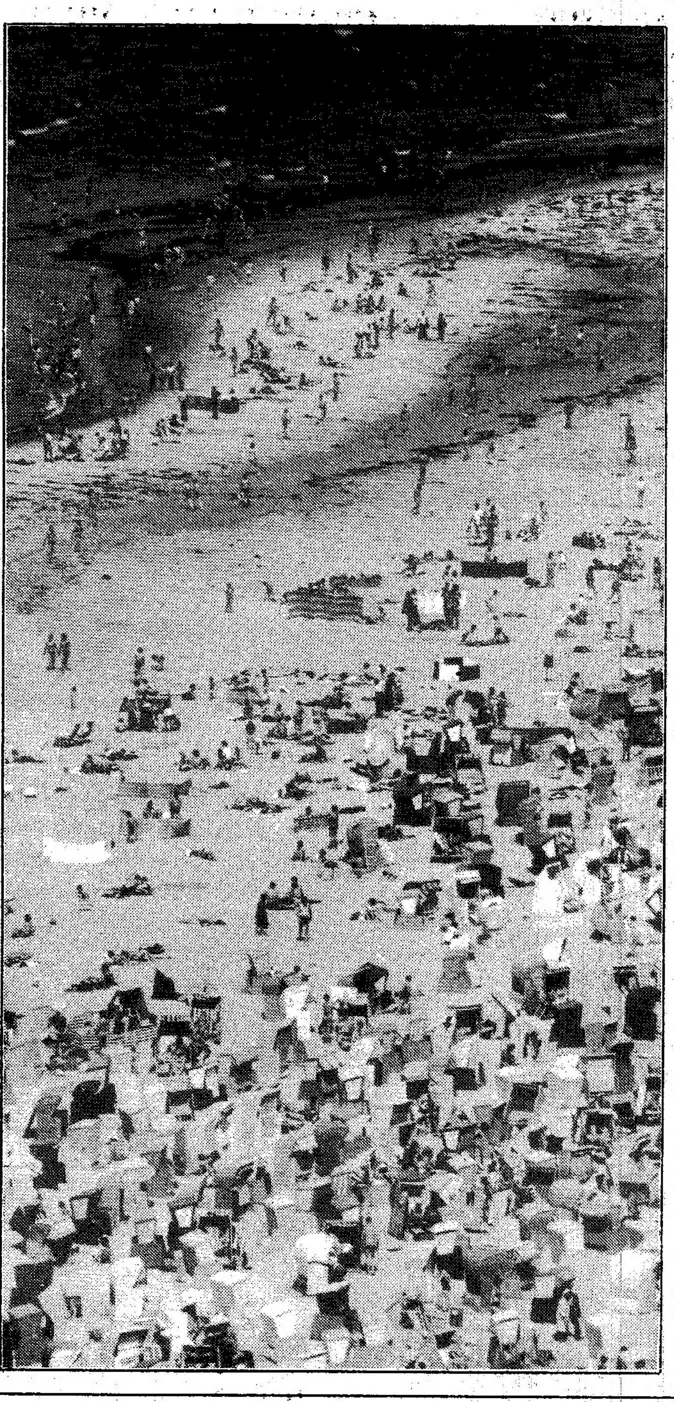
Apagado o lume, e retirado o seixo, o bife, espalmadinho, parecia uma língua a querer as dobras da língua.

- Toca para a mesa!

Logo faca e garfo o trataram como um bife deve ser tratado, isto é, passaram-no ao estreito sem nódoas na toalha.

Quanto ao seixo branco, ficou na cozinha como auxiliar - e só de vez em quando, num dia e noutro dia, surgia aos olhos como lembrança da praia de Agosto. Ficou entre os talheres, frigideiras e panelas. A lépida utilidade tinha-o furtado às coisas inúteis, paradas e belas...

Pedro Alvim



Terça-feira no

Diário de Lisboa

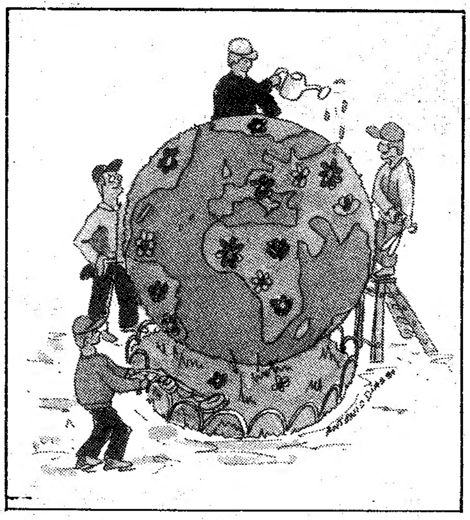
Operação Survie/90: Conferência de Paris sobre Países Menos Avançados

Drogas leves: para quando a despenalização?

As crónicas de Umberto Eco e Artur Portela

Crónica de economia política por Mário Murteira

Flores: um mundo de espinhos fiscais



Leia no

SUPLEMENTO DE ECONOMIA

TERÇA-FEIRA

A.M.A. ® Auto Monumental do Areeiro S.A.

CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS — PEÇAS — SERVIÇOS — OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 • Telefs. 894185/6/7/8
1000 LISBOA
Telex 63403 AMACAR • Telefax 80 47 75